

Defesa Nacional



DE OUTUBRO

9 4 3

NOVEMBRO

9 5

DEL DIRECTOR NACIONAL MILES

TER DEL LIMA (MILITARIO)

TER DEL DODONA (MILITARIO)

TER DEL BAHIA (MILITARIO)

DE JANEIRO

9 4 3

A DEFESA NACIONAL

Fundada em 10 de Outubro de 1913

Ano XXX

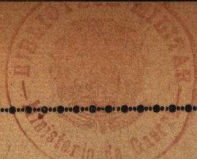
Brasil — Rio de Janeiro, 16 de Outubro de 1943

N.º 353

SUMARIO

	Págs.
Editorial	475
O emprêgo da Cavalaria ligeira Motomecanizada — Cel. J. B. Magalhães	479
Subsídio para o estudo da atual guerra — Traduzido do artigo: Os carros de combate na Rússia e na África — da redação da revista "Le France Libre" — Volume V - número 29).	495
Você sabe estudar ? — 1.º Ten. Nilton Freixinho	513
A margem dos combustíveis — Notas sobre o Petróleo — Cap. Umberto Peregrino	521
A guisa de contribuição — Major Newton Franklin do Nascimento	527
Projetores de iluminação na Artilharia de Costa — Cap. Oly Dornelles	537
Rommel, o legendário — Ten. Cel. Paulo Mac Cord	543
A lei do brio — (De "O Paiz", de 3 de Agosto de 1886)	560
A economia na guerra totalitária — Ten. Cel. Ar- mando Vasconcelos	561
Os cossacos derrotam unidades blindadas — Cap. Hugo Bethlem	579
Serviço em campanha do D.A.C. — 1.º Ten. Octavio Alves Velho	583
A batalha de El Guettar, na Tunísia — Ten. Cel. Lyra Tavares	599
A razão de reserva — Aspirante I.E. Jaime Rolem- berg de Lima	603
Noticiário & Legislação	607

Cat.



A PUBLICIDADE

NA

A Defesa Nacional

Comunicamos ao público, em geral, ao comércio e indústria do país e aos nossos anunciantes do Rio de Janeiro e dos Estados, em particular, que todo o serviço de publicidade desta revista está a cargo, desta data em diante, do

Bureau Interestadoal de Imprensa

com escritórios à

Praça Mauá, 7 - 13.º andar

Telefones: 43-9918, 23-1451 e Oficial 2-515

Caixa Postal, 365 — End. Telegr.: "BUREAU"

•

Sucursal em SÃO PAULO:

Praça da Sé, 23 - 1.º andar

Telefone 3-3252

Beaumarchais

AN ADVENTURER IN A CENTURY
OF WOMEN

Paul Frischauer

1936
IVOR NICHOLSON AND WATSON
LIMITED
LONDON





Paul Frischauer, biógrafo e sportman

EMBORA seu nome já fosse conhecido em todo o mundo, de vez que **Paul Frischauer** é considerado pelos críticos mais severos como êmulo de Emil Ludwig e Stefan Zweig, entre nós, o biógrafo do Snr. Getúlio Vargas tinha um livro de longa extração: "GARIBALDI". Agora, com o aparecimento no dia 7, de "PRESIDENTE VARGAS" que dentro de dois meses circulará em todo o mundo traduzido em sete idiomas, cresceu a curiosidade em torno desse escritor austríaco. Milionário feito com os livros, autor de "BEAUMARCHAIS" de cuja obra damos um fac-simile. **Frischauer** é um sportman apaixonado, tendo se dedicado na mocidade ao tennis e, ultimamente, na Inglaterra, ao hipismo. N'outra fotografia vemos um aspecto da casa de campo do biógrafo na Inglaterra onde ele escreveu alguns dos seus livros.

10 - X - 1913

A "**A DEFESA NACIONAL**" completa hoje trinta anos de bons serviços prestados ao Exército.

Continuando o programa traçado pelos seus fundadores de difundir ensinamentos militares e o progresso da ciência da guerra em todas as unidades do Brasil, dele não se têm afastado seus sucessivos diretores até à atual administração.

Desde o início do grande acontecimento que empolga o mundo, em suas páginas tem sido transcrito tudo que de notável há aparecido nas principais revistas de línguas inglesa, francesa, espanhola e alemã.

O número de assinantes tem crescido desmesuradamente a ponto de a Administração negar-se a aumentá-lo mais, porque o custo de cada exemplar é bem maior do que o preço de venda. Não temos o interesse do lucro, porquanto a "**A DEFESA**" não é de ninguém — é de todos.

Há esperanças de aumentar-lhe a tiragem, beneficiando maior número de companheiros, pois que acabamos de fazer contrato com o "**Bureau Inter-tadoal de Imprensa**", entregando-lhe o nosso serviço de publicidade. Com essa medida temos a certeza que advirão vantagens gerais: nós não teremos que tratar com agentes de anúncios, despendo-nos inteiramente dessa responsabilidade; e, com o lucro da publicidade, poderemos aumentar o número de páginas, publicando maior quantidade de artigos e fazendo crescer a tiragem.

A Diretoria resolveu comemorar seu trigésimo aniversário no próximo dia 10 de novembro, apresentando um número especial.

10 - X - 1943

EDITORIAL

Neste crucial ano de 1943, o mês da América deve ter para nós uma acústica tôda especial. O continente americano, ameaçado pelas forças do ódio, da cobiça e da tirania, viu-se envolvido no conflito armado pelas nações totalitárias, e passa pela suprema prova da sua história. Prova cruel e custosa, sorvedouro de vidas e riquezas, mas que, em todo caso, está servindo para demonstrar o idealismo, a vitalidade, a determinação e a capacidade de ação dos jovens povos destas terras livres. Não os iludiu e, menos ainda, os intimidou o poderio germânico, avassaladoramente instalado na Europa, e prestes a transbordar sôbre o mundo inteiro. O continente americano não se deixou abater, não fraquejou, não traiu o seu generoso e alto destino. Preferiu a luta, inda que não estivesse preparado para ela. Estava, porém, prepa-

rada, forte, incorrutível, a rija alma dos seus filhos.

* * *

A unidade americana é intangível, porque não assenta em combinações políticas — sistema precário, movediço, sujeito ao capricho ou à inspiração dos estadistas. Há uma consciência americana fundada na identificação geográfica e moral.

Aqui não há antagonismos geográficos, não há fronteiras perpetuamente críticas, não há ambições territoriais, não há disputas econômicas com caráter de rivalidade, não há conflitos raciais gerando ódios, não há preocupações de hegemonia ou de domínio político. A vida americana rege-se, desde as suas origens, no sentido da liberdade, da igualdade, da tolerância, da cooperação.

E repousa nesse conjunto de condições, muitas naturais, porém outras, sem dúvida, criadas e cultivadas pelo homem americano, o segredo do equilíbrio do Novo Mundo, em contraste com a desordem que avassala periodicamente a velha Europa.

* * *

O Brasil orgulha-se de ter sido um indiscutível precursor do panamericanismo. Em 2 de

dezembro de 1823 James Monroe enviava aquela famosa Mensagem ao Parlamento, em seguida à qual declarou, solenemente, “como um princípio em que estão envolvidos os direitos e interesses dos Estados Unidos, que os Continentes Americanos, pela livre e independente condição que assumiram, não se podiam considerar, dessa data em diante, como sujeitos a futura colonização por qualquer potência européia”. Estava assim fundada a chamada “Doutrina de Monroe” e a ela o Brasil aderiu imediatamente, pois são de 24 do mês seguinte as “Instruções”, do seguinte teor, dadas ao nosso representante diplomático na América do Norte:

“Os interesses do Brasil se acham em inteira concordância com os princípios do Governo dos Estados Unidos e de sua política.”

E desde então nunca o Brasil faltou com o seu apoio e a sua integral colaboração a tôdas as iniciativas destinadas a salvaguardar a segurança continental. Fêz disso uma das linhas mestras da sua política, defendida e praticada, intransigentemente pelos nossos mais eminentes estadistas. São, por exemplo, do grande Rio Branco, essas palavras que definem o ideal da “Doutrina de Monroe”, hoje plenamente realizado:

“O dia em que não exista senão um pensamento e uma ação em toda questão internacional

que afetar o Continente, então sim, não haverá ousadia capaz de nos impôr um vexame. Quando já não fôr só questão de ocupar um ponto, senão de bloquear meio Continente sôbre dois oceanos, as cousas mudarão substancialmente, não só para a segurança, mas também para o prestígio e o conceito moral da nossa América."

* * *

No quadro do mundo de hoje, conturbado pelas paixões irrefreáveis, sacudido pelo estrondo das bombas destruidoras de lares e monumentos, lançado à fome, à miséria e à anarquia, o espetáculo da América unida é um espetáculo impressionante. E nada certamente o perturbará, porque, como fixava o Presidente Getúlio Vargas, ao saudar o Presidente Peñaranda, no Itamarati, "assenta na generosidade, na consciência de que tôdas as nações americanas são iguais e devem ajudar-se mutuamente, as mais ricas e desenvolvidas distribuindo com as outras tudo quanto poder servir-lhes para atingir a um grau maior de prosperidade".



Entrada do Quartel do 9.º B. C.



Interior do Quartel do 9.º



ASPECTOS DA NEVADA EM CAXIAS (RIO GRANDE DO SUL)

4 - VII - 1942

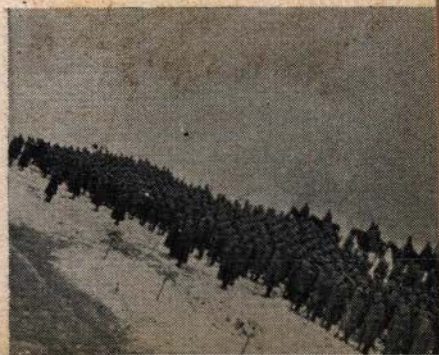
FOTOGRAFIAS ENVIADAS PELO **Cel. ALCINDO NUNES PEREIRA**
CMT. DO 9.º B. C.



Oficiais do 9.º B.C. em pose na neve



O 9.º B. C. formado na





otão do 9.º B. C. regressa ao
Quartel



Tropa do 9.º B. C. na neve

CAXIAS - a nevada de 4-VII-1942



Tropa do 9.º B.C. em exercício

a do 9.º B. C. em exercício



Tropa do 9.º B. C. em exercício





GENERAL RENÉ CORBÉ

UMA PÁGINA DE SAUDADE

Cel. ADEMAR BRITO

Por um lacónico telegrama de Clement Ferrand de 17 de Agosto, próximo passado, tivemos a infausta nova do passamento do General René Corbé, ocorrido no Castelo de Rivarennnes — Departamento de More. E' ainda sob esta dolorosa impressão que, como seu velho amigo, venho dizer algumas palavras sobre a personalidade desse distinto Chefe, ornamento de escól do Exército Francês, e que, por mais de nove anos, transmitiu à toda uma geração, os seus conhecimentos da arte da guerra, como provecto Diretor de Estudos da antiga Escola de Aperfeiçoamento de Officiais.

Nascido em 13 de Julho de 1883, alistou-se como voluntário em Outubro de 1902. Com o curso de Saint Cyr, é sub-tenente em 1904 e, ao romper das hostilidades em 1914, como tenente, parte para a linha de frente, sendo promovido a capitão em 1919. No decorrer da guerra 1914-1919, serviu sucessivamente no E. M. da 108ª Brigada, 132ª D.I., 30º Corpo do Exército e finalmente no G.Q.G. Em 1920 ingressa na Escola Superior de Guerra, concluindo o curso em 1922, com honroso conceito dos chefes. Servia no E.M.E. (3.ª Secção) quando ascendeu a Chefe de Batalhão em Março de 1923. A 17 de Abril desse ano deixa o E.M.E., como parte integrante da Missão Militar Francesa no Brasil. Em 1929 regressa à França para o estágio na tropa, servindo no 159º Regimento Alpino. Promovido a Tenente coronel em 1932, retornou ao Brasil, a chamado do Gal. Huntzinger, então chefe da M.M.F., sendo-lhe confiada a direção do Curso de Tática Geral da Escola de Estado Maior e, posteriormente, a de Diretor de Estudos da mesma Escola. Voltando novamente à França em janeiro de 1935, assume o comando do 4.º R.I., sendo promovido a coronel em 1936. Declarada a guerra em 1939, comanda uma I. D. na linha de frente. Em Março de 1940, conquista os bordados de General de Brigada. Durante a Batalha da França comandou uma D.I. No momento do armistício comandava a 9.ª Divisão Militar. Possuia as seguintes condecorações: — Cavalleiro da Legião de Honra; Cruz de Guerra (5 citações); da Ordem de S. Estanslau; Cruz de Mérito Militar de 1.ª Classe (Espanha) e a Ordem do Cruzeiro

do Sul com que foi distinguido pelo Governo Brasileiro. Sempre usufruiu de seus Chefes, elevado conceito, o que podemos constatar entre outras, na seguinte citação:

ORDRE GÉNÉRAL N.º 84 DU GOUVERNEMENT DE VERDUN
(C.A.) DU 17-11-1914

“Officier possédant de hautes qualités d'intelligence, de coeur, d'activité et d'énergie. A montré en toutes circonstances le plus grand, le plus ardent et le plus ferme courage, s'exposant sans compter sur les points périlleux et raffermissant par son exemple, les troupes ébranlées par les feux violents d'artillerie et d'infanterie qu'elles avaient subi au cours du combat”.

Assumindo a direção de estudos da E.A.O. em 12 de Setembro de 1923, elaborou as suas diretivas, imprimindo orientação segura às disciplinas escolares, não se sabendo o que mais enaltecer: — se a proficiência com que eram ministradas as conferências e palestras em sala, se o modo singularmente expressivo, como explanava os assuntos no terreno. Todos aqueles que cursaram a Escola, em 24, ainda conservam por certo, indelevelmente gravada, a impressão fortíssima que os empolgou, em face da exposição feita no terreno pelo saudoso Mestre, quando estudou: “O Combate do Morro dos Araujos”. Viver a situação!... Com que discernimento, golpe de vista seguro e invulgar competência, o distinto Mestre, fazia ressaltar o terreno aos nossos olhos o emprego dos meios e o combate nas diferentes fases... Era tal a nitidez de expressão que, muitas vezes, em arobos de entusiasmos, vivia a situação como na realidade e então, era visto, num gesto largo e expressivo, apontando ora para um um ponto, ora para outro, simular, aqui, o gargalhar de morte das metralhadoras barrando a progressão do assaltante; ali os Stoks concentrando seus fogos numa zona mal batida; acolá, o 37 fazendo calar uma metralhadora mais afoita e, mais além, o desencadeamento dos tiros d'artilharia sincronizados com a Infantaria que avançava... Este seu modo de sentir e interpretar as situações táticas em todas as suas modalidades, tornou-se uma tradição nos trabalhos escolares, revigorada ainda nas Manobras de Quadros da E.E.M. Como Diretor de Estudos, soube aliar o seu comprovado saber às necessidades da instrução, sem entretanto tirar a iniciativa dos seus dignos auxiliares, na confecção dos seus programas de ensino. O seu método de trabalho, fez em cada instrutor, um verdadeiro amigo e um admirador. Como Professor nunca impôs uma solução; esposava as que lhe eram apresentadas pelos seus instruendos, fazendo entretanto



GENERAL RENÉ CORBÉ

ressaltar as observações que lhe pareciam justas. Como Soldado, sempre foi o primeiro a dar o exemplo e, onde quer que houvesse uma fração de alunos, sob o sol escaldante, a bruma, e mesmo sob a chuva, incentivava o trabalho dos instrutores com a sua presença, despertando sempre a atenção dos assistentes para um ponto interessante a estudar. Fez mais ainda como Soldado: — cultivou com especial carinho, essa bela árvore frondosa exuberante de seiva e, cujas raízes, se acham entrelaçadas nos corações de todos aqueles que vestem uma farda, isto é, a Camaradagem! Como Cavalheiro, sempre foi um “gentleman” e como Amigo, um conselheiro, um irmão dedicado. A maneira afável e gentil como acolhia os alunos, quando chamados ao confissãoário, isto é, inquerindo de cada um os seus serviços, o tirocínio na tropa, faziam-no impor-se desde logo, com a maior simpatia. Aos oficiais brasileiros à quem distinguia como seus auxiliares, era de ver sempre o gesto familiar, carinhoso e paternal, quando lhes falava, isto é, de colocar a mão sobre o ombro como que os aproximando mais ainda do seu boníssimo coração. Sempre que os lazeres do *metier* o permitiam, reunia os seus adjuntos, sem olvidar os cherifes das turmas, vinculando cada vez mais os laços que prendiam brasileiros e franceses!...

Às vezes éramos recebidos no recesso do seu lar amantíssimo, enflorado com a presença de suas graciosas filhas, onde a fidalguia do gesto e do trato, fulgia na figura insinuante e amável de Madame Corbé. Como Caráter sempre se impoz por atitudes varonís e retilíneas, de uma lealdade a toda a prova... Na Direção de Estudos demonstrou o elevado senso psicológico de que era dotado, a par da mestria com que dirigia, orientava e instruía... Sempre timbrou em fazer justiça, destacando aqueles que melhor se revelavam nos trabalhos escolares, para que a seleção de valores fosse um fato na terminação do Curso. Com o seu espírito coordenador, concorreu para a satisfação das necessidades materiais da E.A.O., muito se esforçando ainda, pelo aparelhamento da tropa à disposição da Direção de Ensino. Não esmorecendo nunca, conseguiu após uma luta árdua, atingir o seu objetivo primacial, isto é, a criação das Unidades Escolas, autônomas, dotadas de todos os recursos e, com pessoal selecionado. Sentia-se ufano do rendimento de trabalho apresentado por aquelas unidades, não poupando elogios aos seus oficiais e soldados. Muito apreciava a inteligência e vivacidade dos seus instruendos, culminando na facilidade de assimilação. Sempre que os vagares lhe permitiam, procurava se identificar com o nosso meio e costumes, se aprofundando em a nossa história pátria... Amava o Brasil na grandiosidade de sua terra, o seu progresso, beleza e fertilidade do solo... Empolgava-o, o rendilhado de nossas praias de alvas areias, a vegetação luxuriante de nossas matas, a imponência de nossas montanhas e gigantes de pedra, o pitoresco de nossas ilhas e sobretudo, as ascensões às grandes altitudes, Tijuca, Pedra da Gávea, Itatiaia, Teresópolis... Teresópolis a magia da luz, da côr e da sombra,

coroada pelo Dedo de Deus, comovia sobremodo a sua alma de artista e panteista... Ao partir, afirmou, que um dia voltaria para matar as saudades dos bons amigos e da terra que lhe era querida... Quis o destino, porém, com a sua garra adunca, que esse anelo se esvaísse, como sombra fugidia...

O seu coração sensível, que vibrava, qual harpa eólica, ao sopro dos ventos da amizade, do carinho da família e, do amor da pátria, emudeceu... A sua figura insinuante e varonil, reproduzida na tela, viverá porém em nossos corações e, será como um símbolo, assinalando aos posteros as brilhantes tradições que deixou na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais!...

Repousa em paz, Mestre e Amigo!... Quando na campã fria ouvires um rumorejo, como tatarar de asas mansas, perdoa os que profanam o teu sono eterno... Perdoa, sim, porque são os teus irmãos de armas do Brasil, que em espírito e pensamento, rompendo os páramos do infinito, já que não pudeste vir, adejam sobre ti, e sentirás como o cicio da brisa na folhagem, o orvalhar de pétalas de rosas!... São flores da alma... São as flores da saudade orvalhadas de pranto!....



Instrução da Observação nos Corpos de Tropa

do Major BATISTA GONÇALVES

Livro indispensavel na biblioteca
DE QUALQUER MILITAR

PREÇO 8\$000 - PELO CORREIO 9\$000

À venda na A DEFESA NACIONAL



Casa Muniz

OUVIDOR 102

Porcelanas de
Rosenthal
Crystales de
Baccarat
Faqueiros de
Christofle
e prata 90



Kaufmann

Reflexões sobre a Doutrina do emprego dos Carros de Combate

Pelo Major OLÍMPIO MOURÃO FILHO

I) — Na parte final do estudo anterior, examinamos a vó de pássaro, algumas formações que podia afetar a Companhia de Carros, para realizar dispositivos de combate. Tomamos, como base do trabalho, a organização ternária, isto é, Companhia a três Pelotões, Batalhão a três Companhias e Regimento a três Batalhões (um de carros Médios e dois de carros Léves).

Trataremos hoje, com mais minúcias, do assunto em causa, o qual é de suma importância.

II — Organização e dispositivo.

1. E' evidente que a técnica de qualquer arma reage diretamente sobre a organização da mesma; não menos certo é que o emprego tático decorre, além de outras circunstâncias, substancialmente das características técnicas.

Sendo assim, a organização é uma resultante da técnica e da táctica, isto é, estrutura-se determinada arma em função de suas características e do seu emprego, dobrando-se a estas duas condições, o mais possível, as servidões económico-administrativas que devem ter flexibilidade suficiente para garantirem a *vida da arma* no combate. Por outras palavras:

- 1.º — o emprego tático está amarrado às possibilidades técnicas;
- 2.º — a organização deverá ser capaz de atender à vida da arma, tanto na paz quanto na guerra, sem jamais entrar em conflito com as necessidades técnicas e táticas.

2. Para melhor compreensão, tomemos a organização da Infantaria, no âmbito até Companhia.

NOTA — Continuação do número anterior.

Verificamos, sem grande esforço, os pontos essenciais seguintes:

- a) um F. M. não pode bater eficientemente mais do que 50 metros de frente — servidão técnica —;
- b) sua *vida* em combate exige:
 - certo número de homens para guarnecê-lo — servidão técnica;
 - outros para protegê-lo — servidão tática.

Resultantes:

- 1.º — a organização do G. C. tal qual conhecemos e adotamos;
- 2.º — o emprego normal do F. M. deve ser numa frente de 50 metros, no máximo.

c) Com dois G. C. batem-se 100 metros, mas se um Pelotão tivesse somente 2 G. C., seria uma fração linear para 100 metros, só podendo oferecer profundidade com um G. C. em 1.º escalão e um em 2.º, com apenas 50 metros de frente, o que é muito pouco e obrigaria a Companhia a ter um grande número de Pelotões — consequência a ser evitada para não dividir demasiadamente a atenção do Capitão.

Dáí, a necessidade de ter o Pelotão, no mínimo, 3 G. C., não devendo ter mais de 4, para não dividir a atenção do Tenente por muitos elementos.

Seria longo, e não é objeto de nosso trabalho, continuar, ainda que perfuntoriamente, a análise das causas que influem sobre a organização da Infantaria, exemplo que escolhemos. Diremos, apenas, que com a organização ternária da Companhia — sub-unidade capaz de vida econômico-administrativa até certos limites — ela tem possibilidades, embora elementares, de manobra porque com dois pelotões em 1.º escalão — batendo uma frente já quasi apreciavel — poderá ter, em certas circunstâncias especiais, um pelotão *não fixado pelo fogo inimigo* e capaz, por conseguinte, de movimentos outros que não *sempre para a frente*.

Claro que, tais possibilidades de manobrar aumentam com as dimensões da frente em que a unidade é *capaz de fixar o inimigo pelo fogo*, combinada com a profundidade que ela pode guardar *em vista da potência de suas armas e da manevrabilidade* dos seus elementos componentes.

Eis porque, o G. C. e o Pelotão não teem capacidade de manobra, a Companhia só a tem em casos excepcionais, o Batalhão tem alguma e no âmbito Regimento já se pode contar normalmente com a manobra em muitas circunstâncias.

Quando dizemos que G. C., Pelotão e Cia. não teem capacidade de manobra, é claro que nos referimos a outras diferentes da combinação simples do fogo e do *movimento para a frente*.

Ora, voltando à Companhia, verificamos que, com seus três elementos componentes é possível obter-se um certo número de combi-

nações interessantes para realizar dispositivos, tais como, 1 pelotão em 1.º escalão, 1 em 2.º, 1 de reserva, ou 2 em 1.º escalão e 1 em 2.º na esteira do 1.º escalão à direita ou à esquerda, tudo de acordo com a missão, terreno e inimigo. Se a plástica do dispositivo não corresponde inteiramente à situação, é que foi mal escolhido, *anti-econômico*, permitam a expressão.

Devemos fixar como de *importância fundamental*, o seguinte: a infantaria combate para *conquistar e ocupar o terreno* ou mantê-lo; nestas condições, o dispositivo de qualquer unidade deverá permitir que a mesma possa, na ofensiva, desenvolver o combate nas melhores condições técnicas e táticas possíveis e depois ocupar o terreno e mantê-lo em condições idênticas. Como sóe acontecer, às vezes, que as condições de ocupação, após combate, podem diferir algo das do desenvolvimento do mesmo (devido às reações diferentes dos vários trechos do terreno e atuação do inimigo nas várias fases), um dispositivo só faz plástica perfeita com a situação, quando *no mínimo contém em germe* o dispositivo final, no caso em que não possa com o mesmo coincidir.

Outro princípio fundamental: para que uma fração de unidade de infantaria possa manobrar, é indispensável que não esteja fixada pelo fogo e, ainda mais, que o inimigo em sua frente esteja fixado por outra fração ou por outra unidade.

Conclusão fundamental:

No estudo da organização de uma Arma, a componente mais importante é a gama de dispositivos que ela deve poder realizar, em face de suas missões no combate.

3. Apliquemos o mesmo método de raciocínio na organização das unidades de carros e vejamos se a estrutura ternária escolhida no trabalho anterior para o início do estudo dos dispositivos, é a melhor ou é aceitável.

Começamos, portanto, por investigar qual a missão dos carros, no combate, pelo menos para as ações de Conjunto e Acompanhamento que é o objeto desta primeira parte do nosso trabalho.

- Missão de conquista e manutenção do terreno, como a da Infantaria? — Não.
- Missão de apoio pelo fogo como as bases de Infantaria? — Não.
- Missão de apoio pelo fogo como o fornecido pela Artilharia? — Não.

O carro é uma *arma de destruição*, agindo como a Artilharia, em tiro direto, quando emprega seu canhão; é uma base móvel de fogo de Infantaria, agindo em neutralização, quando emprega suas armas automáticas, em movimento; não pode ser considerado uma base de fogo como as de Infantaria, porque *só em casos excepcionais*

poderá ficar parado e executar fogos de neutralização. Não conquista terreno. Não ocupa terreno. Destrói armas, neutraliza armas. É muito mais eficiente, nas destruições, do que a Artilharia (em relação aos objetivos do campo de batalha), porque atira diretamente ao alvo e próximo e muito menos eficiente na neutralização do que a Infantaria, porque não pode permanecer no terreno, e logo após sua passagem, com exceção dos efeitos de destruição obtidos, cessam todos os demais de neutralização e se a Infantaria não puder penetrar na posição, à sombra do seu apoio, o carro voltará às linhas e há que recommençar tudo de novo.

É muito vulnerável a certos órgãos de fogo inimigo, muito sensível a certos terrenos e acidentes e vê muito mal.

Nestas condições, seu emprego deve ser rápido, por surpresa, e em quantidade suficiente para efetuar *de uma só vez e na mesma fase* (isto é muito importante) *o maior número possível de destruições*, de modo que, cessados os efeitos da neutralização assegurada pela sua presença e fogos no terreno, a eficiência do fogo inimigo esteja *diminuída ao máximo e a um ponto tal que permita à infantaria resolver o restante do problema* :

alargamento da brecha, limpeza, ocupação.

Além disto, *as unidades de carros podem manobrar, sem que o inimigo em sua frente esteja fixado. Esta é a principal diferença que, sob o ponto de vista tático, apresentam as unidades de Carros e as de Infantaria.*

Conclusões imediatas e transcendentais :

1.º — Só excepcionalmente guardam-se reservas de carros, pelo fato de que a ação deverá *ser de uma só vez, num só esforço*, para uma determinada fase. Além disto, o fato de que *o carro pode manobrar sob o fogo*, isto é, romper o combate em qualquer momento e regressar às linhas, por si só mostra a inutilidade em se guardar reserva. A reserva na Infantaria tem sua necessidade definida na mais pesada servidão da arma, traduzida no "slogan" tático: tropa empenhada, tropa fixada pelo fogo, tropa perdida até o final da missão, isto é, *indisponível*. . .

Ora, o carro pode ser considerado, mesmo em plena ação, como sempre disponível, devido à sua capacidade, conferida pela couraça, de romper o combate em qualquer momento. Além disto, como não ocupa terreno, suas missões tem o caráter fundamental de temporárias, *não podendo ser fixados pelo inimigo.*

Assim como não se faz reserva tática de elementos de Artilharia, não se colocam carros em reserva, pelo menos nas missões de Acompanhamento e Conjunto.

É evidente que, no emprego das Divisões Couraçadas, o caso muda de figura inteiramente.

2.º — No âmbito do dispositivo, as frações em 2.º ou 3.º escalão cooperam nos fogos de neutralização, durante o deslocamento, de modo que o terreno é batido por um conjunto de fogos em toda a profundidade, em face da possibilidade de atirar sempre, mesmo na direção onde já se acham unidades de escalão mais avançado graças à proteção das couças.

Ora, numa organização ternária da Companhia (já vimos atrás que o Pelotão só age em linha de batalha), as combinações reduzem-se às seguintes modalidades do dispositivo:

a) coluna de pelotões — frente pequena, grande profundidade — ou, por outras palavras, três vagas de carros passando pela mesma faixa de terreno.

Vantagens: maior profundidades batida, maiores probabilidades para os efeitos de destruição, porque os objetivos que escaparem à 1.ª vaga, serão percebidos e atacados pela 2.ª e 3.ª, agindo cada uma como um pente;

Desvantagem: frente muito pequena (250 metros se se tratam de carros leves, 300 se são médios).

b) Linha de Pelotões — a Cia. toda em linha de batalha — *Vantagem* (aparente) — grande batida, cerca de 700 metros;

Desvantagem — uma vaga única, *penteando mal e uma única vez* o terreno; daí, pouca duração dos efeitos de neutralização que cessam rapidamente com a passagem do *pente único* e poucas probabilidades de se obterem efeitos numerosos de destruição.

c) Dois Pelotões em 1.º escalão, um em 2.º (direita ou esquerda reforçada).

Neste caso, a frente batida é de dimensões ótimas para uma Companhia, *mas a parte do terreno percorrido por uma só vaga fica mal neutralizada e as destruições muito limitadas.*

Admitamos, pois, a Companhia a 4 Pelotões e vejamos a reação sobre os dispositivos:

a) o dispositivo em linha de batalha para toda a Companhia, tanto no caso de três (3) Pelotões como no de 4, deve ser encarado como de emprego excepcional, para não dizermos logo, inaceitável. As razões são óbvias e não se prendem especificamente aos Carros, mas a qualquer unidade (cavalaria ou infantaria), se bem que elas sejam muito mais sensíveis quando se tratam de carros de combate. Efetivamente, um dos princípios básicos que devem presidir à escolha das várias modalidades de dispositivo ou formação, quer se trate de ordem unida, exercícios de maneabilidade ou combate, é a possibilidade do exercício do comando nas melhores condições.

Ora, as ligações no sentido da profundidade, são sempre muito mais fáceis do que no da frente e as dificuldades aumentam aritmeti-

camente com a profundidade, porém crescem geometricamente com as dimensões da frente.

O ideal será sempre, para uma determinada fração, tê-la em profundidade e não em linha, durante qualquer ação.

Além disto, tratando-se de combater, o esforço deve ser exercido em profundidade. Todavia, se se colocar uma Companhia de Infantaria em linha, desde que os Pelotões conservem uma formação em profundidade (suponhamos os mesmos com dois G. C. em 1.º escalão e o restante ou restantes em 2.º), ainda assim, para os efeitos de esforço, a Companhia *todavia mantém uma relativa profundidade*, graças aos G. C. de 2.º escalão.

Ora, os Pelotões de Carros agem sempre em linha de batalha, de modo que, colocada uma Cia. em linha, ela não guardaria profundidade nenhuma, razão porque o efeito linear seria muito mais sensível numa Companhia de Carros do que numa de Infantaria, com todos os Pelotões em 1.º escalão.

Por isto, quando citámos, tratando da organização ternária, a formação em linha, embora a de maior frente obtida, denominámos de *vantagem aparente* a maior frente batida.

b) Coluna de Pelotões — profundidade muito grande em relação à frente, isto é, um só Pelotão em 1.º escalão e 3 em escalões sucessivos — pouco econômico quanto à frente a bater e exageradamente forte em face da profundidade.

A desvantagem maior, além da citada, é que a formação torna-se muito vulnerável à artilharia e às armas anti-tanques, coalhando uma faixa estreita de muitos veículos, com um escoamento mais demorado.

Embora não seja *ótima* pode ser necessária em alguns casos, dependendo da natureza das organizações inimigas, possibilidades do terreno, etc.

c) Quadrado — isto é, 2 Pelotões em 1.º escalão e 2 em 2.º. É a formação ideal para a Companhia, por todos os motivos, a saber:

- assegura uma frente útil de cerca de 500 a 600 metros, correspondendo a uma brecha *desejável* para a penetração de um Batalhão de Infantaria;
- permite uma profundidade de cerca de 600 metros, neutralizada por duas vagas, isto é, *penteada* duas vezes;
- formação simples, facilitando ao máximo a ação do comando;
- bastante densa, sem ser macissa, possibilitando, quando no âmbito de um Batalhão, ser seguida de outra Cia. na mesma formação, permitindo cobrir uma faixa de terreno de 600 x 1.200 metros, com 4 vagas de carros.

Conclusão :

A organização ternária, para a Cia., não é a melhor. Pode ser tolerada como organização orçamentária.

Não trataremos aqui da organização do Batalhão.

Diremos apenas que não há os mesmos inconvenientes na organização ternária do mesmo — e isto justificaremos quando estudarmos o emprego da Divisão Couraçada. Não obstante, ainda o Batalhão a 4 Cias. é melhor do que a 3, especialmente para os Carros Médios.

III — *Noção gral da Ação de Acompanhamento. — Constituição do Grupamento Mixto — Noção geral da Ação de Conjunto.*

1. Acompanhamento.

A) — Na ação de acompanhamento os carros agem em íntima ligação com o escalão de ataque.

Constituem a base de fogo seja deslocando-se junto com o escalão de ataque, seja precedendo-o.

Temos, pois, duas modalidades do acompanhamento.

1.^a modalidade — Os carros partem para o ataque, seguidos imediatamente pelo 1.^o escalão da infantaria, o qual *vai amarrado aos mesmos*, utilizando-se deles ao máximo, como cobertas móveis e beneficiando-se da neutralização obtida.

Neste caso, terão que regular sua velocidade de modo a possibilitarem aos infantess seguirem-nos. Lembremo-nos, de passagem, que os carros Leves teem uma velocidade de combate que pode atingir até 6 quilômetros à hora (8 a 9 quilômetros de marcha livre em terreno variado) e que a Infantaria não pode acompanhá-los nesta andadura.

Esta modalidade de acompanhamento não pode ser usada em qualquer situação. Em presença de uma defesa anti-carro ativa, ou em zonas muito favoráveis à observação da artilharia, seria por demais perigoso expôr os carros a uma velocidade muito baixa.

Esta modalidade de acompanhamento é apropriada para certas *ações locais* e neste caso, frequentemente os Pelotões de carros ficam diretamente às ordens do Comandante do Batalhão.

2.^a modalidade — O movimento dos Carros e da Infantaria é articulado por um jogo de linhas a serem atingidas, de modo que os engenhos partem para uma determinada linha e a infantaria só se lança ao ataque depois que a sub-unidade de carros de acompanhamento atingiu o objivo.

A escolha das linhas (que são linhas de objetivos a serem atingidos pelo grupamento Infantaria — Carros) depende do terreno, do apoio de fogos de infantaria (fogos de engenhos anti-carros e mesmo neutralizações executadas pelas bases de fogo) e de artilharia de apoio direto, e é da responsabilidade do Cmt., do grupamento Mixto, salvo as restrições que naturalmente podem ser feitas pelo Cmt. da D. I.

Esta é a modalidade usual do apoio de carros a um Regimento de Infantaria.

B) — Constituição do grupamento Mixto.

Para as ações de acompanhamento, são constituídos os Grupamentos Mixtos de Infantaria-Carros.

O grupamento normal compõe-se de um Regimento de Infantaria e de um Batalhão de Carros.

Um Grupamento fraco (também de emprêgo excepcional) pôde ter uma dotação menor de carros, dependendo especialmente da maior ou menor acessibilidade do terreno, e outras circunstâncias.

Um Grupamento forte pôde ser dosado na proporção de um Regimento de Infantaria e 2 Batalhões de Carros.

Todavia, como noção *indispensável a fixar*, devemos assinalar que *numa ação de ruptura, o apoio mínimo de um Batalhão de Infantaria deve ser uma Cia. de Carros e o normal, duas Companhias destes engenhos*.

O Comandante nato do grupamento Mixto, é o Comandante do R. I. Todavia, se, excepcionalmente em certas circunstâncias inevitáveis, o Comando deve tocar ao Cmt. do Btl. de Carros, neste caso, o Ajudante do R. I. passa a fazer parte do seu E. M. e a superposição dos P. C. do Btl. e do R. I. é obrigatória, devido às facilidades de ligação e outras.

C) — Ação de conjunto.

A — Do estudo sucinto da ação de Acompanhamento — desempenhada pelo Grupamento Mixto — verificamos logo que se trata de um emprego de carros em *proveito particular* de um Regimento, ou melhor dito, as sub-unidades de carros são empregadas pelo Comando do Regimento ou Grupamento Mixto. Em relação à Divisão, trata-se, pois de uma *utilização local*, à mercê da iniciativa e responsabilidade do Comandante do Regimento. Tal utilização tem quasi um carater de emprego de meios suplementares *postos à disposição* do Cmt. do R. I. interessado.

Além disto, a *profundidade* da ação é limitada pelo apoio das bases de fogo de Infantaria e suas armas anti-tanque orgânicas, e pela proteção conferida pelo apoio direto da artilharia, o que exige um material relativamente modesto em suas características.

A Ação de Conjunto é caracterizada, ao contrário, pelos pontos seguintes:

a) — Não há distribuição de meios; o Cmt. da Divisão emprega as unidades em proveito da manobra que ele concebeu; a ação dos carros, independente dos comandos das unidades de Infantaria, é inteiramente regulada pela Divisão em função da articulação que ele deseja obter

em sua Infantaria, o apoio que ele quer ou pode dar de sua Artilharia Conjunto ou outros órgãos de fogo postos à sua disposição (elementos de Artilharia do Exército, e até mesmo Aviação, em alguns casos especiais);

b) — a profundidade de ação é muito maior, como consequência do apoio de fogos mais longínquos que a Divisão pode dar aos carros;

c) — o material exige características técnicas diferentes que lhe assegurem uma robustez e um raio de ação compatíveis com a missão desempenhar.

B) — O mecanismo consiste essencialmente num jogo articulado de linhas de objetivos a serem alcançados sucessivamente pelas unidades de carros (via de regra um Batalhão de Carros correspondendo à frente de linha R. I. empenhado) que partem para o ataque na frente dos Grupos Mixtos, (ou das tropas de Infantaria, quando não há Ação de Acompanhamento) de modo a atingirem uma linha quando os Grupos Mixtos vão partir da intermediária que lhe antecede.

As linhas são, é claro, as determinadas pela Divisão, ao passo que as intermediárias (quando é o caso) são fixadas pelo Cmt. dos Grupos Mixtos.

O esquema anexo, em grandes linhas, mostra uma articulação possível e ilustra tudo que ficou dito atrás.

C — Para finalizar o presente estudo, que será retomado com todas as minúcias no nosso próximo trabalho, que será completado com um *esquema concreto esquematizado* para análise e depois transportado para a carta e resolvido, vejamos alguns dados técnicos relativos aos vários materiais a serem utilizados nas Ações de Acompanhamento e Contato e indispensáveis daqui por diante.

1.º — *Classificação dos carros.*

A tendência moderna é classificá-los de acordo com o armamento de bordo.

A importância deste e a proteção desejada à guarnição reagem sobre o peso da couraça, esta influe sobre a potência do motor e a ação é condicionada ao raio de ação que, por sua vez, é função do motor e da capacidade do veículo. Está claro que um carro de armamento potente (canhões de 47, de 75, 80) não pode ser destinado a um pequeno raio de ação, e, sendo assim, sua couraça deverá ser capaz de afrontar a artilharia anti-tanque, de maiores calibres, orgânicas da infantaria, e, em certos casos, até mesmo de Exército.

Para nossos trabalhos, adotaremos a seguinte classificação que nada tem de fixa e nem pretende ser a verdadeira ou atual:

1 — Auto-metralhadoras de reconhecimento ou de combate, rolando sobre lagartas ou semi-lagartas ou rodas.

Armamento: metralhadoras de qualquer calibre.

2 — Carros Leves.

a) — couraça impermeável às armas automáticas e, conforme as circunstâncias, às armas anti-tanques pesadas e à prova de estilhaços de granadas;

b) — armamento: uma metralhadora e um canhão 37 de torre para todos os azimuts;

c) — visão assegurada por seteiras — má visão —. Não possui aparelhos especiais para as ligações;

d) — distância tipo para o tiro de destruição com o 37 — 400 metros;

e) — distância para a neutralização — até 800 metros, no máximo;

f) — velocidade de marcha em estrada — 20 km/h, velocidade útil para grandes marchas — 10 km/h, velocidade de combate — de 4 a 5 km/h, velocidade silenciosa — 1 km/h;

g) — raio de ação em essência para a marcha econômica — 8 horas;

h) — pode transpor trincheiras de 1m,50 de largura, vencer uma rampa de 35°, em terreno seco e duro, e pode atravessar cursos d'água até 90 centímetros de profundidade;

i) — equipagem: oficial ou sargento, chefe do carro e atirador ao mesmo tempo e um mecânico-condutor;

j) — peso máximo, 12 toneladas.

3 — Carros Médios.

a) — Couraça — impermeável às armas anti-tanques pesadas;

b) — armamento — uma metralhadora de torre, todos os azimuts, uma fixa e um canhão de calibre no mínimo 47;

c) — melhor aparelhagem de visão; o carro possui um posto rádio-elétrico;

d) — distância tipo para destruição e neutralização — a mesma que a dos Leves, mas com muito maior eficiência para o tiro;

e) — velocidade:

— de marcha — 50 km/h mesmo para as grandes marchas;

— de combate — veja letra g adiante;

— silenciosa — 1 km por hora;

f) — raio de ação em essência — 12 horas;

g) — Em terreno seco, sobre rampas de 40° com certa facilidade transpõe cortes de talúdes francos de 2m,30 de largura, podendo assim desenvolver uma velocidade de combate de 6 a 7 km por hora;

h) — equipagem — um oficial, ou sargento, um mecânico-condutor e um rádio-telegrafista;

i) — peso — 14 toneladas.

A DOCUMENTAÇÃO DE INSTRUÇÃO NA TROPA

Pelo Cap. JOSÉ HORACIO GARCIA

Como sabemos existe a documentação regulamentar, aquela a quem da qual é transgressão ficar: aquela mínima, que a experiência mostrou e que os regulamentos sancionam; peças imprescindíveis na máquina geral, nas oficinas particulares, que são os regimentos, os grupos e as baterias, as companhias, os esquadrões respectivamente, peças diretoras, de orientação, fiscalização e aprovação ou correção; peças de execução, necessárias ao bom rendimento do trabalho, elemento de previsão, de acionamento direto, que evita os males da improvisação e permite uma sequência metódica, regressiva e à propósito dos ensinamentos, qualquer que seja a categoria do instruendo.

À fora esta documentação, podem existir elementos auxiliares, afim de facilitar o controle, como sejam quadros, gráficos, etc... Exemplifiquemos: pode-se e será muito útil representar por um gráfico, os resultados das revistas de armamento feitas mensalmente por um fiscal administrativo da unidade ou por um comandante de sub-unidade. Não se deve negar, é um meio seguro de controle e de incentivo, e não apenas uma "visagem" como se diz na gíria.

Tratado em linhas gerais do mínimo, passemos aos excessos prejudiciais.

Que excessos ?

— em quantidade e qualidade.

Um quadro, um esquema, um gráfico, um mapa para cada coisa, gesto, operação... Programas-volumes, quadros de trabalho multi-cores, sessões de instrução datilografadas e enfeitadas, etc...

Mas, tudo isto pode existir desde que o essencial não sofra: compete ao chefe julgar e coibir.

Conhecemos o “comandante-dona de casa”, aquele para quem o soalho do quartel é tudo, as paredes quasi tudo; conhecemos o comandante de sub-unidade para quem a apresentação é o objetivo único, aquele que briga mais porque o sapato está sujo, porque não vê o colarinho, que por uma falha grave na instrução; conhecemos aquele para quem o quadrinho, a “fita”, o que possam dizer, a casca, a aparência a fachada é o supra; a instrução, a poeira, o suor, o campo, a saúde do homem, da montaria ou do motor, o estado do material, a capacidade para a ação pronta e eficiente, quasi nada.

Há muitos tipos assim unilaterais como podíamos chamar.

Mas, ainda o “mas”, há quem só veja isto, há quem cujos olhos se deslubrem deante de uma botina brilhante, de um quadro multicolor, etc. . . .

Não desconhecemos a necessidade do soalho limpo, do sapato limpo, da parede limpa, não desconhecemos o valor do quadro, do diagrama, mas condenamos o excesso principalmente em detrimento do essencial, do mais prático, do mais simples, mesmo do mínimo: — marcha-se bem, faz-se um olhar à direita deslumbrante, mas se aproveita mal o terreno, emprega-se mal o armamento, galopa-se quando se devia trotar, em síntese, não se está em condições de cumprir a missão mais simples, que é o essencial, que é o prático, que é o real. . .

E' comum, já ouvimos e já vimos, *o quadro, o gráfico* que não corresponde à situação de fato, *o programa* que não é cumprido e nem fiscalizado, *o fichario-vitrine*, só para vêr e mostrar, mostrar às autoridades, não aos que realmente o devem utilizar, *o livro registro de instrução* que poderíamos chamar de registro dos quadros de trabalho do capitão e não da instrução ministrada, *as sessões de instrução*, feitas e guardadas sómente para os dias de festa, como também sabemos *das limpezas de armamento e de cavallhada* para as visitas marcadas, como ainda *das roupas de cama e do material em geral* que só sai dos depósitos em determinados dias para produzir determinados efeitos. . .

Isto é o fitício, isto é o deshonesto. . .

Uma tropa instruida mostra-se particularmente n'um exercício de campanha, n'uma parada apenas se vê a parada que foi preparada.

Um exercício de campanha por exemplo de cavalaria, exige em geral um deslocamento e se neste pedir-se para um esquadrão uns minutos de trote na estrada, ter-se-á, conforme o caso, ou o efeito de

uma chuva numa fantasia de papel ou sinais de algo animador: — sereno se escoará na estrada longa tudo se passando naturalmente, repetição do que se vinha fazendo quasi semanalmente ou desarticular-se-á, cavalos galoparão, soldados ficarão na estrada atrasados, perderão perneiras, peças do equipamento tocarão sinfonias loucas, os oficiais esbravejarão tentando conseguir de seus homens e cavalos aquilo para que não os prepararam, o próprio chefe na ancia louca de comandar, de conseguir coesão talvez caia do cavalo, as viaturas quasi não sairão, a cozinha funcionará mal, queimando o feijão e o arroz, por fim no estacionamento, completar-se-á a impressão já precisa sobre o grau de instrução da tropa, homens ferverão agua nas marmitas, baterão estacas com a coronha de suas armas, cavalos enredar-se-ão no tronco, outros assustar-se-ão do bernal, todos sestarão antes dos cuidados preliminares com a cavallhada, uns lavarão roupa acima do bebedouro, por fim, talvez ainda o capitão adoeca antes do exercício tático...

Eis um meio seguro de verificação, raramente isto tudo acontece por azar...

Aí temos algumas das razões pelas quais a documentação de instrução em que inspira desconfianças... mas deante de uma verificação como a que sugerimos ruirá facilmente o castelo de cartas dos fichários fíctios, como o programa volumoso que prevê coisas inexequíveis, deante de um chefe curioso que se apresente a hora prevista no programa para assistir uma instrução que não foi preparada, que ali estava porque constava do programa original ou apenas para causar efeito num autoridade distante...

A organização da documentação não deve prejudicar a instrução; a máquina deve ser montada nas férias ou durante a época de instrução em horas suplementares ou mesmo crear-se paulatinamente...

O que não se justifica é chegar-se ao fim do ano de instrução com uma documentação muito completa e uma tropa mal instruida; em geral, a documentação feita de afogadilho, a documentação pouco trabalhada, é falha, não satisfaz.

Sejamós práticos, mas não ao ponto de desprezar a instrução, sua metodização que é a organização; não ao ponto de nos convencer que o "lessez faire" dará melhores resultados.

Precisamos estudar com carinho os processos de instrução, metodização e simplificação empregados em geral e deles deduzir, deante do

nosso homem, com seus costumes, seu físico, com sua cultura, processos nossos.

E' coisa decidida que devemos ser práticos, só o simples dá resultado e quanto mais bruta a matéria prima de que o instrutor se servir, mais objetiva sua instrução deve ser.

Sobre este ponto "ser prático e objetivo", já uma vez contamos que um recruta após 20 dias de aprendizagem, tantas coisas novas lhe tinham ensinado e tantas correções lhe tinham feito, que uma dia estancou deante de uma porta fechada, e interrogado, declarou que não sabia se aquela porta se abria como as outras.

Ainda sobre a questão acima, uma observação interessante aos instrutores é a relativa ao aproveitamento dos conhecimentos que o homem já possui, quer fazendo comparações, quer aproveitando sua prática num determinado trabalho semelhante a uma qualquer operação de instrução. E' necessário que os ensinamentos ministrado pelo monitor ou instrutor venham em reforço às tendências naturais do instruendo, provenientes de seus hábitos quotidianos ou trabalho a que se dedicava.

Todos conhecemos o desembarço com que o gaúcho anda no campo e já observamos que o acúmulo de observações e regras para andar, conduzir sua montada, etc., em geral tolhem nele aquela iniciativa e aquele desembaraço naturais.

Tudo nos indica que selecionar a materia e aproveitar o tempo.

Particularmente na instrução dos graduados e especialmente na de formação dos oficiais da reserva, precisamos nos apresentar práticos, sem rodeios, tocando logo e diretamente os pontos capitais.

O aluno candidato a oficial da reserva é uma matéria especial e que deve ser moldada por mãos seguras e sábias. Recorda-se estas matérias plásticas no trabalho das quais o operador tem um tempo determinado para ultimar seus retoques: consolida-se rapidamente, quero dizer apreende facilmente. Daí a exigência das mãos sabias.

Mas só pode ser prático aquele que tem experiência, que está perfeitamente senhor do assunto que vai ensinar; prática não se aprende nos livros, nem se compra nos armazens ou lojas.

Dai, dever uma preocupação das escolas de aperfeiçoamento, inculcir este espírito no aluno; dande uma necessidade premente de retirar o conceito de "apresentação" de determinados trabalhos, passando mesmo a ser uma parcela negativa.

Exemplifiquemos: pede-se a redação de um quadro de trabalho para uma determinada semana de instrução n'um esquadrão, companhia, etc.

Em geral todos os alunos se esforçam por apresentar um trabalho perfeito particularmente na forma, trabalho datilografado, com uma bela capa de cartolina às vezes até impressa, letras variadas, colunas multicores, em síntese um trabalho no qual não perdeu menos de um dia, quando na realidade não teria mais que duas horas no máximo.

Claro é que isto não é prático; mas é preciso que os instrutores nas suas correções mostrem realmente o que deve ser, uma coisa simples: na qual gastem no máximo, uma média de hora e meia de trabalho, realmente como se faz no corpo, que levem em conta no julgamento o trabalho em si e não os enfeites, as capas, os desenhos e às vezes até as dedicatórias... e não justamente o contrário, o que vai constituir por seu exemplo um incentivo a maiores complicações; bem sabemos e algumas vezes já praticamos, que é comum o instrutor formular uma questão para ser resolvida em uma hora e num determinado espaço de papel, apresentando depois uma solução na qual perdeu duas horas e gastou o dobro do papel...

São alguns aspectos da questão...





INDANTHREN

Tem-se applicado para tingir o BRIM VERDE
OLIVA, a tricoline cinzenta, a MESCLA e as LO-
NAS. para o uso do EXERCITO E MARINHA
Os corantes

INDANTHREN

— As cores dos tecidos tintos com —

INDANTHREN

Satisfazem plenamente as condições de solidez e
resistencia exigidas pelos Ministerios da Guerra e
— — — — — Marinha — — — — —

VOCABULÁRIO DA GÍRIA NORTE-AMERICANA (Slang)

Pelo Tenente OCTAVIO ALVES VELHO

Baseado no "Webster's Collegiate Dictionary" (5.^a ed.) e no "Dictionary of American Slang" de M. H. Weseen.

I — GÍRIA DE SOLDADOS

— A —

A E F	Depois da derrota da Inglaterra.
Ah-ah-treatment	Tratamento de doenças da garganta.
Amalgam	Setor em que as tropas Americanas e Francesas se acham misturadas.
Angel's whisper	Um toque qualquer de corneta ou clarim.
Anzac	Soldado australiano.
Apron	Emaranhado de fios.
Archie	Canhão anti-aéreo.
Army bible	Os regulamentos militares.
Ash can	Uma grande granada alemã.
Assopi	Sonolento; caindo de sono.
Attaboy	Eis o homem! — Isso mesmo, rapaz! — Aí rapaz!
Attaboys	Os soldados norte-americano em geral.
Aussi { 'Aussey }	Soldado australiano.
Aviatik	Um policial francês qualquer.
Awkward squad	Turma de recrutas recém-incorporados.

— B —

Baby elephant	Pequeno abrigo de chapa de ferro ondulado.
---------------------	--

Bantam	Homem abaixo da altura mínima exigida para o serviço militar; nanico; "tampinha".
Barb wire garters	Jarreteira do arame-farpado (Diz-se que pertencem a esta ordem os que não possuem nenhuma condecoração ou honraria).
Baron	O comandante do exército.
Basket case	Soldado que perdeu ambos os braços e ambas as pernas.
Bayonets	Soldados rasos; praças simples.
Bean tote	Cêdo (Corruptela do francês "Bien tôt").
Bear cat	Combatente valoroso; intrépido; intrépido; "galo".
Belly robber	Sargento do rancho.
Benzine board	Comissão da "benzina" (Assim chamam à comissão de oficiais que rebaixa um colega, ou impede sua promoção).
Big Bertha	Célebre canhão alemão de 220 mm da primeira Grande Guerra.
Big bow-wow	Sargento-ajudante.
Big-boy	Qualquer canhão grande.
Big push	Batalha do Somme.
Big stuff	Uma granada grande.
Big Willie	O Kaiser Guilherme.
Bill	O Kaiser Guilherme.
Billard	Terra-de-ninguém.
Billy do	Carta amorosa (Corr. do fr. "Billet doux").
Bing boy	Soldado canadense.
Binged	Vacinado.
Bing spot	Marca de vacina.
Black-Jack	O Comandante-em-chefe da Fôrça Expedicionária Norte-a-Americana.
Black Maria	Grande granada carregada com alto explosivo.
Blanket drill	Soneca; "tora"; "pestana".
Blue	Soldado francês (Corr. do fr. "Bleu").
Blue bonnet	Soldado escossês.
Blued	Ser escalado para um serviço em outro lugar.

Bluet Jovem soldado francês (Corr. do fr. "Bleuet").
Boche Um alemão; os alemães; o inimigo.
Bochis A terra de destruição; o território inimigo.
Body snatcher Padioleiro.
Bokoo Muito, bastante, em abundância (Corr. do fr. "Beaucoup").
Bakoo soused Muito embriagado; completamente bebado.
Boloism Traição.
Bone jar Alô! — Como vai? — Bo-dia! (Corr. do fr. "Bon jour").
Bonswar Boa noite — Até logo — Adeus (Corr. do fr. "Bon soir").
Booby	} .. Uma prisão; xadrez.
Booby hutch	
Booby trap Estratagemma usado pelos 'Alemães para pegarem prisioneiros.
Bosom chums Insetos daninhos em geral (piolhos, pulgas, percevejos, etc.).
Brass foie Um tenente.
Break Rebaixar.
Brig Xadrez.
Buck Soldado; praça simples.
Buckshoe Ferramentas de sobressalente; peças sobressalentes de equipamento.
Buddy Companheiro, camarada, irmão d'armas. Por extensão, qualquer soldado norte-americano. De um modo geral, um irmão ou um rapaz qualquer.
Bud war Sala reservada para as senhoras (Corr. do fr. "Boudoir").
Bullion Sopa (Corr. do fr. "Bouillon").
Bull pen Xadrez.
Bully beef Carne cozida em conserva.
Bumble and buck Um jogo de dados.
Bump Bombardear; atirar sobre um alvo.
Bumped off Morto; "bombardeado".
Bunk fatigue Doente de cama; soneca tirada no alojamento ou na barraca durante o serviço.

Bunkie	Qualquer soldado, ou mais especialmente 'um camarada' (No exército ativo este termo é mais usado do que "Buddy").
Burbury	A França.
Burglar	Um bûlgaro.
Burgoo ou Burgu	Espécie de sopa paga no Exército.
Busher ou Bushes	Um alemão; os alemães.
Business	A França.
Busted	Rebaixado.
Butt	Parte de uma classe de alistados separada para servir, usualmente uma fração de um ano.
Buzzers	Membros do Corpo de Sinalização (Transmissões).
Buzz wire	Fio telefônico.
By Joe	Uma joia (Corr. do fr. "Bijou").

— C —

Caffy	Café; um salão de café; restaurante.
Camel Corps	A Infantaria.
Cannon fodder	Soldados; praças simples.
Canteen medals	Rótulos de garrafas de cerveja.
Cat stabber	Baioneta.
C B	Detido no estacionamento como punição de uma transgressão leve.
Chance one's mit	Arriscar-se demais; passar por um grande risco.
Charlie	Mochila do infante.
Chats	Piolhos.
Chatting up	Catando piolhos.
Chatty	Fêmea do piolho.
Cheese toaster	Baioneta; algumas vezes, usa-se para designar espada, sabre, etc.
Chick	Pequeno.
Chin-chin	Até-logo.
Chow	Um cereal. De um modo geral, qualquer alimento.
Chuck one's weight about	Empertigar-se; afetar superioridade; pavonear-se; andar enfiado; fingir; puxar "pose".
Cits	Roupas civis.
Civvies	Civis; paisanos.
Click it	Ser ferido; ser morto.

Clink	..	Cadeia; xadrez.
Clobber	..	Vestes; roupas; vestuário.
Clock	..	Rosto; cara.
C. O.	..	Abreviatura de "conscientious objector", indivíduo que se recusa a prestar serviço militar por motivo de consciência, na paz ou na guerra.
Coal box	..	Granada explosiva alemã que emitia uma fumaça espessa e escura ao arrebentar.
Coffeecooler	..	Preguiçoso; blefador.
Cognacked	..	Embriagado; bêbado.
Comealong	..	Fio de arame-farpado com um nó em uma das pontas, usado para amarrar um prisioneiro recalci-trante.
Come the old soldier	..	Fugir do serviço; "blefar"; "pular".
Compree}	..	Compreender — Você compreende?
Compray}		
		— Compreendido.
Concertina	..	Emaranhado de fios de arame farpado arrebentados.
Coup	..	Cabina de trem (Corr. do fr. "Coupé").
Coup	..	Estrondo; disparo; tiro; toque; ataque; assalto; golpe-de-mão; partida.
Cootie bills	..	Notas de meio-franco (Dinheiro francês).
Cootie explorer	..	Soldado ocupado em catar piolhos na roupa.
Cootie hunting	..	Caça aos piolhos.
Cooties	..	Piolhos mortos.
Copain	..	Um camarada.
Corn bill	..	Carne de boi cozida.
Corn willie	..	Carne de boi cozida e picada, com legumes (em conserva).
Corpse	..	Um corpo de exército; corpo de tropa.
Corpse ticket	..	Chapa de identificação do soldado.
Crump	..	Grande granada carregada com alto explosivo.

Curtain fire	Cortina de ferro e fogo; barreira de granadas; muralha de granadas.
Cushy	Confortável; à-vontade; fácil de realizar.

— D —

Dee donk {	{ Um francês (Corr. do fr. "Dis donc").
Didonk }	
Dekko	Uma vista de; um olhar em.
Deloused	Desinfetado; posto em um banho medicinal.
Demob	Desmobilizar; desmobilização.
Der uffs	Dois ovos (Corr. do fr. "Deux œufs").
Detruck	Descer de um vagão; apelar de um caminhão.
Devil-dogs	Fuzileiros-navais.
Dial	Rosto; cara.
Dickyleave	Saida sem permissão; ausência sem licença; escapada.
Digger	Soldado australiano.
Dirty neck	Uma senhoria; uma jovem.
Dishy billy	Despido; em trajes menores (Corr. do fr. "Deshabillé").
Dixie	Chaleira de campanha.
Dock	Hospital.
Dodge the column	Fugir do serviço; "blefar"; "pular".
Dog robber	Ordenança de um oficial.
Donk	Muar do Exército.
Do one's bit	Servir no Exército; morrer.
Doss	Dormir.
Doughboy	Em geral, qualquer americano na França.
Doughgirl	Moça americana que faz "doughnuts", célebre bolos de farinha frita em banha de porco e em forma de salva-vidas.
Dovetail	Soldado que terminou seu treinamento mas ainda não foi elevado de categoria.
Draftee	Um conscrito.
Driver's pint	Um galão (unidade de capacidade correspondente a 4 litros).

Dry canteen	Armazem ou cantina militar que vende tudo a crédito, menos bebidas.
Dud	Granad que não explodiu; granada inerte.
Dupan	Pão (Corr. do fr. "Du pain").

— E —

Eatables	Comestíveis; etapas.
Egg	Granada de mão alemã.
Eelight	Escol; selecionado; escolhido; o melhor (Corr. do fr. "Élite").
Elephant	Abrigo de chapa de ferro ondulado.
Elephant dugout	Espaçoso e relativamente seguro abrigo.
Embusque	"Pulador"; "blefador"; "golpista"; "embromador".
Emma Gee	Metralhadora; soldado metralhador.
Esprit de corpse	Espírito de corpo; camaradagem; fraternidade d'armas (Corr. do fr. "Esprit de corps").
Estaminet	Salão ou botequim francês.

— F —

Fag issue	Distribuição de cigarros.
Fatal pill	Granada de canhão.
Father rheumatism	Reumatismo da trincheira.
Fatigue	Qualquer serviço ou trabalho.
Fed up	Cansado de alguma coisa; aborrecido; desgostoso; saturado; "chateado".
Fedupmess	Estado de aborrecimento ou cansaço; "chateação".
Feeneesh }	{ Feito; acabado; pronto; tarde demais; tudo acabado.
Fineesh }	
Festoon	Emaranhado de fios.
Fiancé	Noivo; comprometido; "amarrado"; "encilhado".
Fiancée	Noiva; comprometida; "cilha".
Fire works	Bombardeio noturno
First to fight	Fuzileiros navais

Flags	Soldado de transmissões; soldado sinaleiro.
Fly slicer	Cavalariano; soldado de Cavalaria.
Feet-slogger	Infante; "pé-de-poeira".
For it	Enviado para o combate.
Fox pass	Uma ofensa social; mau-passo; calinada; "rata"; lapso; distração; passo em falso. Tem as variantes FAWK PASS, FOLKS PASS, FO PAWS. (Corr. do fr. "Faux pas").
Frankios	Franco (dinheiro francês).
Fritz	Um alemão; o inimigo.
Frog	Um francês; francês.
Front and center	Subir.
Full pack	Soldado com equipamento completo.
Funk hole	Um abrigo.

— G —

Garden fatigue	Serviço de jardinagem, capinação, etc.
Gaspirater	Máscara-contragases.
Get down to it	Dormir.
Get it	Ser morto.
G. I. can	Material de cozinha de ferro galvanizado.
Gippe	Banha de porco; gordura de presunto; sopa; gordo.
Give a steady one	Resmungar e amaldiçoar.
Geb	Marinheiro.
Goldbrick	Um polícia militar.
Goldfisk	Salmão.
Geese step	Passo-de-ganso (Passo de parada da infantaria).
Go ever the cognac trail	Ficar embriagado; embebedar-se.
Go West	Morrer; ser assassinado.
Gravel crusher	Infante; "pé-de-poeira".
Ground hog day	Dia do Armistício (11-XI-1918), em que todos os soldados saíram de seus abrigos.
Grouse	Resmungar, murmurar; queixar-se; lastimar-se.

- Gum the game *Intrometer-se; interferir; estragar as coisas; meter-se no que não é da sua conta; estragar prazeres.*
- Guy *Um companheiro; o melhor amigo da gente.*

— H —

- Hair brush *Granada de mão com cabo.*
- Hard boiled *Muito rigoroso em matéria disciplinar; severo; rígido; áspero; desagradável; intratável; rude; grosseiro.*
- Hard-tail *Muar do Exército.*
- Hatrack *Cavalo inválido; animal imprestável.*
- Have the cafard *Estar amedrontado e abatido; ficar melancólico; ficar "encajado".*
- Heinie *Um alemão; o exército alemão; o inimigo.*
- H hour *A hora "H"; zero-hora; a hora do desencadeamento dum ataque ou do início de qualquer operação importante; hora marcada.*
- Hitch *Um período de serviço militar; tempo de serviço.*
- Hoonzellern *Um alemão.*
- Holy Joe *Capelão do Exército.*
- Honey wagon *Carroça de estrume usada pelos franceses.*
- Hoosgow *Corpo da guarda.*
- Horse soldier *Cavalariano; soldado de Cavalaria; "deca".*
- Housewife *Máquina de costura.*
- Human cyclones *Fuzileiros-navais.*
- Hun *Um alemão.*
- Hunland *Alemanha.*
- Hun pinching *Golpe de mão nas trincheiras alemãs em busca de prisioneiros.*

— I —

- Iddy umpties *Soldados do Corpo de Sinalização.*
- Incogmanete *Incógnito; disfarçado; mascarado.*
- In the pink *Em boas condições; em forma.*
- Iron rations *Ração de reserva em lata.*

— J —

Jack Johnson	Granada alemã carregada com alto explosivo.
Jawbene	Método de pagamento a-prazo ou a-crédito. — “To buy jawbene” quer dizer comprar e prometer pagar no dia em que sair o sôl-do.
Jawbreaker	Quebra-queixo (bolacha distribuída à tropa).
Jazz bees	Tropas americanas de homens de côr.
Jonny sass pass	Não compreendi; não sei (Corr. do fr. “Je ne sais pas”).
Jenny’s pa	Idem, iedem.
Jerry	Um soldado alemão; o exército alemão.
Jewish cavalry	A tropa de Quartel-Mestre; o Corpo de Intendência.
Jack	Um soldado escossês.
John	Recruta; novato; simplório; “otário”.
Jump off	Ir até o cimo; assaltar o inimigo em suas primeiras linhas de trincheiras.

— K —

Kamerad	Render-se, entregar-se; desistir.
Kenoozer	Conhecedor, perito; juiz habilitado (Corr. do fr. “Connaissance”).
Kip	Dormir; “torar”; uma sonéca; uma “tora”; uma cama.
Kitchen police	Pessoal da cozinha.
Knitling needle	Espada.
Knock civvies into shape	Treinar recrutas; instruir recrutas militarmente.
Knoched kee-kee	Indivíduo que perdeu os sentidos devido a uma pancada; desmaiado; ferido mortalmente; morto; assassinado.
Knuckle knife	Punhal com copo de aço.
K. O.	O comandante.

— L —

Laid out	<i>Machucado; sem-sentidos; desmaia- do; desfalecido.</i>
Lassie	<i>Mulher que faz parte do Exército da Salvação.</i>
Latrine rumor	<i>Notícias assustadoras, geralmente falsas; boatos.</i>
Leather hump	<i>Cavalariano; "deca".</i>
Leatherneck	<i>Fuzileiro-naval.</i>
Leg it	<i>Correr; dar o fora; dar as de Vila- Diogo; meter o pé; "pirar".</i>
Limoy	<i>Qualquer soldado britânico.</i>
Little Charlie	<i>Mochila</i>
Leegins	<i>Recrutas.</i>
Looie	<i>Um segundo-tenente.</i>
Look spare	<i>Estar desocupado ou aparentar que está.</i>
Lost	<i>Um primeiro-tenente.</i>

— M —

Madameizook	<i>Jovem francesa de moralidade sus- peita; prostituta.</i>
Manicure rat-tails	<i>Limpeza da cavallhada.</i>
Marmite	<i>Uma granada.</i>
Mercy	<i>Obrigado; delicadeza; boa vontade; benevolência (Corr. do fr. "Mer- ci").</i>
Mex	<i>Qualquer moeda corrente não ame- ricana.</i>
M.G.	<i>Uma metralhadora; um metralha- dor.</i>
Militerrorism	<i>Terror espalhado por forças milita- res.</i>
Minnie	<i>Uma "Minnenwerfer" alemã (apa- relho lança-minas).</i>
Missing	<i>Morto e não enterrado.</i>
M. O.	<i>Um oficial médico.</i>
Measner	<i>Uma pessoa triste; um companheiro infeliz.</i>
Monkey meat	<i>Carne em conserva.</i>
Moosh	<i>Corpo-da-guarda.</i>
Mounseer	<i>Um francês (Corr. do fr. "Mon- sieur").</i>

Movies	Soldado dos projetores.
M.P.	Polícia militar.
Muck in	Repartir as rações.
Mud crusher	Um infante; "pé-de-poeira".
Muddy water	Cerveja francesa.

— N —

Napee)	{ Terminado; acabado; feito; mor-
Napu }	{ to.
Nape fini	Feito; pronto; ido; desaparecido.
Napper	A cabeça.
Native sons	Ameixas passadas (i. é, passas de ameixas).
Night ops	Operações noturnas; manobras noturnas; exercícios noturnos.
No Man's Land	Terra-de-ninguém.
Non-com.	Oficial não-comissionado (sem curso).
Nose cap	Máscara-contragases.

— O —

O gesh	À esquerda; na esquerda (Corr. do fr. "à gauche").
Oil can	Granada de morteiro de trincheira alemão.
Old man	O comandante; o capitão da subunidade.
Olive oil	Até logo; até mais tarde; até outra vez; até breve (Corr. do fr. "Au-revoir").
On the cootie trail	Na trilha dos percevejos; caçando os percevejos no meio das roupas.
On the peg	Aprisionado; capturado.
O pip	Posto de observação; observatório.
O reservoir	Até logo; até outra vez; adeus; até à vista (Corr. do fr. "Au-revoir").
Ossifer	Um oficial.
Out	Inconciente; desmaiado; sem sentidos; desacordado.
Outfit	Uma companhia, um regimento ou uma divisão.

Over *Além da primeira linha; um assalto ao inimigo.*

— P —

Pabunuf *Uma pessoa considerada ou conhecida como má; coisa ruim; mau elemento (Corr. do fr. "Pas bon enuf").*

Pack drill *Exercícios extraordinários a título punição.*

Packing *Rações.*

Padre *Capelão militar.*

Paradise *Paris.*

Parley-voo *Falar, conversar, dizer (Corr. do fr. "Parlez-vous").*

Parlez vous *Falar francês (Usa-se dizer "Can you parlez-vous?") (Idem).*

Pass the buck *Fugir à responsabilidade ou ao trabalho.*

Pay a drill *Fazer exercícios extraordinários como punição.*

Permanent rest camp *Cemitério.*

Pictures *Embriagado; bêbado.*

Pie-eyed *Soldado dos projetores.*

Pig sticker *Baioneta.*

Pill box *Abrigo de metralhadora.*

Pink bars *Barretas (galões) douradas de tenente.*

Pien-pien *Soldado na linha de frente.*

Pip squeak *Pequena granada alemã.*

Poilu *Soldado na linha de frente, barba-do e cabeludo.*

Police up *Limpar.*

Posh *Olhar vivo; boa aparência.*

Pot *Granada.*

Potato masher *Granada de mão alemã.*

Prune *Bala; "ameixa".*

Punfrits *Batatas fritas (Corr. do fr. "Pommes frites").*

Pumpkin rinds *Dragonas; hombreiras.*

Punk *Pão.*

Pup tent *Barraca para duas praças.*

Push up the daisies *Ser enterrado na França.*

- Put a seck in it *Fique quieto; cale-se; acabe com isso; "moita".*
 Put the wind up *Blasfemar, praguejar, amaldiçoar.*

— R —

- Ragpicker *Homem do Exército da Salvação.*
 Rations speiler *Cozinheiro.*
 Read one's shirt *Catar piolhos nas costuras da camisa.*
 Red ink *Vinho tinto.*
 Rest in pieces *Ser morto por uma granada ou bomba explosiva.*
 Ricco *Uma bala que ricocheteou; tiro de ricochete.*
 Ringbone *Cavalo inválido, já imprestável.*
 Rob de night *Camisola de dormir (Corr. do Jr. "Robe de nuit").*
 Rooty *Pão.*
 Rosalie *Baioneta.*
 Routestoppy *Negligente, desleixado; indolente, vagaroso; sujo; desarranjado.*
 Rumbloed *Aborrecido; vexado; irado, encolerizado.*
 Russki *Um russo.*

— S —

- Safety Corps *Corpo de Intendência (Army Service Corps).*
 Salvation Sally *Mulher do Exército da Salvação.*
 Salvage *Roubar; desapertar, abafar.*
 Sam Brown *Um oficial.*
 Sammy *Um soldado americano (menos usado que "Yank").*
 Sand and speks *Sal e pimenta.*
 Sauce *Gasolina; "gasosa".*
 Sausage *Um alemão.*
 Sears and Reebuck lieutenant *Um novo tenente.*
 Sewed in a blanket *Morto e enterrado.*
 Shackles *Guisado usualmente pago à tropa; "gôroroba".*
 Shadbelly *Cavalo imprestável.*
 Shag *Cigarro de tabaco estrangeiro.*
 Shavetail *Um segundo-tenente.*

Shavetail general	.. Um general de brigada.
Shell shecked	.. Covarde, medroso.
Shimmy	.. Camisa (Corr. do fr. "Chemise").
Shirt explorer	.. Soldado ocupado em catar piolhos ou percevejos.
Shirt hunt	.. Caça aos piolhos e percevejos; busca na roupa.
Shivvos	.. Uma festa (Corr. do fr. "Chez vous").
Shever	.. Um motorista; um bombeiro (Corr. do fr. "Chauffeur").
Show a leg	.. Montar; subir; levantar-se; sair; ir indo.
Shrap	.. Shrapnel.
Sicker	.. Relatório ou parte sobre um doente dada por um oficial-médico.
Silver bullets	.. Dinheiro dado pelos cidadãos para os empréstimos de guerra.
Silver plate	.. Faça o favor; faça o obséquio (Corr. do fr. "S'il vous plait").
Sixteen for one	.. Leite (Porque eram 16 homens para um latão de leite).
Skipper	.. O capitão; o comandante.
Slacker	.. Indivíduo que não acorreu ao chamado às armas e ficou em casa.
Slum	.. Abreviatura de "Slum-gullion", guisado de carne e legumes.
Snap out of it	.. Desista; pará; deixe disso; mude de conduta; deixe de se queixar.
S.O.L.	.. Soldado sem sorte; azarento; "pesado".
Soldier's supper	.. Nada.
S.O.S.	.. Serviço de reaprovisionamento; mande nosso navio; salve nossas almas.
Soup kitchen	.. Cozinha de campanha.
Spare	.. De-folga; desocupado.
Spruce	.. Denunciar; delatar; enganar, iludir.
Spud hole	.. Corpo-da-guarda.
Squarehead	.. Um alemão.
Squeaker	.. Um pombo-correio novo.
Stable police	.. Soldados cavalariças.
Stopped	.. Ferido por uma bala ou um estilhaço de granada.
Strafing	.. Bombardeando o inimigo.

Strawberries	Passas de ameixas.
Striker	Ordenança de um oficial.
Strip	Rebaixar a graduação de uma praça.
Submarine	Vaso para o doente urinar deitado ("comadre").
Suicide Club	Metralhadores.
Suicide ditch	Trincheira da primeira linha.
Swayback	Cavalo imprestável.
Swing the lead	Ostentar, vangloriar-se, fanfarronar; exagerar.

— T —

Tadpole	Pequena criança francesa.
Teakettle	Locomotiva francesa.
Teddie	Rei Eduardo, da Grã-Bretanha.
Tell it to the marines	Não creio nisso; isso é "piruada".
Terps	Um intérprete.
Third lieutenant	Muito bem; está certo; muito bom.
Three beans	Cauda de pombo; atarrachador.
Three-thirty	Punição disciplinar.
Thumbs up	Está direito; está bem; tudo vai muito bem; satisfatório ("Polegares para cima" é a tradução literal).
Tick	Criticar; queixar-se lamentar-se.
Tickler	Granada de mão.
Ticky	Derroista; "espírito de porco"; pessoa que tudo critica.
Tin hat	Capacete de aço.
Toad sticker	Baioneta; espada; faca.
Toasting fork	Baioneta.
Tock Emma	Morteiro de trincheira.
Tommy Atkins	Um soldado inglês.
Tommy-gun	Metralhadora.
Toot a stubble { }	Todos juntos; tudo junto; efeito geral (Corr. do fr. "Tout ensemble").
Toot and scramble { }	
Toothpick	Baioneta.
Toot sweet	Imediatamente; logo depois; depressa (Corr. do fr. "Tout de suite").
Top kick	O primeiro sargento.
Top sergeant	Um primeiro sargento.

Trace beans	Muito bom; muito confortavel; muito satisfatório; muito bem (Corr. do fr. "Très bien").
Tray bone	Muito bom; muito bonito (Corr. do fr. "Très bon").
Trench	Linguagem usada pelos soldados nas trincheiras.
Trench dreams	Medo (especialmente o medo de avardar-se).
Trenchitis	Abatimento e desgosto sofrido pelos soldados nas trincheiras.
Troops	A própria pessoa que está falando; eu; o "degas".
Trousers	Enxoval, especialmente o de noivado (Corr. do fr. "Trousseau").
Tournout	Um veículo a motor (Corr. do fr. "Tonneau").

— U —

Used up	Morto.
-------------------	--------

— V —

Victual office	O estômago.
Vinegar blink	Vinho branco (Corr. do fr. "Vin blanc", através da interpretação americana "Vinblink").
Vinrouge	Vinho tinto (Corr. do fr. "Vin rouge").
Vooley voo	Você quer? — Queres? (Corr. do fr. "Voulez vous?").

— W —

Waas	Membro do Corpo Auxiliar Feminino do Exército.
Wack	Corpo Auxiliar Feminino do Exército.
Wet canteen	Uma cantina militar.
Whippet	Carro blindado; carro-de-combate leve.
Wild cats	Os fuzileiros-navais.
Wild woman	Rapariga francesa de moral duvidosa; prostituta.

WindyUm covarde.
WobblerUm infante.
WoodbineUm soldado inglês.
Wooly bearUma granada alemã que emitta densa fumaça negra ao arrebentar.
WopsQualquer estrangeiro, com exceção dos franceses, ingleses e alemães.
Work one's ticketSimular doença ou loucura.

— Y —

YankQualquer soldado americano.
Yankee heavenParis.
Young CharlieMochila.

— Z —

ZeppUm zepelim; um dirigível alemão.
Zero hourA hora de desencadeamento de um ataque; qualquer hora importante.
Zig-zagBêbado.
ZingVigor; energia; iniciativa.
ZowieE assim por diante; etecétera; e assim sucessivamente.

RECIFE — Julho, 1942.

Caixotaria Brasil Ltda.

RUA GENERAL CAMARA 313
Rio de Janeiro

Srs. oficiais! Ide viajar?
Procurai a "Caixotaria Brasil"
Trabalha 90 % para militares
Centenas de atestados.
Engradamento de moveis, cristais, louças etc.
Encarrega-se de embarque e despacho
Orçamento sem compromisso

Rua General Camara, 313
Fone 43-4339

Instruções para o assentamento de linhas fixas, telegráficas-telefônicas

Cap. AFFONSO CANATIÉRI FILHO

(Do Btl. Vilagran Cabrito)

O presente trabalho tem por finalidade dar aos graduados de transmissões uma orientação sobre a construção das linhas fixas construídas em tempo de paz ou muito longe do inimigo. Tem ainda por finalidade estudar o emprego de suportes de madeiras, exclusivamente brasileiras, que devidamente imunizadas contra a podridão e o cupim têm uma duração de 50 anos.

A construção de linhas com suportes de madeira é de custo relativamente pequeno comparado aos suportes de ferro e cimento armado. Um suporte de 1.^a espécie custará no mínimo 60\$000, ao passo que um suporte de cimento ou de ferro atinge o preço de 700\$000 a 800\$000.

Visto o lado prático da questão, quero fazer ressaltar o pequeno mérito deste trabalho que é apenas de compilação.

Nos livros indicados na Bibliografia encontrarão todo o assunto.

A finalidade não foi criar, apenas reunir para facilitar o estudo.

I — GENERALIDADES

1) — As linhas fixas deverão ter seus postes de madeira de lei: braúna, aroeira do sertão, tajubá ou amoreira, canafistula vermelha, sapucáia vermelha, sobrasil, cerne de bicuibassú, ipê, peroba, garapa amarela, eucalipto, piuna.

2) — As madeiras para os postes deverão ser cortadas de Maio a Agosto, ou na estação de repouso, nas minguentes ou na conjunção da lua, quando a ação da luz lunar é mínima ou nula sobre a seiva vegetal.

3) — Deverão ser retas e estar perfeitamente sãs, secas sem casca, sem ventos, sem brocas ou caries e defeitos de outra natureza.

4) — Nas golas ou linha de terra (linha que separa a parte aérea da subterrânea) e 22 cm acima das golas, e nos nabos não se tolerará branco nenhum nas madeiras.

5) — Os postes poderão ter as seguintes dimensões segundo o número de circuitos que suportam: 6, 7, 8, 9, 10 metros, correspondendo respectivamente os seguintes diâmetros nas pontas e nas bases 15/20, 16/21, 17/22, 18/23, 19/24 cm.

6) — Serão de madeira roliça isenta de casca e branco e dos defeitos especificados nos artigos anteriores.

7) — Os topos dos postes deverão ser chanfrados a serra cobertos com uma massa asfáltica tenaz e resistente e amarrados com 2 anéis de ferro galvanizado. Devem terminar na extremidade superior em ponta de diamante.

8) — Todos os postes devem levar um prego de cobre de identidade marcados com o comprimento e marca de profundidade.

9) — A base do poste em toda a extensão em que deve ficar enterrada (no nabo), mais 22 cm acima do solo, será previamente carbonizada por flambagem, na profundidade de 5 mm a 1 mm contados da superfície da madeira para o amago.

10) — Os postes deverão ser imunizados contra a podridão e insetos.

11) — Os postes deverão apresentar as seguintes propriedades:

Grande resistência;

Bôa flexibilidade;

Poste reto;

Faces lisas.

12) — Os postes serão marcados pelos engenheiros no ato da recepção e numerados depois de fincados e antes da conclusão do serviço diário.

13) — Os buracos para os postes terão 1,00m, 1,20m, 1,35m, 1,50m e 1,70m de profundidade para receber postes de 6, 7, 8, 9 e 10 metros respectivamente.

14) — Normalmente o poste fica enterrado 1/6 do seu comprimento.

15) — A soca de terra em torno dos postes, nos buracos, se fará por camadas horizontais de 20 cm a 25 cm sendo muito enérgica sobretudo nas primeiras camadas ou fundo, para que não venham os postes afinal a jogar por terem ficado presos pela gola e com a extremidade inferior solta.

16) — Nas mudanças de direção os postes serão estaiados pela bissetriz externa do ângulo formado pelas duas direções.

17) — A linha quando passar nas proximidades de estradas deverá ficar a 30 metros para o lado a contar do eixo da via.

18) — Normalmente a distância de eixo a eixo de poste será de 109 metros, e para o fornecimento contam-se 11 postes por quilômetro. (Ver tabelas sobre postes).

19) — A desmatção da faixa por onde deve passar a linha deverá ser de 5 metros de largura para capoeira; 15 metros para capoeirão de machado e 30 metros para mata virgem.

20) — Serão abatidos os galhos ou as arvores que ameacem cair sobre a linha, ou de qualquer forma danificá-la ou inteerompê-la.

21) — Os postes serão depositados na proximidade do eixo da linha e nos lugares designados pelo engenheiro do serviço telegráfico cu por quem suas vezes fizer.

22) — Concluído o serviço diário de assentamento, verificar-se-á com aparelhos de indução as condições da linha, sua resistência elétrica e isolamento.

23) — O isolador superior será fixado de 100 a 150 m/m de distância da ponta do poste e os suportes dos isoladores guardam entre si uma distância vertical mínima de 250 mm; geralmente de 300 a 400 mm;

24) — Flexa mínima.

25) — Vêr página 8 (Observações).

II — TRABALHOS A EXECUTAR

- Reconhecimento
- Exploração
- Projeto, desenho e orçamento
- Locação
- Desmatção — limpeza
- Perfuração dos buracos

- Transporte do material
- Assentamento dos postes
- Assentamento da linha

III — TURMAS DE TRABALHO

- Perfuração dos buracos:
2 homens por buraco.
- Assentamento dos postes:
3 homens.
- Assentamento da linha:
2 desonroladores.
1 montador.
2 soldadores.

IV — PESO DO MATERIAL

- Postes em:

— Aroeira do sertão	1210	kg/m ³
— Canafistula vermelha	740	"
— Tajubá	890	"
— Sapucaia vermelha	1032	"
— Ipê	1004	"
— Peroba	854	"
— Eucalipto	780	"

- Fios em ferro galvanizado:

— 4 m/m em diâmetro	125	kg/km
— 5 m/m em diâmetro	167	"

- Isoladores:

— De campanha	165	gr/p.unidade
— De orelhas	425	gr/p.unidade

V — CARACTERÍSTICAS ELÉTRICAS

1 — Qualidades conservativas:

a) — Capacidade

b) — Self indução

CAPACIDADE — Tabela de Uppenborn para cálculo da capacidade dos condutores.

$\frac{d}{r}$	c	$\frac{d}{r}$	c	$\frac{d}{r}$	c	$\frac{d}{r}$	c
20	0,0092	89	0,0064	140	0,0056	250	0,0050
30	0,0081	90	0,0062	150	0,0055	300	0,0048
40	0,0076	100	0,0060	170	0,0054	400	0,0046
50	0,0076	110	0,0059	190	0,0053	500	0,0045
60	0,0068	120	0,0058	210	0,0052	1000	0,0040
70	0,0061	130	0,0057	230	0,0051	2000	0,0036

Capacidade em microfarads por quilômetro em função da relação

$\frac{d}{r}$
— de fios de raio “r” em mm, sendo “d” a distância entre os centros
dos fios em cm.

— Fórmula para o cálculo da capacidade de dois fios paralelos
(caso de um circuito)

$$c = \frac{0,1086}{\log \frac{d}{r}}$$

r = raio de um fio

d = distância dos eixos dos dois fios.

L — M

SELF INDUÇÃO — Valores de indutância linear aparente ———

l

em milihenris por quilômetro para dois fios paralelos de raio r .

L = Self indução

M = Indução mútua

l = Comprimento do fio

RAIOS r em mm.	DISTANCIA EM CENTIMETROS					
	25	50	75	100	150	200
0,5	1,292	1,431	1,512	1,570	1,645	1,705
1,0	1,155	1,292	1,372	1,431	1,514	1,570
1,5	1,070	1,209	1,292	1,348	1,430	1,487
2,0	1,017	1,155	1,240	1,292	1,372	1,430
2,5	0,970	1,110	1,190	1,247	1,329	1,386
3,0	0,934	1,070	1,150	1,219	1,292	1,346
3,5	0,905	1,044	1,129	1,183	1,263	1,320
4,0	0,877	1,017	1,087	1,155	1,226	1,292
4,5	0,850	0,990	1,070	1,127	1,212	1,270
5,0	0,832	0,971	1,052	1,110	1,191	1,249

Valor da indução mútua de dois fios paralelos (M).

Distancia dos dois fios em cm. — d —	Indução mútua linear em milihenris por Km. — M —	Distancia dos dois eixos dos fios em cm. — d —	Indutancia mútua linear em milihenris por Km. — M —
1	— 0,0000	65	— 0,8348
10	— 0,4605	70	— 0,8496
15	— 0,5416	75	— 0,8635
20	— 0,5991	80	— 0,8764
25	— 0,6437	85	— 0,8885
30	— 0,6802	90	— 0,8999
35	— 0,7110	95	— 0,9107
40	— 0,7377	100	— 0,9210
45	— 0,7613	120	— 0,9575
50	— 0,7823	150	— 1,0021
55	— 0,8014	200	— 1,0596
60	— 0,8188	—	—

2 — Qualidades dissipativas:

a) — Resistência ômica

b) — Perditância

RESISTÊNCIA ÔMICA:

$$R = p \frac{L}{S}$$

$$R_t = p \frac{L}{S} (1 + \alpha t)$$

SENDO:

R — resistência em oms

p = coeficiente de resistividade em ohms

L = comprimento do fio em metros

S = secção de fio em mm² α = coeficiente de temperatura

t = temperatura em graus centígrados.

PERDITÂNCIA:

$$G = \frac{n}{R_i}$$

SENDO:

G = perditância

n = número de suportes da linha

 R_i = resistência de isolamento de cada suporte

VI — CONSTANTES DE TEMPO DAS LINHAS TELEGRÁFICAS

Lord Kelvin mostrou que a chegada da corrente na extremidade da linha demora um tempo X que é dado pela fórmula:

$$X \text{ (em segundos)} = 466 \times 10^{-9} \times C \text{ (em microfarads)} \times R \text{ (Oms)}$$

X é a constante de tempo da linha telegráfica.

Resulta do exame da fórmula acima, que se a capacidade de uma linha é elevada, a constante de tempo não é desprezível e a velocidade de transmissão se acha reduzida. A transmissão com aparelhos rápidos (Baudot) torna-se difícil.

A capacidade de uma linha aérea deve ser de 0,007 a 0,009 microfarads por quilômetro de linha.

VII — CARACTERÍSTICAS ELÉTRICAS E MECÂNICAS DOS FIOS DE FERRO GALVANIZADO

<i>Especificação</i>	Diâmetros em mm		
	3	4	5
Peso linear em kg/km	56	100	156
Carga de ruptura em kg	282	500	785
Tensão em limite em kg/m ²	70	125	196
Tensão normal em kg/m ²	47	80	130
<i>(Rocoído)</i>			
Resistência elétrica linear em Ω /km . .	21,7	12,2	7,8

VIII — FÓRMULAS DIVERSAS

Formulas da flexa, do comprimento do fio e da tensão do condutor.

F = Flexa em metros

L = Comprimento da parábola em metros

a = Distância de eixo a eixo de poste, em metros

p = Esforço resultante da ação do vento e do peso do condutor em kg/metro de comprimento

T = Tensão mecânica do condutor no ponto mais baixo em kg

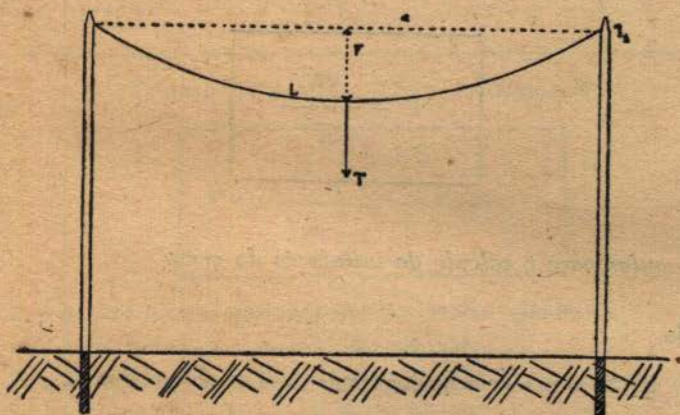
S = Secção do fio em mm²

1 — Para condutores colocados sobre apoios no mesmo plano.

$$F = \frac{pa^2}{8T}$$

$$L = a + \frac{8}{3} \cdot \frac{F^2}{a}$$

$$T = \frac{pa^2}{8F}$$



A tensão do fio junto ao poste:

$$T_1 = T + \frac{pF}{S}$$

Este valor deve ultrapassar 1/6 a 1/4 da tensão de rutura.

Formulas para o cálculo do abaixamento de temperatura

$$L' = L \{ 1 - \Omega (t - t') \}$$

Ω sendo o coeficiente de dilatação do condutor.

A nova flexa será:

$$F' = \sqrt{\frac{3a}{8} (L' - a)}$$

A tensão do fio será:

$$T' = \frac{pa^2}{8F'}$$

Formulas para o cálculo da influência do vento

Seja

p_1 = o peso em quilogramas de 1 m de condutor.

p_2 = a pressão do vento em quilogramas agindo normalmente sobre um comprimento igual a um metro

p = a resultante dessas duas forças

Teremos

$$p = \sqrt{p_1^2 + p_2^2}$$

Para achar o valor de p_2 é necessário observar que um vento soplando atinge uma velocidade de acordo com a tabela abaixo:

Força	DESIGNAÇÃO DOS VENTOS	Velocidade em milhas por hora	Velocidade em metros por segundo
0	Calmo	2	0,9
1	Brisa muito fraca	4	1,8
2	Brisa fraca	7	3,1
3	Brisa ligeira	10	4,8
4	Brisa regular	14	6,2
5	Vento fresco	19	8,8
6	Vento forte	22	10,2
7	Vento muito forte	31	12,9
8	Vento fortissimo	37	16,5
9	Golpe de vento	44	19,7
10	Forte golpe de vento	53	23,7
11	Tempestade de vendaval	64	28,6
12	Furacão	77	34,4

Pressão do vento: — Sua determinação.

$$P = \frac{1}{7,4} \cdot v^2 = 0,135 v^2$$

P é a pressão em quilogramas por metro quadrado.

v é a velocidade em metros por segundo.

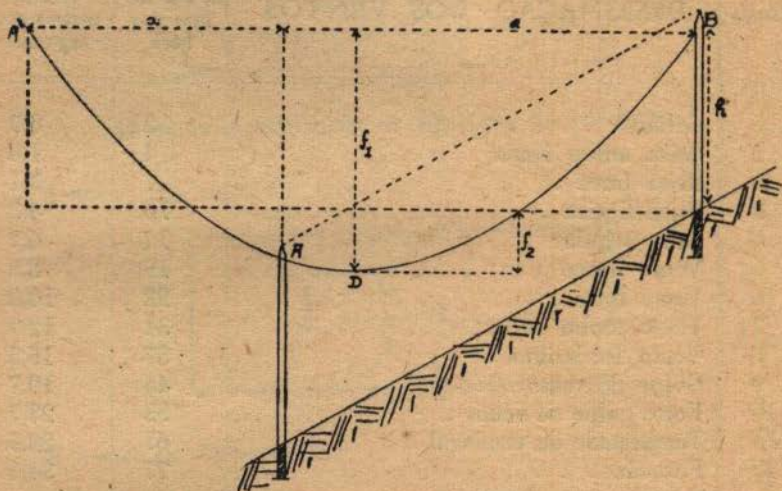
A ação normal do vento sobre a superfície de um condutor cilíndrico é em parte anulada e se reduz a 60 %.

Logo, o valor de p^2 será:

$$\frac{x \text{ (em } m^2) \cdot P \cdot 60}{100}$$

x = superfície de um cilindro de um metro de comprimento.

2 — Para condutores colocados sobre apoios situados em planos diferentes.



A diferença de tensões entre os pontos A e B é igual a $p h$ em que p é o peso por metro condutor e h a altura do suporte em metros.

A distância X é calculada pela fórmula

$$X = \frac{2 T_D h}{a p}$$

Conhecendo a tensão no ponto mais baixo, podemos calcular X .

A flexa é dada pela expressão

$$f_2 = \frac{(a - x)^2 p}{8 T_D}$$

Determinação da tensão T que os condutores podem suportar:

T = a tensão em kg agindo sobre o condutor

t = o trabalho do metal, ou tensão em kg por mm²

c = o coeficiente de segurança

T₀ = a tensão de rutura em kg/mm²

S = Secção do condutor em mm²

Deve-se ter

$$t = \frac{T}{S} = \frac{T_0}{C}$$

Devemos ter sempre em mira que a tensão real T seja sempre inferior à carga de ruptura δ .

A relação:

$$\frac{T_0}{T} = C$$

é o chamado COEFICIENTE DE SEGURANÇA.

E' prudente dar a C um valor pelo menos igual a 5.

IX — TABELAS DIVERSAS

— Tabelas sobre postes.

Vãos limites para linhas aéreas sobre postes de madeira.

Diâmetro dos fios em mm.	VÃOS EM METROS			
	Linhas com 2 fios	Linhas com 3 fios	Linhas com 4 fios	Linhas com 6 fios
2	400	270	200	133
4	300	200	150	100
5	240	160	120	80
6	200	133	100	66
7	170	114	85	57
8	150	100	75	50
9	133	89	66	44

Esquinas ou ângulos

Quando dois fios que exercem cada um uma tensão T_1 sobre um poste, fazem entre si um ângulo α , eles exercem sobre o poste uma tensão dirigida segundo a bissetriz do ângulo α de modo que:

Fórmula para o cálculo dos estais:

$$T_2 = 2 \cos \frac{\alpha}{2} \cdot T_1$$

Em Grãos	180°	160°	140°	120°	100°	90°
2 Cos $\frac{\alpha}{2}$	0	0,348	0,684	1	1,286	1,414

OBSERVAÇÕES: — Cuidados especiais devem ser tomados nas passagens de terrenos úmidos ou pantanosos onde os postes devem ser revestidos até uns 69 cm acima do nível d'água ou acima do nível do solo por murete de concreto ou de alvenaria de tijolo com argamassa de cimento gordo.

Ensaio de fios: — De ferro galvanizado.

- O fio de 5 mm deve suportar o peso de 50 quilos e o fio de 4 mm 440 quilos. Sob esses esforços de tração, e alongação não deve ultrapassar de 6 % do valor do comprimento total.
- O fio deve poder sem rutura nem excesso de alongação além do limite acima, ser enrolado em um cilindro submetido a uma tensão de 500 quilos para o de 5 mm de diâmetro; 350 quilos para o de 4 mm.
- Deve também poder ser dobrado em ângulo reto sem se quebrar 3 vezes alternativamente quanto ao fio de 5 mm; 4 vezes para o fio de 4 mm.
- Sob o ponto de vista da galvanização o fio deve suportar sem que o ferro seja posto a nú, ainda que parcialmente, 4 imersões sucessi-

vas de um minuto cada uma, em uma solução de sulfato de cobre na proporção ponderada de 1 para 5 em água destilada.

- e) O fio deve poder ser enrolado sobre um cilindro de 1 cm de diâmetro sem que a camada de zinco se destaque ou fendilhe.

ORGÃOS DE PROTEÇÃO DAS LINHAS

Deverão ser colocados de 4 em 4 quilômetros, para-raios, para proteção das linhas contra descargas atmosféricas.

Tipos e características de isoladores

Espessura do isolador no cabo em mm.	Isolamento em megohm	Capacidade em microfarads	TIPO
12,25	500.000	0.000072	Dupla saia
11	500.000	0.00011	Simplex
10	250.000	0.00015	Dupla saia
9	125.000	0.00009	Blindado

BIBLIOGRAFIA

MANUAL DO ENGENHEIRO — Ernani Corrêa e Ruy H. Bacelar.

ESCOLA DE TRANSMISSÕES — Exército Francês.

PROCESSO BRASILEIRO NAS ESTRADAS DE FERRO — Saint-Clair Lopes.

MANUAL DE A. E. G.

COURS PRATIQUE D'ELECTRICITE INDUSTRIELLE — H. Chevalier.

TRANSPORTE E DISTRIBUIÇÃO DE ENERGIA — C. I. T. — (1932-1933).

INSTRUÇÕES para construção e melhoramento das estradas de rodagem — D. E. 1939.

NOTAS DIVERSAS.

BRASILIA IMOBILIARIA S. A.

COM SÉDE NO

Edifício "Brasilia"

Avenida Rio Branco, 311 - 2.º Pavimento

Caixa Postal, 3.033 - End. Telegr. "BISA"

Tel. 22-7131

RIO DE JANEIRO

RUPTURITA

ALTO EXPLOSIVO BRASILEIRO

Patente de : ALVARO ALBERTO

Oficial de Marinha e Professor-de Explosivos na Escola Naval

SOCIEDADE BRASILEIRA DE EXPLOSIVOS RUPTURITA, S. A.

RUPTURITA HIDRÁULICA

Considerada pela E. F. Central do Brasil como explosivo de 1.ª classe, com rendimento equivalente, ou superior ao das melhores dinamites estrangeiras e comparável ao da própria "blasting gelatine" Nobel: adequada ao trabalho em rochas duríssimas e desmontes sob agua.

ESCRITÓRIO:

Avenida Rio Branco, 137

Caixa Postal, 2321

Telefone: 23-2739

8.º and., Salas, 819-820 — Edifício GUINLE

Códigos Ribeiro, Bentleys e Mascote, 2.ª

Endereço Telegráfico : "RUPTURITA"

RIO DE JANEIRO

A TÁTICA ALEMÃ NA RÚSSIA

Pelo **Ten. Cel. C. A. Edison**, Instrutor de
Infantaria da Escola de Estado Maior, de
Forte Leavenworth, Kansas, E. U. A.

(Tradução e adaptação do **Ten. Cel. PAULO MAC CORD**)

Em prosseguimento ao estudo anteriormente feito, relativamente ao método tático das CUNHAS E TENAZES, passemos hoje ao exame das primeiras batalhas travadas entre russos e alemães na guerra atual.

SMOLENSKO

A batalha de Smolensko é um caleidoscópio do método referido.

Um escritor assim a descreve:

“Nela desenvolveram-se todos os tipos imagináveis de combate. O engajamento inesperado, o ataque preconcebido, o desbordamento de posições, o assalto a fortificações permanentes, tudo simultaneamente com a eventual travessia de rios. Muitas vezes o ataque foi convertido repentinamente em defesa. Os movimentos de frente, de flanco ou envolventes conduziram, entretanto, invariavelmente, ao “encurralamento” completo de forças inimigas mais fracas ou mais fortes. A frente de 250 quilômetros pareceu ter sido desintegrada em engajamentos parciais independentes entre si”.

Não havia então uma *linha* de batalha, mas sim uma *zona* de batalha. Assim, no dia 20 de julho de 1941, a cidade propriamente dita de Smolensko já tinha sido capturada pelos alemães, enquanto grandes forças russas achavam-se envolvidas tanto a leste como a oeste da cidade.

Cerca de uma dúzia de outras violentas batalhas eram travadas simultaneamente, nas proximidades, algumas das quais estão esquematicamente representadas na figura 5. Sem dúvida, grande parte delas consistiram em envolvimento de forças. Não temos, contudo, os pormenores para avaliar a exata situação nessas localidades. Muitas cidades mudaram de posseiros repetidas vezes, mais de uma dezena de vezes em alguns casos, possivelmente.

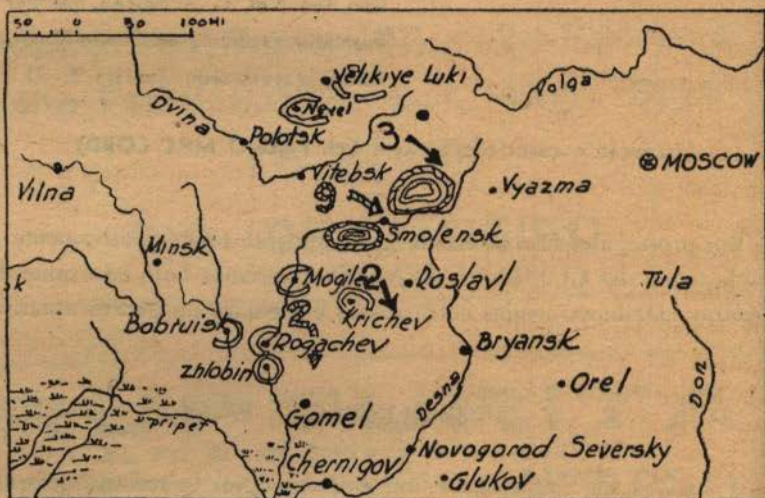


FIG. 5: BATALHA DE SMOLENSKO — SITUAÇÃO A 20 DE JULHO

É evidente que, em uma tal operação, a resultante final será fornecida pela combinação dos resultados parciais do grande número de combates separados, aparentemente não interconexos. A qualidade física, moral e profissional, tanto das praças como dos oficiais é de uma importância absolutamente decisiva. No dia 6 de agosto, quando diversas resistências russas já tinham sido eliminadas, os alemães proclamaram ter capturado mais de 300 mil prisioneiros, mais de 3 mil tanques, mais de 3 mil canhões e mais de mil aeroplanos. A linha que ocupavam nesse sector era da forma de uma cunha achatada, correndo esboçadamente de Velikye e Luki a Roslavl e daí até os banhados do rio Pripet, numa extensão total de 1700 quilômetros. Conquanto as nossas

fontes de informações contenham muita propaganda e os dados referentes às capturas possam ter sido altamente exagerados, mesmo assim eles nos fornecem um quadro valioso dos grandes contornos do conflito e da tremenda magnitude das operações.

E' facil concluir que as operações de CUNHAS E TENAZES são, diante de um inimigo resoluto, de custo muito elevado. Dentro da área interessada, contudo, são decisivas. Se o alto comando tiver avaliado corretamente a situação e tomado as medidas adequadas ao sucesso, calamitoso é o destino do inimigo cujas forças são envolvidas, as perdas em material sendo mesmo, em muitos casos, mais desastrosas que as perdas em pessoal. Essa rápida eliminação de grandes blocos dos recursos inimigos tem a vantagem de concorer grandemente para diminuir a duração da guerra, reduzindo, em consequência o custo total desta em vidas, em despesas e em tensão moral, em comparação com o que seria esse custo numa campanha de desgaste.

Além disso, a exploração adequada de superior mobilidade, de melhor material, de maiores forças vitais e de uma moral mais elevada, orientada por um comando altamente instruido em todos os escalões, pode permitir a um inimigo numericamente inferior derrubar e finalmente destruir uma força de grandes efetivos.

Por outro lado, qualquer engano de cálculo da situação, qualquer falha no intrincado funcionamento do estado-maior, ou qualquer interrupção das comunicações ou dos reabastecimentos, pode conduzir ao fracasso da operação, com consequências funestas para o atacante, cujas forças envolventes podem, por sua vez, ser envolvidas, isoladas e destruidas. Isso constitue, no mais alto grau, uma ilustração do fato de que o comando, ao ordenar uma ofensiva do gênero da mencionada, empenha-se num risco calculado. Sempre deve ele considerar o perigo de um ataque inimigo dividir sua força e vencê-la. Clama-se por audácia, mas não por precipitação. Um julgamento muito apurado e um cálculo muito exato da situação reputam-se indispensáveis. Também, os comandos de per si devem exercer iniciativa inteligente, com rapidez, para enfrentar situações de emergência e tomar decisões de acordo com o plano geral de manobra.

Ação continuada, vigor, vigilância e energia são qualidades exigidas tanto da tropa como dos chefes no estabelecimento das CUNHAS E TENAZES.

É possível observar que, em operações de tal magnitude, tanto em relação a espaço como em relação a efetivos empregados, o reabastecimento constitui um problema de magna relevância, especialmente em vista das condições muito fluidas do ataque e contra-ataque, envolvendo acerto e contra-envolvimento. Não obstante, deve ser lembrado que a penetração é feita em uma larga frente, com a utilização provável de um grande número de estradas. Quando a rede de estradas é restrita, as necessidades do reabastecimento podem exigir que, depois do avanço das forças blindadas, todas as tropas se desloquem a pé, de modo a deixar as estradas utilizáveis ao máximo para aquele fim. Ocasionalmente, o reabastecimento poderá ser realizado via aérea. Os postos de manutenção de veículos e os escalões de reabastecimento devem estar preparados para enfrentar situações especiais e muitas vezes precárias.

ORGANIZAÇÃO DA FRENTE RUSSA

Naturalmente, a natureza da operação estudada pode melhor ser apreciada por uma breve consideração do modo geral de condução da batalha em toda a extensão do "front" russo. Muito auxiliará a compreensão do nosso raciocínio a esse respeito saber como o "front" referido estava organizado. Tanto a Rússia como a Alemanha dividiram a frente total em três grandes sectores: septentrional, central e meridional. Em cada um destes sectores há um grupo de exércitos, constituído de três a seis exércitos cada grupo. Os grupos nos diferentes sectores, são destinados em princípio às operações em torno de Leningrado, Moscou e Kharkov. Na época considerada, os grupos de exércitos russos eram comandados por Voroshilov, Timoshenko e Budyenny, e os grupos de exércitos alemães por von Leeb, von Bock e von Rundstedt.

Admite-se que os alemães tenham empregado na frente russa (exclusive a Finlândia) um total de 203 divisões, além de 40 divisões, em três exércitos, como reserva geral. Essas 203 divisões eram aparentemente grupadas em oito exércitos a pé e cinco exércitos blindados. Os exércitos a pé compunham-se de 15 divisões cada um, com excepção do Sexto Exército, que tinha 18 divisões. Isso perfazia um total de 123 divisões de infantaria empregadas. Os cinco exércitos blindados consistiam em quatro divisões blindadas e quatro divisões motorizadas cada

um. Há também notícias do emprego em algumas dessas batalhas de uma divisão de cavalaria. A Alemanha tinha determinado a transformação de todas as suas divisões de cavalaria em divisões motorizadas, mas, durante o mau tempo, tendo-se tornado penosa a marcha para as últimas, presume-se ter sido adiada a transformação da 1.^a Divisão de Cavalaria, o que permitiu o seu emprego em Gomel, em agosto, e em Bryansk, em outubro.

O maior grupo de exércitos alemão era o Grupo Central, que possuía três exércitos a pé e três exércitos blindados. Por vezes, alguns dos exércitos de um grupo eram levados a participar de uma operação com outro grupo de exércitos, como em Kiev e Vyazma. Isso, quasi sempre, era feito com a intenção de martelar os "gonzos" de junção, presumidamente fracos, de dois grupos de exércitos inimigos.

Durante a batalha de Smolensko, a direção principal da pressão alemã no grupo central de exércitos tinha sido para leste, rumo a Moscou. A surpresa constituiu, contudo, um importante dogma alemão. Os exércitos nos flancos septentrional e oriental do saliente lançado pelos alemães passaram à defensiva durante um período de seis semanas, diante dos violentos contra-ataques russos que visavam a recaptura de Smolensko. Os alemães declaram, entretanto, que esses contra-ataques não lhes trouxeram apreensões, porque os russos dispersaram muito o seu esforço, em vez de concentrar força adequada contra qualquer ponto crucial. Os pantanais do rio Pripet tinham constituído um limite natural entre os grupos de exércitos central e meridional, enquanto o primeiro avançava além de Smolensko. O grupo de exércitos meridional tinha alcançado o rio Dnieper. As forças russas entre os dois grupos citados retiravam-se para o Dnieper.

G O M E L

Repentinamente, o 2.^o Exército, de von Weich, que estava engajado no flanco meridional do grupo central de exércitos, atacou em direção sul a 12 de agosto, em seguida à queda de Rogachev, com o esforço principal à sua direita. O 2.^o Exército Blindado, de Guderian, irrompeu perto de Roslavl, convergindo os dois exércitos para Gomel, e aí envolvendo grandes forças (figura 6). Gomel, caiu a 19 de agosto.

Guderian então mudou sua direção para Novgorod Seversky, avançando os alemães para o rio Desna.

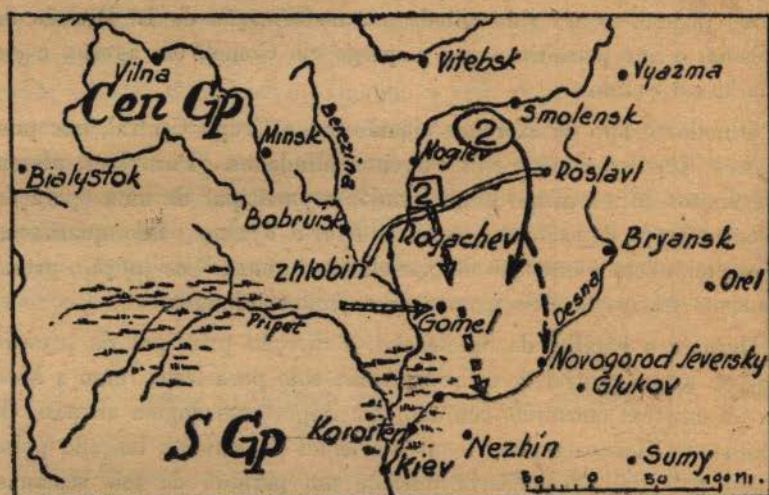


FIG. 6: BATALHA DE GOMEL

K I E V

Os russos no sector meridional estavam agora em um grande saliente formados pelos rios Dnieper e Desna (figura 7). A 31 de agosto, o 17.º Exército, de Stulpnagel, forçou uma passagem no Dnieper, abaixo de Kremenchug. A 9 de setembro, Guderian marchou para o Sul, em direção a Romny, e von Weichs em direção a Lokhvitsk. No dia seguinte, o 1.º Exército Blindado, de von Kleist, e Stulpnagel, marcharam para o norte, em direção aos mesmos pontos. Nota-se que, neste caso, a existência do saliente permitiu aos dois exércitos blindados marcharem diretamente um em direção ao outro, sem necessidade de mudar de direção. Eles se abriram em leque em uma frente de mais de 100 quilômetros, conforme a figura. Os exércitos a pé também atacaram em uma frente muito larga. Contudo, a formação típica da dupla tenaz foi evidente, os elementos blindados, mais favoráveis, formando a tenaz externa.



FIG. 7 — BATALHA DE KIEV

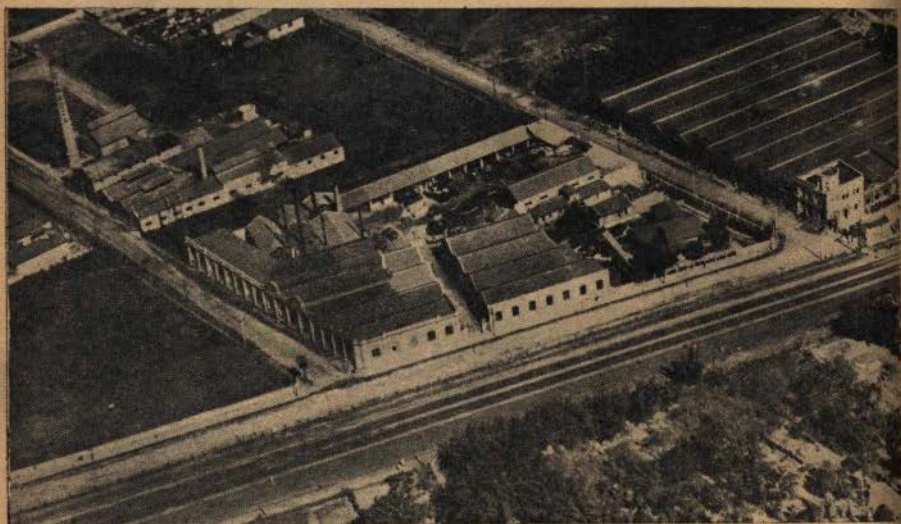
Enquanto esse ataque se desenrolava, o 6.º Exército, de Reichenau, executava um ataque frontal, com o esforço principal à sua esquerda, tendo atravessado o Desna em Korosten, a 15 de setembro, para se juntar ao flanco esquerdo de von Weich. Os exércitos blindados tinham-se encontrado abaixo de Romny, na véspera.

Um interessante aspecto dessa operação foi que o esforço principal alemão realizou-se à retaguarda de uma posição de reserva de batalha, que os alemães então ocupavam e defendiam contra o ataque dos russos que tentavam escapar das tenazes. Os alemães proclamam terem aniquilado quatro exércitos russos nessa operação, com a captura de 665 mil prisioneiros.

Nessa ação, o 2.º Exército e o 2.º Exército Blindado, ambos pertencentes ao Grupo de Exércitos Central, de von Bock, cooperaram com o Grupo de Exércitos do Sul, de von Rundstedt.

Estudaremos, finalmente, na próxima vez, as operações de VYAZMA e BRYANSK, bem como os ensinamentos colhidos pelos russos no mar de sangue da sua odisséia, através das campanhas citadas.

INDUSTRIA STEARICA PAULISTA LTDA.



Velas - Stearina - Oleina - Glicerina bi-distilada "Gloria" - Glicerina Industrial
Rua Conselheiro Antonio Prado, 74 - Tel. 159 — São Caetano S. P. R.

DIARIAMENTE MAIS DE

50.000

PASSAGEIROS CONTEMPLAM SEUS ANUNCIOS
NA

São Paulo Railway

VITRINAS

CARTAZES NOS CARROS
PAINEIS E CARTAZES NAS ESTAÇÕES
E NA BEIRA DA LINHA



CONSULTEM O GERENTE DE PUBLICIDADE
RUA ANCHIETA, 46 - SÃO PAULO
TELEFONE 2-7859

O segundo turno na Rússia

Aprendeu o Exército Vermelho os ensinamentos nazis do último verão ?

Tradução e adaptação do
Cel. JOÃO BAPTISTA MAGALHÃES

Faz agora um mês de primavera na Rússia. Foram-se as grandes nevadas. Acabaram-se os lamaçais. Na última quinzena, o solo tornou-se duro. Na Rússia, de meados de abril a maio, foi sempre o tempo de preparo do começo dos trabalhos de verão. Este ano, o mais duro começará antes cedo que tarde. No retorno das lamas do outono poderão a força militar germânica ou a russa ter sido destruídas. Metade do mundo está em jogo.

Seria ingênuo predizer o que acontecerá, e por isso não encontrará o leitor, prognósticos, neste artigo. O resultado final depende de muitas cousas, imponderáveis umas, mensuráveis outras, mas estas, assim mesmo *ocultas* pela censura.

— O moral das tropas alemãs irregeladas; o montante de suas perdas de pessoal, *experimentado*, das *panzer*; o esforço da recomposição da indústria russa. No entanto, se estes e outros importantes fatores não podem ser pesados, o mais significativo entre todos o pode.

Em última análise, as campanhas não são decididas pelo volume e qualidade dos meios empenhados, mas pelo modo porque os utiliza o comando. Ele é quem concilia a estratégia e a tática. Não foi a superioridade de forças, mas a da capacidade de sua aplicação que deu aos nazis seus triunfos do último verão, como foi o seu erro de julgamento, que os fez falir às portas de Moscou.

Este artigo tratará das idéias fundamentais dos dois partidos, reveladas durante os dez últimos meses: o como e o porque dos sucessos nazis do verão e dos seus reveses no inverno. Modificados e apurados de

(*) Extraído do número de Maio de 1942 de "Fortune".

- algum modo, estes mesmos motivos, estratégicos e táticos, serão decisivos fatores nas batalhas futuras.

* * *

Quando o adido militar nazi em Ankara, alardeava nos cafés, que tudo estaria findo em seis semanas, exagerava muito pouco o otimismo do próprio grande Estado Maior. Seis semanas? Desesseis? Ninguém estranho ao E. M. Germânico sabe ao certo o tempo por ele previsto, porém, qualquer um pode concluir, ter sido o mesmo da ordem de vinte e duas semanas. A campanha da Rússia, a maior, mais feroz e sangrenta que o mundo tem visto, começou em 22 de junho de 1941.

Devia terminar antes de 27 de novembro, isto é, antes do início do inverno da região de Moscou. Então, o *mínimo objetivo* do E. M. germânico teria sido alcançado. Leningrado estaria capturada. Moscou estaria tomada ou cercada. A bacia do Donetz completamente ocupada, privaria os russos das suas principais fontes de carvão e protegeria o flanco direito germânico para uma última corrida para o Cáucaso. O *objetivo máximo*, seria naturalmente a destruição do Ex. Vermelho e de todo poder militar soviético. Atingido o mínimo, era quasi certo alcançar o máximo.

Os Nazis formulavam seus planos, minuciosa e inteligentemente. O mundo ficou aturdido com as ofensivas feitas na Polônia, no Países Baixos e na França — o maior golpe de força e a mais ousada tática jamais vistos. Para a Rússia eles aperfeiçoariam este sistema de ofensiva.

Para compreender-se sua natureza, seria preciso dar um golpe de vista retrospectivo, sobre a Primeira Guerra Mundial. Quando o emprego, nessa guerra, de armas de fogo, em grande escala, levou a uma sangrenta estagnação, em toda frente, os ingleses e franceses, usaram tanques à guisa de escudos, atrás dos quais puderam avançar e restabelecer sua capacidade de manobra ofensiva. Os resultados foram promissores e, antes que os aliados tivessem aperfeiçoado seu emprego de tanques, além desta assistência à infantaria, ocorreu o colapso da Alemanha.

Preparando a presente guerra os E.E.M.M., francês e britânico, continuaram com a mesma doutrina para o emprego dos tanques. Entretanto, táticos germânicos o estudaram devotadamente e, por fim, em 1934, publicaram "*Der Kampfwagenkrieg*" (A guerra de tanques), escrita pelo General austriaco, da reserva, Ludwig Ritter von Eirmannsberger, o qual já anteriormente circulava entre os oficiais germânicos em caráter sigiloso. (1)

Os argumentos de Eirmannsberger eram simples. Usado com independência, dizia ele, o tanque não é um elemento subsidiário da ofen-

(1) Uma transcrição deste documento encontrava-se nos E.E.U.U. mas infelizmente o E.M. (General Staff) não o publicou.

iva, é "um instrumento de emprego autonomo, e em grande escala, na estratégia ofensiva" que pode dar "rápidas e completas soluções". Propoz deixar totalmente sem tanques as divisões de infantaria e constituir com eles divisões autonomas. Isto combinado com a motorização de divisões de infantaria, permitiria formar corpos e exércitos *panzer*, cujo emprego seria coordenado com o de poderosas esquadras aéreas.

Na batalha, as divisões de tanques penetrariam a fundo no dispositivo inimigo, as divisões de infantaria motorizadas, que as seguiriam de perto, guardariam os flancos da brécha assim aberta, até que a infantaria a pé chegasse para consolidar a posse das conquistas feitas. As forças aéreas fariam os reconhecimento e atuariam como artilharia para a abertura da brécha, martelariam as comunicações e as reservas inimigas. Este esquema é hoje familiar a todos, mas foi somente na campanha da Rússia que foi amplamente empregado pelos germânicos. Na Polônia, deu-se cousa diferente. Apenas quatro divisões de tanques foram engajadas e estas bateram-se individualmente em sectores diferentes. Na França, ainda que divisões de tanques e de infantaria motorizada formassem muitas vezes grupos de ataque, aliás relativamente pequenos, houve, de fato, apenas um único emprego de *exército panzer*. Foi a força que rompeu as defesas em Sedan e fez a mais profunda penetração em direção ao Canal. Na Rússia, no entanto, os nazis empregaram provavelmente cerca de 27 ou 28 divisões de tanques e 28 ou 29 de infantaria motorizada, a maioria delas organizada em quatro verdadeiros e impetuosos exércitos tipo "von Eimannsberger" (2). Assim, o poderoso choque das forças lançadas contra os Soviets foi várias vezes mais forte do que o que demoliu a França.

Enquanto reajustavam seus exércitos, os germânicos também reviam sua tática. Na Polônia e na França, a *blitzkrieg* era lógica e praticável. Não somente o espaço era relativamente pequeno e os adversários mal preparados, como havia, barreiras naturais contra as quais o inimigo poderia ser jogado e atacado: os pântanos de Prilep, na Polónia; o Canal, ao Norte, na França. Na Rússia, porém, as condições eram de sentido oposto, grande área e nenhuma barreira natural insuperável. Ainda mais, os russos estavam esplendidamente equipados e sua defensiva tática tinha sido concluída, visando deter os tanques. Consequentemente, os germânicos adotaram uma *blitz* de caráter limitado. Uma série de rupturas e envolvimentos, os quais, em vez de abraçarem o todo de uma só vez, tratavam de liquidá-lo por partes. Um típico "wedge and kessel" representado no diagrama n.º 1 anexo.

(2) Muitos batalhões e regimentos de tanques e infantaria motorizada não são divisionários. São guardados em reserva pelo comando que emprega para reforçar as "panzers" ou servir de apoio à infantaria.

QUAL ERA A SITUAÇÃO DA MOTOMECANIZAÇÃO RUSSA ?

O instrumento que os germânicos iam empregar para realizar a doutrina anteriormente exposta compunha-se na opinião dos russos, de 170 divisões das quais um terço pelo menos, eram mecânicas ou motorizadas. Contando com as tropas rumenas, húngaras e de outros aliados, o total dos efetivos chegava quasi a 3.000.000 de homens. Enfrentavam inicialmente forças russas das guarnições avançadas, menos numerosas, porem, mais bem armadas. Contra 12.500 ou 13.500 tanques, atribuidos aos germânicos, os russos tinham cerca de 14.000 a 15.000. As 28 ou 29 divisões motorizadas germânicas, entre as quais 2 ou 3 aliadas, podiam os russos opôr o valor de, pelo menos, 30 outras. Em aeroplanos de guerra, os alemães apresentaram cerca de 8.000 a 8.500 contra 6.500 a 7.500 russos. Em seis semanas no máximo, os russos disporiam de 3.885.000 homens na fronteira. Além disso, tinham fortes reservas, não somente de homens e canhões mas de tanque e aeroplanos. Há razões para acreditar que, no início da campanha, seus parques de motomecanização compreendiam cerca de 25.000 tanques e os de aviação dispunham de cerca de 23.000 aeroplanos, havendo em fabricação cerca de 15 a 18.000 outros.

Assim, no primeiro tempo da invasão os nazis enfrentaram um adversário mais numeroso e melhor equipado. Contra este inimigo, eles procederam de modo a lhe enfligir estonteantes derrotas, tornando-o incapaz de desencadear suas próprias ofensivas ou contra ofensivas em grande escala. Qual é a razão disto ? Em parte reside na subtileza do ataque germânico; e na superior qualidade dos comandos, oficiais e tropas, fortemente destacada na atual campanha.

Na maior parte, porém, estes fatos resultam da melhor organização tática germânicas. Não se deve esquecer que os germânicos atacaram com 4, e depois, 5 grandes exércitos moto-mecanizados; constituídos de 4 ou 5 divisões moto-mecanizadas e 3 ou 5 divisões motorizadas de infantaria, cada um. As divisões de tanques, mais propriamente chamadas divisões couraçadas, compreendiam normalmente uma brigada de 416 tanques leves e médios, uma brigada de proteção de infantaria motorizada, um regimento de artilharia leve e numerosas outras unidades complementares. Assim, globalmente; um exército moto-mecanizado dispunha de mais de 1.600 tanques, e talvez outros tantos aeroplanos.

A Rússia, porém, dispunha de material para construir maiores exércitos moto-mecanizados. Onde estavam eles? Nunca existiram. Nem mesmo uma simples divisão moto-mecanizada. A maior unidade de tanques do Exército Vermelho foi a *brigada* com 270 engenhos couraçados enquanto que a brigada germânica dispunha de 416. Violando o mais antigo preceito da ciência militar — o da concentração de forças — os tanques espalhavam-se como camondongos no meio dos exércitos.

Cada divisão de cavalaria ou de infantaria, dispunha, organicamente, de um batalhão de 45 tanques.

Cada corpo de Exército de três divisões, dispunha de um regimento de 135 máquinas. Talvez 25 brigadas de tanques, algumas combinadamente com divisões de infantaria motorizada, tenham sido postas à disposição dos exércitos de infantaria, em todo caso, os tanques foram usados inicialmente como auxílio da infantaria, a qual a tática soviética ainda olha como a arma decisiva na ofensiva.

Na verdade, a doutrina soviética distingue entre P.P. tanques, para apoio da infantaria, e D.D. tanques, para ação longínqua. Enquanto, porém, a tática de emprego dos P.P. foi estudada em todos os seus pormenores, nenhum *Eimannsberger* russo produziu um sistema de emprego dos D.D. correspondente. Nem houve um oponente russo ao general Milch. Tal como os tanques, os aeroplanos eram pulverizados e exparados por cima dos Exércitos.

As consequências foram tão fatais, como a morte. Grandes grupos de tanques germânicos cercaram pequenos grupos russos ou os destruíram.

De outro lado, os tanques da infantaria russa deram-lhe um poder combativo extraordinário e asseguraram-lhe o êxito em centenas de contra-ataques locais, — nos quais, no entanto, milhares de tanques russos — foram sacrificados pelas defesas anti-tanques germânicas — não conseguindo, portanto, tais êxitos locais resultados estratégicos. Os soviéticos caíram inevitavelmente na defensiva. O inverno veio pôr fóra de ação os tanques, de ambos os lados.

AS PROFUNDIDADES INSONDÁVEIS DE DEFESA

Os creadores e professores do exército russo foram o Marechal Tukhachevsky e seu "ideologista" General Triandofillov. Ambos se enfileiraram entre os maiores pensadores militares do século. Se apesar disso o Exército Vermelho não teve uma boa doutrina ofensiva, a culpa não foi deles. Em 1940 ambos estavam mortos. Triandofillov morreu em 1932 num desastre de aeroplano; Tukhachevsky foi executado em 1937, por "traição" e, possivelmente, também porque capitaneou a oposição contra as noções atrasadas de emprego dos tanques dos Marechais Voroshilov e Budenny. Há forte evidência de que ele tentou rever a doutrina tática dos soviets sobre o emprego dos tanques na ofensiva.

À *Tukhachevsky*, ademais, pode ser dado a maior parte do mérito do sistema defensivo que, a despeito das derrotas do verão, provou, por fim, ser valioso por si mesmo. O primeiro princípio de *Tukhachevsky* é que a defesa deve ser, principalmente anti-tanque.

Isto levou-o a concebê-la em grande profundidade (ver diagrama n.º 2 anexo) e com as características de que passamos a dar uma idéia.

Num importante setor, um Corpo de Ex. Vermelho (mais de 60.000 homens) normalmente, ocupa uma frente de 8 a 20 km (5 a 12 milhas). Não é uma desavisada condensação de forças: durante a primeira Guerra Mundial, muitas vezes a densidade de ocupação correspondeu a 13 km (8 milhas) de frente por C. Ex. No entanto, na primeira Guerra Mundial, a profundidade raramente ultrapassou 50 km (30 milhas) dos quais somente os 5 primeiros, eram fortemente ocupados.

Em contraposição, um corpo soviético desdobra-se, incluindo as reservas de Ex. e a zona das etapas, até 150 km (95 milhas) de profundidade. Este enorme furo é dividido em tres zonas principais, cada qual contendo "ilhas de fortificações" interligadas pelo fogo que bate polegada por polegada de todo o terreno. Note-se ainda que as armas destas *ilhas* são dispostas em circulo — enquanto que na 1.ª Guerra Mundial o eram livremente — para poder bater os flancos ou as retaguardas do inimigo que haja irrompido pelos intervalos.

O segundo conceito da defensiva de *Tukhachevsky* — "a defesa deve surpreender" — leva o conjunto de todo sistema a ser astuciosamente dissimulado. Se o corpo de exército está em posição muito tempo, certos trabalhos são feitos com concreto.

Isso não é tudo. Se a área a defender é de primeira importância — Moscou por exemplo — uma zona de retaguarda de Exército pode ser considerada como frente e principal zona de um corpo de reserva semelhantemente desenvolvido. Assim, depois de lutar através de um sistema completo de defesas, os germânicos chocam-se, muitas vezes, contra sua duplicata. E, ainda que tivessem podido penetrar nesta também, mesmo assim, o caminho não estava aberto.

O segredo parece residir no sistema de mobilização soviético. Aparentemente cada distrito de mobilização, no começo da campanha, enviou sua quota de divisões equipadas e treinadas para a frente. Guardou contudo algumas unidades em reserva, com seu comando, quartel-general e esqueleto de organização para um exército completo.

Procedida a mobilização, gradualmente, pelo menos, umas tantas Unidades de reserva, foram formar divisões completas. Aconteceu, então, que o avanço germânico encontrou novos exércitos automaticamente constituídos, ao entrar em novos distritos de mobilização.

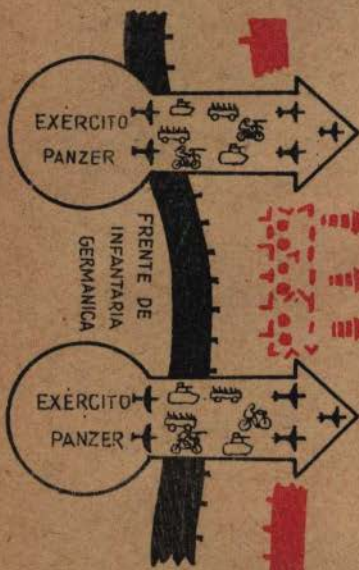
A idéia da tática das *panzers* e da defesa em profundidade ressaltada nos esquemas das batalhas de Uman e Kiev, na Ucrânia, Smolensk e da grande segunda ofensiva de Moscou. Eles mostram porque e como os germânicos foram bem sucedidos no início, por que fraquejaram e, finalmente, foram detidos.

A QUEDA DE KIEV

Na Ucrânia, a tática defensiva russa falhou completamente. Em parte, porque o terreno (chato, com poucos rios) era ideal para as *pan-*

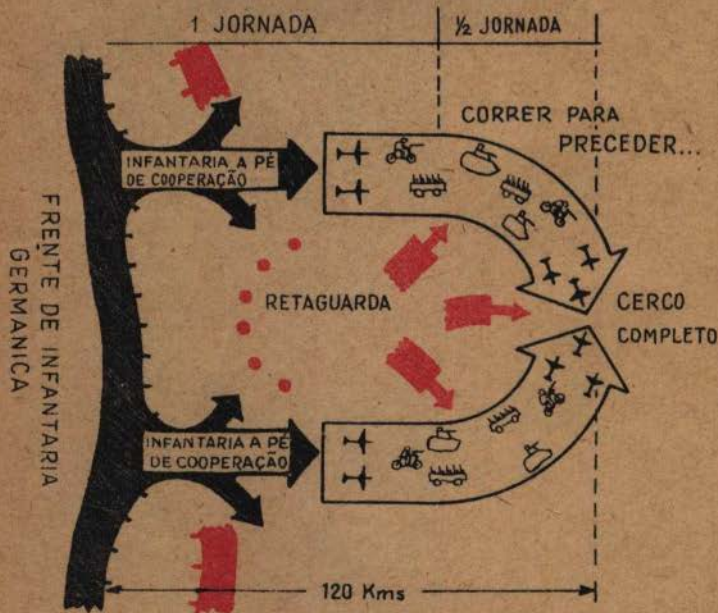
DIAGRAMA 2 A OFENSIVA NAZI NO VERÃO.

EXERCITOS PANZER ROM-
PEM SEPARADAMENTE AS
LINHAS RUSSAS.



INFANTARIA RUSSA
TENTANDO ESCA-
PAR AO ENVOLVI-
MENTO.

AS PANZERS AVANÇAM PARA SUBMERGIR AS RETAGUARDAS.



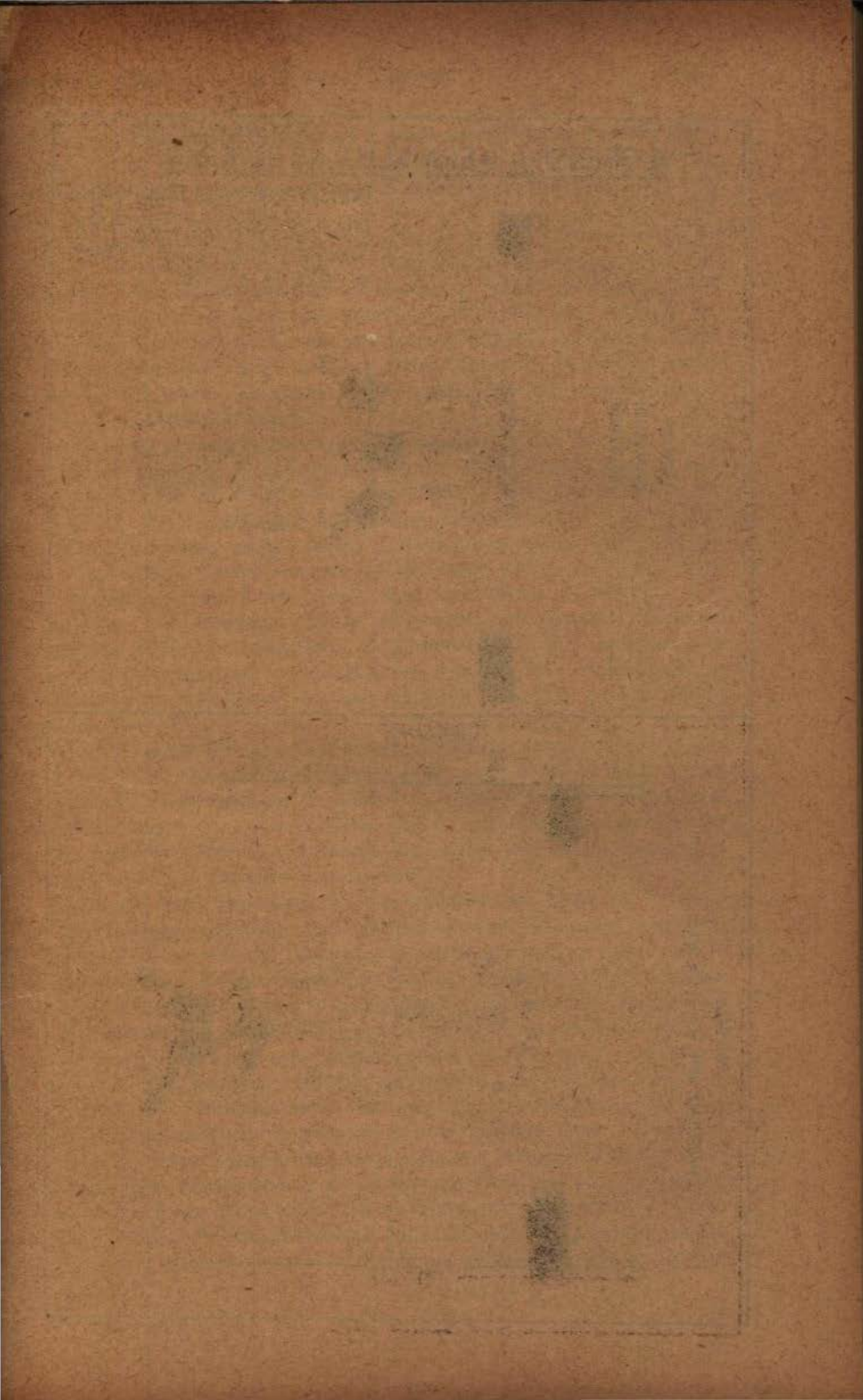
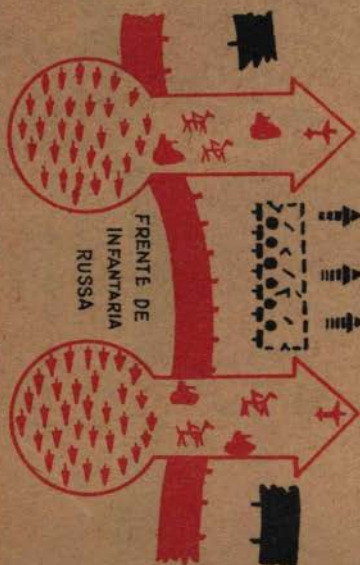


DIAGRAMA 2 BIS A OFENSIVA VERMELHA NO INVERNO.

DIVISÕES DE INFANTARIA VERMELHA, APOIADAS POR CAVALARIA, TANQUES E AVIAÇÃO FURAM A FRENTE ALEMÃ



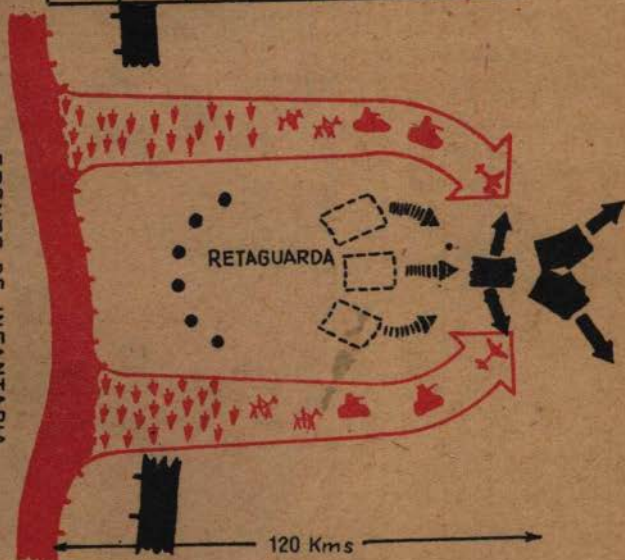
INFANTARIA NAZI TENTANDO ESCAPAR AO ENVOLVIMENTO.



JORNADAS

1 2 3 4 5 6 7

FRENTE DE INFANTARIA RUSSA



RETAGUARDA

120 Kms

ers, mas, principalmente, porque as defesas soviéticas em grandes frentes, não era profunda como aconselhava a doutrina de Tukhachewky. Estas razões pode-se ajuntar a da mediocridade de Budenny oposta ao mérito real de "von Rundstedts".

No começo das hostilidades as forças de Budenny estendiam-se do mar Negro aos pântanos de Pripet. Depois dos fortes ataques de Von Tuelpnagel e von Reichnau, foram forçados a retrair seu flanco Norte para Kiev, enquanto a frente se curvava agudamente. Ao invés de retrair seu flanco Sul para reajustar sua frente, Budenny manteve-o firme.

Consequentemente, a já grande frente aumentou de muitos quilômetros e os defensores, já muito deficientes no começo, tiveram que se estender ainda mais.

Além disso, o arco formado na frente, deu a von Rundstedt uma oportunidade, feita sob medida para ensaiar cortar inteiramente as asas do Exército Russo, do Sul. Determinou ele ao Exército de Reichnau e ao Exército panzer, de Von Kleist, que havia poupado a espera de uma tal oportunidade, para romper a frente num ponto acima do saliente. As defesas russas deviam ser aí muito fracas para que Von Kleist as rompesse até Uman como uma faca contra a manteiga. A infantaria de Von Reichnau seguiu as *panzers* em marchas forçadas. Enquanto os russos se retirariam, às pressas, para lhes escapar, as tropas germano-rumaicas, ganharam as retaguardas, transpondo o Médio Donetz. Assim, foram os russos atacados de frente, pelo ar e pela retaguarda.

No sul, somente havia probabilidade de escapula, mas aí está o mar Negro. Cerca de dois exércitos retiraram-se para Odessa, onde foram cercados, mas, mesmo depois de sitiados puderam ser parcialmente evacuados pelo mar. Aproximadamente dois e meio exércitos foram cercados, na area de Uman e aí aniquilados. Com um sopro, toda parte sul da Ucrânia caiu em mão dos germânicos.

Ficaram, porem, remanescentes dos exércitos no Norte da Ucrânia. Outra vez Budenny desnorтеou-se. Depois de completarem a ocupação do Sudoeste, os germânicos prepararam ostensivamente a travessia do Dnieper, dirigiram-se para a bacia do Donets. Vendo isto, Budenny lançou-lhes ao encontro suas reservas e os fragmentos de seus exércitos do sul. As preparações germânicas, porem, eram apenas um embuste. Em lugar da esperada travessia no grande arco, von Rundstadt ordenou à infantaria de von Reichnau, tentá-la a mais de uma centena de quilômetros ao Norte. Budenny havia enfraquecido suas defesas nessa área para fortificar-se no Sul. Pude assim von Reichnau fazer cabeças de ponte para as forças *panzers* de von Kleist que transpôz então o rio e espraiou-se pelas retaguardas e irradiou para Nordeste com facilidade, deixando Kiev longe, para trás. Simultaneamente as *panzers* de Guderian e a infantaria de von Weich que haviam operado na frente central do N. de Kiev, infletem para Sueste. Num ponto entre Poltava e Ko-

notp, põem cerco às retaguardas indefesas de Kiev para ultimar o envolvimento dos exércitos Norte de Budenny. Estava terminada a campanha da Ucrânia. Não estariam detidos os germânicos, enquanto não se completasse a nova mobilização dos distritos da bacia do Donets. (Figuras 3 e 4).

O CASO DE SMOLENSK

A batalha de Smolensk, embora tivesse fim análogo, foi uma outra história e teve consequências diferentes. Não era o chefe russo mediocre como Budenny. Os germânicos enfrentaram Timoshenko que não cometeria os mesmos erros. Ao meio de delgadas linhas de defesa, havia outras cuja profundidade e importância seriam apenas excedidas diante de Moscou. Além disso, os subúrbios de Smolensk eram defendidos em parte pelas organizações da linha Stalin, uma *cadeia de regiões fortificadas*, cujas construções obedeciam ao princípio das “*ilhas fortificadas em todas as frentes*”. Era, no entanto, relativamente fácil aos tanques penetrar pelos intervalos, mas, nesse caso seriam alvejados pela artilharia e depois atacados pela infantaria. Não obstante, muitos cêrcos foram ainda feitos por tanques e infantaria motorizada. Lançada mais ou menos a 11 de julho, pelo menos uma divisão *panzer*, penetrou até à região de Smolensk que atingiu aproximadamente a 15 desse mês. Agiram, procurando surpreender. Invés de fazerem uma parada para ligeiras reconstituições e depois efetuarem a manobra clássica sobre as retaguardas russas e as forças *panzers* nazis desencadearam violento ataque. Atingiram-nas com relativa facilidade, mas as encontraram defendidas por divisões vermelhas de reserva. A divisão *panzer* Hoth, por exemplo, foi detida cerca de 40 km além de Smolensk, com fortes perdas. Os *nazis* foram surpreendidos a seu turno. O Exército Panzer Hoth sofreu tanto que ficou fóra de ação até outubro.

Os acontecimentos que ocorreram logo depois foram mais significativos. Enquanto, no Sul os ataques *panzers*, o envolvimento e o *aniquilamento* precisaram apenas 10 a 15 dias, em Smolensk duras batalhas se desenrolaram durante cerca de 28 dias. A razão está não somente na *profundidade* das defesas *massiças* dos soviéticos mas também na *insuficiência* das massas atacantes nazistas. Isto podia parecer um enigma, mas atualmente, compreende-se ter sido a *mais importante fraqueza revelada* pelos germânicos.

Von Eirmannsberger e seus discípulos tinham sempre afirmado que à proporção entre as divisões *panzers* e as de infantaria motorizadas, deveria ser de 1 para 2. De acôrdo com isso, tratando-se de um inimigo devorador como a Rússia, deveria ser de 1 para 3. Ainda, os germânicos empreenderam a campanha da Rússia com o valor de 27 ou 28 divisões *panzers* e apenas com 29 motorizadas, portanto, somente, 1 para 1. Consequentemente, em Smolensk e em muitas outras batalhas,

os germânicos tiveram dificuldades em fechar as bréchas feitas pelos tanques. Conseguiram-no, na verdade, na maior parte, mas dificilmente. Emboscadas dos Exércitos vermelhos, mataram muitos milhares de homens da infantaria motorizada e muitas unidades vermelhas conseguiram iludir o cerco e escapar.

Estratégicamente, a maior duração da fase de "aniquilamento" teve enormes e importantes consequências.

Invês de tirar partido de seus sucessos, valorizando-os pelo início imediato de novos ataques e pondo os vermelhos fóra de causa, os germânicos foram forçados a esperar, enquanto as tropas soviéticas se fortificavam. Talvez mais que qualquer outro fato, foi esta a causa de não terem os germânicos atingido seus objetivos estratégicos antes do inverno.

Por que os germânicos não motorizaram as necessárias divisões de infantaria? Por que enquanto duplicaram suas divisões de tanques, entre maio de 1940 e junho de 1941, apenas só aumentaram divisões motorizadas de infantaria de um terço? Talvez substimassem os russos. Talvez lhes faltassem borracha e matérias primas para as viaturas de transporte de tropas. Talvez lhes faltassem gasolina e lubrificantes. Possivelmente, estas três razões e algumas outras influíram. Só os alemães podem a isto responder.

Não é este o único ponto fraco da longa campanha da Rússia. Não só foi necessária infantaria para completar a fase de "aniquilamento", por envolvimento das *panzers*, atacando pontos fortes e bem defendidas cidades, como também, mais frequentemente, para abrir o caminho. Ainda várias vezes, os germânicos na Rússia deixaram de reforçá-la bastante para afastar os inconvenientes apontados. A mais sensível falta deu-se em Leningrado. A tomada desta cidade teria acarretado o fim da Esquadra Russa do Báltico, e aberto no golfo da Finlândia uma linha de comunicações segura para os reaprovisionamentos e ainda, libertado, provavelmente 15 ou 16 divisões de infantaria germânica para outras missões. Leningrado foi virtualmente cercada, desde a queda de Schlüsselburg, a 8 de setembro. Houve várias semanas de bom tempo para batalhas. Apesar disso, não puderam os germânicos reforçar suficientemente a infantaria, para pesar na balança.

Ainda, — por que? Desta vez a resposta é clara. Na ofensiva, uma divisão de infantaria come mais e atira mais, consome cerca de 56 vagões ferroviários de suprimentos por dia. Para alimentar uma pesada barragem grandes massas de artilharia pesada necessitam, mesmo, mais vagões de munições. Os germânicos sentiram-no bem. Seus engenheiros e batalhões de trabalhadores repararam as devastadas vias férreas russas com espantosa rapidez. O funcionamento do reaprovisionamento empregou milhares de carretas e um milhão de cavalos em estradas sulcadas e lamacentas. Não bastou. Mesmo antes do inverno não puderam transportar o pessoal e matérias de que necessitavam. Ao con-

trário, para os russos defensores de Moscou e de outras grandes cidades, o problema dos reaprovisionamentos era muito mais fácil, pois operavam servindo-se de suas linhas interiores, ainda não atingidas (Fig. 5).

A DEFESA ENCARNIÇADA DE MOSCOU

A ofensiva contra Moscou, pôs em alto relevo vários pontos fracos do *ataque germânico* e a força da defensiva russa. O esforço germânico falhou por pouco, mas esse pouco nas circunstâncias da batalha, importaria em derrota importante. De fato; se para Hitler parecia um brinco continuar, para o quartel-general germânico no entanto, o risco seria tão pequeno quanto a recompensa seria grande. Primeiro, a recompensa...

É duvidoso que a Rússia pudesse sobreviver à queda de Moscou. Ficaria seu moral mortalmente ferido e estaria privada de armas e da fonte mais importante de materiais. Onze das maiores estradas de ferro irradiam de Moscou. Para Leste, na larga extensão entre os Urais e a capital somente duas fracas linhas correm de Norte para o Sul. Assim, com a cidade tomada ou cercada, os transportes de tropas e reaprovisionamentos entre as frentes Central, Norte e Sul, bem como o fluxo vital de carvão e máquinas da bacia do Donets, estariam virtualmente parados.

Por volta de 16 de novembro, quando a grande ofensiva começou, as tropas germânicas estavam fatigadas e esgotadas. Ainda que o inverno começasse onze dias mais tarde, somente poucos homens dispunham de roupas de inverno. Os equipamentos estavam fora de uso e em muitas unidades os claros não tinham sido preenchidos.

Não obstante, Hitler atacou. A única explicação é que os germânicos acreditavam, de fato, como apregoavam, estarem as forças russas virtualmente aniquiladas. Decidiram dar o golpe de misericórdia, apoderando-se de Moscou, numa operação não excedente de duas semanas.

É uma conclusão que se pode tirar em face das características das forças incumbidas de sua execução. Tres exércitos germanicos foram empenhados nesta ação em 16 de novembro: um, *forte exército panzer*, ao Noroeste; um, de infantaria ao Centro, e um outro *forte panzer*, ao Sudoeste. Compreenderam 13 divisões de tanques, 5 divisões motorizadas de infantaria e 33 de infantaria a pé. E aqui está um fato surpreendente: — em vez de 3 divisões motorizadas para 1 *panzer*, teoricamente aconselhável, havia menos de 1/3 para 1. Ainda, mais espantoso foi o fato da exiguidade total de forças. A frente era aproximadamente de 600 km (350 milhas) e, no entanto, a proporção de divisões de infantaria, inclusive motorizadas, correspondia a 1 divisão para cerca de 15 km (9 milhas). Numa ofensiva tão importante, a densidade de tropas deveria ser dupla, no mínimo. A defesa russa contava com umas 65 ou 70 divisões, incluídas algumas de cavalaria, dando-lhes uma

superioridade numérica de cerca de 1 e 1/3 de forças. Dispunham de poucos tanques. Não eram, porém, os tanques a arma para ganhar esta batalha.

Não obstante, pareceu à primeira vista, que os exemplos de Unian, Kiev e Smolensk seriam repetidos, embora em menor escala. Após sete dias, o *Exército Panzer* do Norte rompeu e chegou até uns 50 km (30 milhas) próximo a Moscou. No centro, conseguiram aproximar-se bastante para bombardear os subúrbios da cidade. As *panzers* de Gunderian, no Sul, lançaram uma pinça para Tula visando cortar a via férrea Moscou-Donbas. Moscou foi parcialmente evacuada. A situação tornava-se crítica.

Dia a dia, porém, o avanço tornou-se mais árduo para os germânicos. A ação tática das *panzers* emperrava-se cada vez mais: não havia logares indefesos na retaguarda, onde tomar alento, respirar um pouco. Já havia lama profunda por toda parte. Com os nevoeiros, as neblinas e a neve fina, a visibilidade era péssima. Finalmente, os tanques foram forçados a voltar, coisa que os germânicos nunca quiseram admitir, à condição de mero apoio da infantaria. E acabaram mesmo sendo menos ainda. Seus lubrificantes sintéticos começaram a gelar e bem assim os dos transportes da infantaria motorizada, das viaturas dos reaprovisionamentos e os dos aeroplanos.

Mesmo, em melhores condições, o ataque teria falhado. Os germânicos progrediam num país devastado onde os melhores meios de comunicação tinham sido destruídos. Os defensores, operavam com vantagens a esse respeito: uma grande atividade nas vias ferreas, boas estradas, veredas, linhas elétricas, cheias de estoques móveis. Massas de homens do Exército Vermelho podiam ser orientadas, em qualquer direção, em pouco tempo.

Em tais condições, a batalha estava perdida. Estava perdida por causa das defesas vermelhas massiças e profundas e a excelente possibilidade de transportes dos vermelhos. Estava perdida também, por penúria de infantaria germânica, transportada a pé, e por falta do moral confiante que antes animava as forças na realização de suas missões.

Durante os próximos cinco meses ultiores, o Mundo viu, pela primeira vez, um Exército Nazi sitiado, retirando-se, batendo-se, não para avançar, mas para guardar suas conquistas.

CONTRA-OFENSIVA

Seria desejável poder-se concluir que a tática e o material vermelhos provaram ser superiores afinal. Infelizmente isso não é possível. A principal razão para a ulterior passagem dos germânicos à defensiva foi o tempo. Desde que os tanques e os aeroplanos tornaram-se de pouca serventia na campanha do inverno, os germânicos tiveram de refluí-los, para a retaguarda a fim de se refazerem para a

campanha do próximo verão. Sómente a infantaria foi deixada mais ou menos intacta e, tal como acabamos de vêr, era numericamente muito inferior à russa. Assim, a balança mudou e com isso todo carater da guerra. Não dispondo os russos de armas ofensivas, a batalha arrastou-se morosamente quasi como no tempo da primeira Guerra Mundial.

Parece provavel que, quando os russos tomaram a ofensiva, o Marechal Shaposhnikov, então chefe do E. M., não teve objetivos geográficos em seu movimento estratégico. Seu plano fôï, aparentemente, atacar como podia tão fortemente e tão frequentemente quanto possivel; não dar repouso aos fatigados germânicos; ferir-los durante o longo inverno, causando-lhes o máximo de perdas, desgastando-os. Se teve um único e importante *objetivo* foi o de aliviar *Lenigrado*.

Foi este objetivo, em parte, a causa do sucesso russo ter sido mais importante na frente Central que no Sul. A reconquista da Criméia teria sido valiosa para os Soviéticos, não tanto, porem, quanto o desfôgo das indústrias de guerra de Lenigrado. Consequentemente, a mais forte pressão russa foi exercida no centro. Alem disso, os germânicos não haviam sofrido tantas perdas no Sul como nos pontos, onde retrocederam, no Centro. E, finalmente, a região de Moscou, com excelente sistema de transportes, dava tambem inestimaveis vantagens para a ofensiva.

Apezar disso, o sucesso russo, no centro, foi limitado. Em cinco meses, os germânicos tiveram o domínio de uma região maior que a Hungria, Rumânia, Polônia, Austria, Checoslováquia e a Alemanha de antes de 1939, reunidas.

Nos quatro meses de inverno, os russos reconquistaram somente cerca de um quinto. A principal razão, por que não puderam ir mais alem, está na sua maneira de atacar.

Os tácticos vermelhos treinaram, talvez, suas tropas para um poderoso tipo de ofensiva. Tal como a viam, cada setor de 50 km de frente, compreenderia 12 divisões de infantaria esteiadas por três outras motorizadas, à retaguarda. Com a infantaria haveria 24 batalhões de tanques. O setor seria tambem equipado com trabalhos de engenharia e reforçado por umas 2.500 peças de artilharia. O objetivo seria romper as linhas inimigas numa profundidade de cerca de 80 km em sete ou oito dias — em notavel contraste com as operações *panzer germânicas*, as quais não demandavam uma numerosa artilharia e atingiam muitas vezes a profundidade de 80 km numa só jornada.

Durante o verão e o outono, os russos nunca tiveram oportunidade para preparar uma tal ofensiva. Quando amainou o inverno tanto eles como os germânicos, estavam esgotados pelas interpéries. Não obstante, seu oleo ser melhor, os tanques DD não poderiam engajar-se em ofensivas tão profundas como as das panzers germânicas. Grandes massas de artilharia não poderiam, tal como as divisões motorizadas de in-

fantaria, ser lançadas através das altas neves. No entanto como mostra o diagrama 3, a versão russa da manobra de "envolvimento e aniquilamento" no inverno, empregou somente poucos tanques, a guisa de pontas de lança, seguidos por cavalaria e tropas de esquiadores, em vez de infantaria motorizada, e finalmente — embóra de modo tardio — infantaria a pé.

A defensiva germânica teve que ser muito habil para manter-se. Os homens irregelados combatiam, retirando-se, combatendo de novo sem descanso, e morrendo.

Porem, não houve sinal de catastrophe generalizada. E, depois que os primeiros choques do contra-ataque se esgotaram, por si mesmos, os germânicos mantiveram-se com pertinácia num sistema de pontos fortes que seus engenheiros e trabalhadores organizaram rapidamente, em torno de pequenas cidades ou aldeias. Cada um desses pontos era como um "*porro espinho*" cujo corpo estava na cidade ou vilas, fortemente defendidas em todas as saídas por artilharia, com fortes organizações de concreto, ocupadas por numerosas tropas, alem das *tropas de choque* para os contra-ataques; e cujos espinhos eram formados por subúrbios, granjas, aldeias fortificadas e ocupadas mais ligeiramente.

Esses *espinhos* eram protegidos pela artilharia pesada do *corpo*. As artilharias de dois corpos podiam usualmente prestar-se mutuo apoio. Os intervalos entre muitos *espinhos* e o *corpo* eram vigiados por formações móveis, fortemente armadas. Atrás destes pontos fortificados, ficavam as cidades tambem fortemente organizadas e ocupadas por importantes reservas. No caso de uma parte deste sistema ficar isolado, o reaprovisionamento far-se-ia pelo ar. O sistema lembra a organização russa em profundidade, mas feita de modo mais elástico. Pode ter sido mesmo inspirado pelo exemplo russo.

PODERA' A RÚSSIA MANTER-SE ?

Agora estamos em maio, o solo duro, o tempo favoravel para as batalhas. Irão as cousas modificar-se outra vez ? Irão os nazis percorrer de novo o terreno duas vezes devastado e ensaiar apoderarem-se dos objetivos que não puderam conquistar da outra vez, por causa do inverno ? Ninguem pode sabê-lo. Porem, a aparência é sugestiva.

No último 22 de junho, grosso modo, cerca de 100 km de território russo separavam os nazis de seus mínimos objetivos. Nove meses mais tarde, estes objetivos estavam a cerca de 80 a 300 km. A dedução é simples. Se os *nazis* puderam refazer os Exércitos que tinham a 22 de junho e a menos que os russes tenham refeito os seus próprios e readaptado sua tática, Hitler tem excelentes probabilidades de ver sua tropa desfilar em passo de ganso através da Praça Vermelha.

Pode a Rússia recuperar seus exércitos? Os germânicos proclamam e acreditam lhes ter infligido cerca de 10.000.000 de baixas. Atualmente essas perdas, correspondem a 4.500.000, mais alguns 17.000 ou 18.000 tanques e um proporcional acervo de aeroplanos, artilharia e outros materiais. O problema não será a infantaria, pois os russos podem mobilizar facilmente 10 a 15 milhões de homens. Artilharia e outras armas podem provavelmente ser obtidas.

O caso é, porém, diferente para os tanques e aeroplanos. As perdas das fábricas de tanques de Karkov, Kramatosk e Rotov, das minas de ferro de Krivoi Rog, da siderurgia de Dnepr e Donets, de um sem número de oficinas de armamento e de química, aqui e ali, — podem ter invalidado a produção soviética, mesmo apesar da remoção de muitas manufaturas para além dos Urais. Talvez hajam sido compensadas pelos E.E.U.U. e Grã Bretanha, mas a probabilidade parece remota.

Recuperou a Alemanha seus claros? Ela perdeu talvez 1.800.000 homens na Rússia, mais uns 218.000 noutras campanhas — uma grande perda, mas sem significação fatal. Tendo tido tempo de reparar e construir comunicações na Polónia e a Oeste da Rússia, iniciará provavelmente a campanha de verão com mais tropas ainda. Há, porém, uma coisa: — a *qualidade* das tropas é mais importante que a *quantidade*. As grandes perdas germânicas podem ter-se dado entre os amadurecidos e maravilhosamente treinados soldados das tropas *panzers* — difíceis, senão impossível, substituir num curto período de tempo. Para tanques e aeroplanos e outras armas, a Alemanha tem em sua vasta indústria recursos, afóra os de todo continente. Ainda, pode haver uma dificuldade para a infantaria motorizada, o ponto fraco no sistema alemão. E se é verdade que esta fraqueza resulta da deficiência de materiais para a rotação, o mesmo pode ocorrer com os tanques e aeroplanos.

O mais importante de todos os fatores — a tática Vermelha — está no mais profundo mistério. Se os soviéticos prepararam a contrapartida do forte poder ofensivo dos *panzers*, guardam segredo. Além disso os incompetentes foram afastados do alto comando. A autoridade ficou centralizada no Marechal Shaposhnikov, um inteligente estrategista. Os oficiais de estado maior vermelhos, os capitães, coroneis, comandantes de divisão mostraram ser surpreendentemente capazes e neste verão eles estarão melhores.

Em suma, apesar das evidências serem favoráveis aos nazis, não são conclusivas. É preciso admiti-las para os competentes chefes vermelhos, cuja falta foi em 1941 a maior e singular causa dos desastres soviéticos. É preciso admiti-las para um mais completo sistema de defesa em profundidade, o qual agora pode ser mesmo baseado em organizações de concreto. É preciso admiti-las para a vigilância vermelha: não haverá surpresa desta vez. É admissível ainda que os aliados abram uma segunda frente. Podem haver reviravoltas da sorte que nenhum co-

FIGURA 3



FIGURA 4



mando pode prever e que podem afetar profundamente o curso de uma batalha, campanha ou guerra.

Veremos no próximo Novembro. (3)

(3) Este artigo é baseado largamente na documentação de Mr. Alexander Nazaroff, de Nova York City. Russo de nascimento aqui reside desde 1921 e fez-se cidadão americano em 1923. Durante mais de 10 anos foi cuidadoso estudioso dos principios táticos e estratégicos dos soviets, da Alemanha e dos E.E. U.U.



— Se houver alguém, contudo, que deixe de cumprir o seu sagrado dever, por estar descoroçoado ou corrompido, que isso não seja por nossa culpa, se não por conta própria; e neste caso, esse transviado receberá, de conformidade com as nossas leis de guerra, o castigo que merecer. Esse, aliás, não seria brasileiro mesmo que tivesse nascido no Brasil. Divergir agora, com o inimigo às nossas portas, é trair; e divergir, mesmo por pensamento, ainda é uma abominável felonía. O Brasil tem que estar colocado acima de todas as discórdias e de todas as tendências dissociativas. Os que, não obstante a união nacional, continuarem a “torcer”, clara ou dissimuladamente, por ideologias exóticas de regimes alienígenas — tanto da direita como da esquerda — ou por sistemas já revogados, não estarão, por certo servindo a causa do Brasil. Quanto a inimigos internos de qualquer natureza, devem ser segregados, isolados, e como fistulas malignas, ser cuidadosamente cauterizados para não infeccionarem o organismo todo. E’, pois, uma questão de policia e de Justiça.

GEN. EURICO DUTRA

A ENGENHARIA E A DEFESA ANTI-TANK

Pelo Tte. Cel. **FRANK W. GANO**
publicado no "The Military Engineer",
de Janeiro de 1942. — Tradução do
Cap. de Eng. **NEWTON F. FERREIRA**

Há quatro meses que constantemente três tanks vem sendo empregados no treinamento contra medidas anti-tanks, no E.R.T.C. (1), de Fort Velvoir, Va. A necessidade da experimentação prática dos obstáculos construídos levou o Diretor de Engenharia a formular um pedido às Forças Blindadas, o qual teve uma generosa acolhida, resultando a vinda para Fort Belvoir de três carros blindados.

PROVAS PRÁTICAS

Diariamente são construídos e experimentados por diversas unidades, diferentes tipos de obstáculos anti-tanks. Como resultado as tripulações adquiriram grande prática na sua transposição, e, sua eficiência em relação ao primeiro exercício foi grandemente aumentada. Nas mesmas, elas devem assinalar os pontos fracos e as dificuldades encontradas. Sua eficiência é tal, que hoje, quando um obstáculo é mal construído sua transposição é ordinariamente esperada.

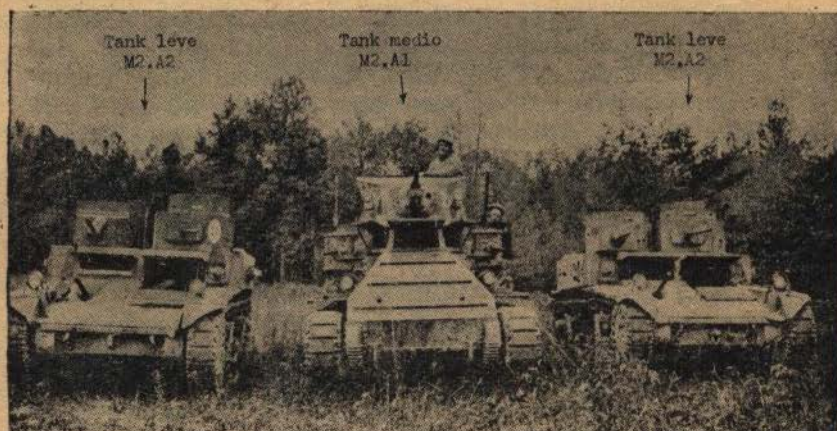
Ao serem iniciados os exercícios a razão, na transposição isolada de cada obstáculo, era de cerca de 70 %. Hoje, embora aumentada a eficiência das tripulações, melhoramentos

(1) **E.R.T.C. — Engineer Replacement Training Center** — É um centro de primeiro treinamento para os mobilizados da Engenharia, na presente guerra, onde permanecem de 8 a 12 semanas, variáveis com o aproveitamento demonstrado. Uma vez julgados em condições são destinados a completar os cursos das diferentes unidades de Engenharia, já existentes ou em organização. Possui como tropa, em instrução, aproximadamente 12.000 homens.

foram introduzidos, defeitos foram reparados, de modo que, aquela percentagem baixou para 50 e mesmo em alguns casos para 40%. Todos os oficiais do E.R.T.C., com seus Pelotões, Companhias ou Batalhões, assistem a construção, e mesmo, constroem obstáculos anti-tanks. O mesmo se passa com os oficiais alunos e instrutores da MILITARY SCHOOL que também funciona na área do Fort Belvoir, embora independente do E.R.T.C. Isto muito os tem beneficiado pois os resultados práticos aumentam dia a dia, e a ereção de obstáculos vai evoluindo rapidamente.

Os tanks cedidos pelos Forças Blindadas tem as seguintes características:

Caraterísticas	médio M2-A1	1 — médio M2-A2	Observações
Peso tonaladas	19	9	Um pelotão de tanks, possui:
Altura . . . m	2.77	2.36	
Largura . . . m	2.51	2.39	1 — medium 2 — leves
Comprimento . m	5.60	4.14	
Espessura couraça mm	6,4 a 30,2	6,4 a 16	
velocidade Km/h	4 a 42	5 a 56	
armamento {	canhão, 37 mm.	1	
	mtr., c. 30	8	
	mtr., c. 50	—	



Embora sejam modelos antiquados não tão completos como os fabricados hoje em dia, eles realizam uma excelente demonstração prática da eficiência do obstáculo, especialmente quando conduzidos por tripulações já confirmadas "tankers" (2), eficientes combatentes da guerra mecanizada.



Tank médio imobilizado em um obstáculo

Todos, não só os oficiais que assistem as provas, como também os encarregados da sua execução já se convenceram da excelência da concepção que gerou os obstáculos anti-tanks, e que, sómente poder-se-á deter um ataque mecanizado provendo a defesa de uma completa e variada rede desses obstáculos. E' condição indispensável que o fator tempo seja bem considerado, para que se possa efetivar a realização perfeita de uma rede de obstáculos. As conclusões aqui descritas baseiam-se em limitadas experiências realizadas no Forte Belvoir, e explanadas de um modo geral. Para a construção da rede de obstáculos anti-tanks, o comandante da Engenharia deve ter conhecimento de todos os dados necessários: situação tática, natureza do terreno, capacidade das forças mecanizadas inimigas etc. . . , bem como possuir todos elementos necessários à sua efetivação, isto é, pessoal, material e armamento para sua cobertura.

(2) Tankers — nome dado à tripulação de um tank, bastante eficiente em suas funções.

De modo geral, um ataque de tanks poderá ser detido pela captura, destruição ou imobilização das unidades atacantes. A captura normal depende da imobilização de tank seja ela temporária ou permanente. A imobilização temporária produz resultados positivos somente quando imediatamente são empregados esforços para a sua captura ou destruição. Quando uma perfeita coordenação no emprego combinado de todas as armas é atingida, as atividades inimigas normalmente culminarão pela captura ou destruição de seus engenhos blindados. Muitas vezes deverá a Engenharia aguardar a colaboração das outras armas para destruição ou capturar o tank detido pelo obstáculo que construiu.

TIPOS DE OBSTÁCULOS

Todos os ardís empregados pela Engenharia para deter um ataque mecanizado, tomam genericamente o nome de obstáculos, tais como os fossos, os "asparagus beds", os campos minados, as crateras, etc. Quando adequadamente empregados os tipos são eficientes; e nulos, quando possíveis de serem contornados ou que não estejam cobertos pelo fogo.

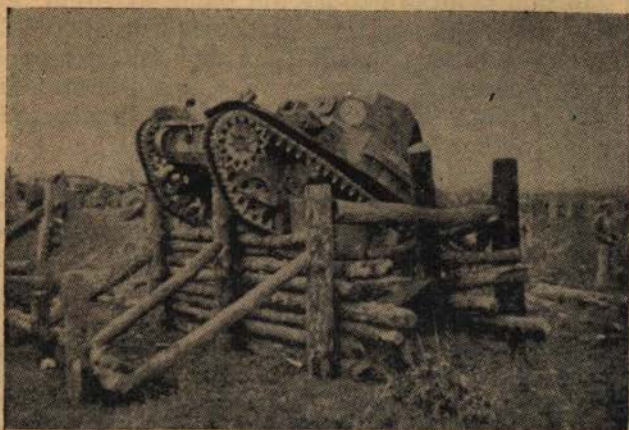
O terreno é de capital importância. Quando convenientemente explorado e desenvolvido é mais eficiente que o trabalho humano. Um terreno adequado deve sempre ser aproveitado. Por exemplo, um pantanal onde o firme só é encontrado a 50 ou 60 cm da superfície constitui uma barreira intransponível a progressão dos carros leves e médios.

No emprego das minas anti-tanks a destruição em profundidade e largura deverá ser calculada com uma grande margem de segurança. Nos campos minados, em que o emprego de minas anti-tanks for limitado é fácil às tripulações dos tanks encontrarem e abrirem brechas. A vantagem principal de uma mina reside no fato de sua detonação ser sempre provocada diretamente pelo tank, ocasionando-lhe a sua destruição ou imobilização temporária.

Os fossos, crateras, etc. quando construídos com os necessários cuidados e características imobilizarão temporariamente um ataque de tanks. Somente em poucos casos o uso de tal obstáculo provocará a imobilização permanente do carro blindado. Para que o obstáculo seja eficiente, a destruição ou captura do tank deverá seguir-se imediatamente à sua imobilização temporária.

De um mesmo modo os obstáculos de estacas e troncos e outros similares, não são suficientes para provocarem a imobilização permanente de um engenho blindado. Isto pode-

rã dar-se, mas será excepcionalmente. Um tank tombado pelo efeito de um obstáculo de troncos ou por outro qualquer poderá voltar à posição normal em 10 ou 15 minutos, quando auxiliado por outro, entrando novamente em ação, a menos que a sua destruição ou captura se siga à sua queda.



Tank leve suspenso em um obstáculo de troncos

REQUISITOS PARA A CONSTRUÇÃO DE OBSTÁCULOS

Certos princípios fundamentais para serem observados na construção de obstáculos merecem ser assinalados. Sempre se deve supor que a primeira vaga de tanks num ataque blindado seja conduzida por tripulações experimentadas, homens escolhidos, com acentuado espírito combativo, verdadeiros "tankers". E nunca, que uma única linha somente seja suficiente para deter um ataque blindado. A construção em profundidade é indispensável. Normalmente o primeiro obstáculo é transposto pelos tanks, embora com relativa dificuldade. Estes somente deverão ser batidos pelo fogo, quando detidos num segundo obstáculo, começarem a "perder o equilíbrio". Cercas de estacas de madeira adequadamente localizadas são excelentes meios de perturbarem a estabilidade dos tanks; por isso que, quando construídas transversalmente em relação à frente, são mais eficientes. Os obstáculos de tronco deverão sempre estar combinados com fossos anti-tanks, mas solidamente construídos e desuniformemente distribuídos.

O cálculo da rigidez que deve possuir um obstáculo é difícil de ser executado e previsto. Por exemplo, se um tank de 25 toneladas, impulsionado a uma velocidade compreendida entre 40 e 50 quilômetros horários chocar-se contra um rígido obstáculo, o impacto será terrível. O trabalho exercido será fantástico e comparavel a três vezes mais o couce dado por um 350 mm montado sobre um truck de linha férrea.

A construção de uma linha defensiva de obstáculos deve ser efetuada por pessoal habilitado, treinado e especializado neste mister. Somente desse modo e sob o comando de um chefe resoluto, convencido de que "eles não passarão", poderá haver sucesso.

Como o normal das vezes o engenheiro deve construir a rede de obstáculos, empregando somente as suas ferramentas e o material encontrado nas imediações, o treinamento em Fort Belvoir, vem sendo conduzido de modo a dar um cunho de realidade ao trabalho executado e sob as mesmas condições sob o qual o mesmo deverá ser realizado.

Nós da Engenharia, admitimos que a neutralização de um ataque blindado só poderá ser bem sucedida, se a combinação dos meios de defesa de todas as armas for bem coordenada e utilizada. Embora quando um obstáculo por nós construído detenha um tank, e sintamos vontade de destruí-lo por nossas próprias mãos, sem auxílio estranho, deveremos aguardar a colaboração das demais armas para darmos início à sua destruição ou captura.

"A amizade americano-brasileira nasceu com os alvares da nossa Independencia. Logo após o Grito do Ipiranga, mandávamos a Washington um enviado diplomático e, em seguida, recebiamos um Ministro dos Estados Unidos. No discurso de credenciais já ele acentuava que a América não deixaria nunca de testemunhar ao Brasil seus sentimentos de cordialidade sincera e desinteressada".

GETULIO VARGAS

Os técnicos americanos começaram a impressionar-se com os minerais que até então se importavam, por sinal que em grande escala, para as indústrias normais e, já em 1940, os minerais então considerados estratégicos, ou essenciais e críticos, passaram a ter prioridade sobre os demais artigos que a União Americana ia buscar em outros países. Medidas rigorosas de controle se impunham a cada instante. A "United States Tariff", elaborou também o seu plano de minerais estratégicos baseado no esquema J. A. Roush, com pequenas alterações, considerando minerais essenciais e críticos a bauxita e a platina, e como estratégico o cristal de rocha, este já por nós estudado neste caráter e do qual o Brasil seria por força do destino o maior fornecedor, por ter a primazia de ser o detentor da melhor espécie do mundo e das maiores reservas até hoje conhecidas.

A ameaça da alteração da paz no Pacífico, porém, modificava em parte os planos propostos e já em execução. Contemporizava-se em tabuleiros diplomáticos uma situação inevitável. O 7 de dezembro de 1941 fôra o marco de explosão dos acontecimentos antes da época prevista pelos técnicos americanos, uma vez que estes não tinham encarado o fator surpresa da "tática jiu-jitsu" empregada em **Pearl Harbor**, pelos amarelos, e ainda se achava em Washington o embaixador especial e extraordinário do Japão, estudando a pendência existente entre as duas nações !

Para completo controle dos minerais necessários à indústria militar, já que diversas fábricas e empresas se transformavam para esse fim, em setembro desse ano, no dizer do presidente da "Montana Scholl of Mines", F. A. Thomson, desaparecia a distinção entre minerais estratégicos e não estratégicos, e a relação organizada, em substituição aos planos e esquemas anteriores, abrangia todos os minerais existentes ou não no território americano, desde que fossem indispensáveis à guerra. A previsão era total para evitar possíveis faltas e assim ficaram sendo considerados como minerais de controle do governo americano os seguintes:

Abrasivos	Ligas de cobre	
Alumínio	Criolite	Magnésio
Antimônio	"Diamon Dies"	Mercúrio
Asbestos	Ferro Sílicon	Mica
Berílio	Fluospar	Molibdênio
Borax	Grafita	Níquel
Latão	Gipsita	Petróleo
Cádmio	Ilmenita	Metais de platina
Cromo	Diamantes industriais	Cristal de quartzo
Carvão	Ferro e aço	Rádio
Cobalto	Pedras (para jóias)	Tântalo
Colômbio	Chumbo	Estanho
Cobre	Zinco	Titânio (rútilo)
Urânio		Tungstênio
Vanádio		Zircônio

Para cada uma dessas classes de minerais fôra previsto um plano geral de importação, de exploração, de substituição e de quotas, e em cada plano para os minerais separadamente, segundo a sua impotência para a guerra.

A importação previa quotas de fornecimentos pelos países americanos, segundo contrato entre os respectivos governos. Quanto à malacacheta cabia ao Brasil o fornecimento de 600 toneladas anuais, quantidade esta excedida pelas nossas possibilidades.

A exploração no território americano ficou desde logo sob a orientação científica da Escola de Minas (Montana Scholl of Mines) e técnica e financeira do "Bureau of Mines and Geology" e do "W. P. A. Mineral Resources Survey" e outros institutos.

Para o problema das substituições, de não menos importância, foi encarado o ERSATZ ou sucedâneo sobre todos os aspectos, minerais, vegetais e animais, abrangendo tudo, até o cabelo louro importado da Suíça e necessário aos meteorologistas!

O regime de quotas atingiu não só as matérias primas como as industrializadas de cada mineral, sobressaindo dentre estes os seguintes: cobre, grafita, manganês, molibdênio, tungstênio, fluospar, chumbo, urânio, estanho, alumínio, zinco, aço, níquel, cromo, latão, asbesto, etc.

Listas foram organizadas e distribuídas a todos os países interessados e detentores de tais recursos, quer em exploração, quer em potencial.

Pois bem, os nossos estudos se relacionam com os minerais acima relacionados e que existem no Brasil, abrangendo as nossas possibilidades de fornecedores para a defesa do continente e as relações econômicas que poderão advir para o nosso país.

Nesse caráter, acompanhemos, pois, a Mica.

b) — CLASSIFICAÇÃO DAS MICAS

A família das micas pertence à classe dos minerais de origem magmática e apresenta as seguintes espécies, segundo Rui de Lima e Silva, ilustre professor da Escola Politécnica do Rio de Janeiro:

I) — Micas Potássicas:

- a) MUSCOVITA, branca, transparente e perfeitamente elástica, donde o seu emprego comum em substituição ao vidro (malacacheta);
- b) DAMURITA, untuosa, e SERICITA, sedosa; são hidratadas;
- c) FUCSITA, ou mica verde, contendo também cromo, que a colore;
- d) LEPIDOLITA, mica arroxeada; contém lítio;
- e) PARAGONITA, de composição idêntica à Muscovita, mas o Potássio se acha substituído pelo Sódio.

II) — Micas ferro-magnesianas:

- a) MICA NEGRA (ou Biotita); é a mais férrea de todas;

- b) FLOGOPITA (ou Mica dourada. E' a única magnesianana. Apresenta, às vezes, o fenômeno de asterismo: provém comumente da alteração da Biotita pela perda de ferro;
- c) LEPIDOMELANA, negra e de composição próxima à da Biotita;
- d) ZINVALDITA, ferro-litínica, nos vieiros de estanho.

E' a mica um mineral comum às rochas magmáticas e metamórficas, sendo as destas últimas as empregadas na indústria por apresentarem grandes lâminas em formatos de livros, muitas vezes com mais de dois metros de comprimento.

Como vimos na classificação das espécies, têm as micas as mais variadas composições químicas, tais como ortosilicatos de alumínio, de magnésio, de potássio, de sódio, de lítio, de cromo, de manganês e de ferro. Têm brilho sub-metálico e possuem cores variadas segundo a composição química indicada. E' de facil clivagem e desagregam-se em lâminas delgadas e muito elásticas, e daí o seu emprego na indústria elétrica, principalmente. A sua densidade é de 2,7 a 3,1 e a dureza de 2,5.

c) — GEOGRAFIA

As micas são minerais de formações da Era Arqueológica e do Período Arqueano. Não é um mineral exclusivo do Brasil, já que a sua geografia se estendeu a todos os continentes, achando-se em exploração, segundo a ordem de importância, nos seguintes países: Estados Unidos da América do Norte, União Soviética, Índia, África do Sul, Canadá, Madagascar, Brasil, Argentina, Suécia, Coréia, Noruega, Tanganica, Austrália, Itália, Rodésia do Sul, Eritréia (África), Bolívia, Rodésia do Norte e Ceilão.

No Brasil, que nos interessa particularmente neste estudo, faz parte do Complexo Brasileiro e tem como localidades típicas a Serra do Mar, a Mantiqueira, Caparaó, "Plateau" da Baía e as regiões do Nordeste e do Norte inte-

gradadas no mesmo Complexo, sendo encontrada, assim, em todos os Estados brasileiros pertencentes a essa imensa área geográfica.

Nos Estados do Rio de Janeiro e Minas-Gerais, porém, estão localizados as principais jazidas e a mica aí encontrada é resultante, segundo os nossos mineralogistas, da decomposição dos Gneiss e Chistos cristalinos das Serras do Mar e Mantiqueira.

d) — EXPLORAÇÃO E PRODUÇÃO

A exploração da mica no Brasil não é de data recente, mas em pequenas quantidades, não só devido à concorrência de outros produtores, mas também pelas aplicações restritas deste mineral na indústria, antes da guerra de 1914/18. No período de 20 anos, isto é, de 1900 a 1920, as nossas exportações excederam de pouco mais de 700 toneladas, incluídas nestas as grandes remessas para a guerra referida. De 1935 para cá, com as reivindicações surgidas no tablado político europeu e os preparativos de guerra, aumentaram as explorações para atender as exportações e por isso cresceu a produção.

Segundo Estatística do Ministério da Agricultura, a produção brasileira por Estado nos anos de 1937 a 1940, foi a constante do Quadro número 1.

PRODUÇÃO BRASILEIRA POR ESTADO, DE 1937 A 1940

Quadro n.º 1

Estados	Quantidade Produzida (Quilos)			
	1937	1938	1939	1940
Minas-Gerais	568.176	874.622	998.415	1.068.090
Paraíba	5.000	10.000	5.000	15.000
Baía	805	706	468	4.179
São Paulo	2.000	4.800	13.300	3.785
Goiás	10.000	—	526	1.036
Pernambuco	—	—	2.500	—
Rio de Janeiro	—	—	559	—
Rio Grande do Norte	1.000	—	—	—
Total	586.981	890.128	1.020.768	1.092.090

Pelo quadro acima verifica-se que a exploração de mica no Brasil se acha restrita a oito Estados, tendo o Rio Grande do Norte abandonado a exploração e os Estados de Pernambuco e Rio de Janeiro deixaram de concorrer no ano de 1940 com os restantes. Ressalta também que a exploração em Minas Gerais se tem desenvolvido bastante e que a produção tem aumentado consideravelmente.

O Quadro número 2 demonstrará o valor dessa produção no mesmo período.

VALOR DA PRODUÇÃO BRASILEIRA POR ESTADO, DE 1937 A 1940

Quadro n.º 2

Estados	Valor em mil réis da produção do Quadro n.º 1			
	1937	1938	1939	1940
Minas-Gerais . . .	11.363.520	17.292.440	19.968.300	21.361.000
Paraíba	30.000	100.000	62.500	150.000
Baía	2.000	1.765	1.818	74.391
São Paulo	41.000	116.000	133.886	76.931
Goiás	15.000	—	1.998	13.000
Pernambuco . . .	—	—	7.500	—
Rio de Janeiro . .	—	—	2.795	—
R. G. do Norte..	1.000	—	—	—
Total	11.452.520	17.710.205	20.178.797	21.675.322

Uma comparação entre os quadros números 1 e 2 mostra que a exploração não se apresenta com o mesmo valor econômico para todas as regiões onde é explorada a mica, variando sensivelmente os valores, razão porque, se outros fatores que desconhecemos não influíram mais fortemente, foi abandonada a exploração pelo Rio Grande do Norte.

O Quadro n.º 3 nos dirá, agora, o preço médio por ano em cada região produtora.

PREÇO MÉDIO POR QUILO DE MICA, POR ESTADO, DE 1937 A 1940

Quadro n.º 3

ESTADOS	Preço médio por quilo			
	1937	1938	1939	1940
Minas-Gerais	20\$000	20\$000	20\$000	20\$000
Paraíba	6\$000	10\$000	12\$000	10\$000
Baía	2\$500	2\$500	3\$900	18\$000
São Paulo	20\$500	24\$000	10\$000	20\$000
Goiaz	1\$500	—	3\$800	12\$500
Pernambuco	—	—	3\$000	—
Rio de Janeiro	—	—	5\$000	—
Rio Grande do Norte	1\$000	—	—	—

Do Quadro n.º 3 tiram-se várias observações sobre a produção de mica brasileira, destacando-se as seguintes:

a) o preço elevado, médio e constante em todos os anos garantiu notável progresso na produção mineira;

b) a produção paraibana, com o aumento do preço médio de 1939, aumentou no ano seguinte;

c) notável aumento do preço da mica baiana de 1939 para 1940, deu lugar que a produção de 1939, que não passara de 468 quilos, alcançasse nesse último ano 4.179 quilos;

d) a produção paulista de 1939, por sinal a mais elevada, não tendo alcançado o mesmo preço do ano anterior, que fôra o mais elevado para a mica brasileira até então observado, baixou no ano seguinte para um terço, aumentando o preço para o dobro;

e) com o aumento do preço da mica de Goiaz verificou-se também aumento da produção em 1940;

f) os demais Estados, não tendo encontrado bom preço para sua mica, deixaram também de produzir a partir de 1940.

O grande produtor brasileiro é o Estado de Minas-Gerais, que possui mais de 40 estabelecimentos ou empresas de exploração de malacacheta. Em mais de 30 municípios mineiros explora-se a mica, destacando-se os seguintes segundo a ordem de produção em percentagem média do total produzido pelo Estado: a) Governador Valadares, com 32 %; b) Carangola, com 12 %; c) Arassuaí, com 8 %; d) Peçanha, com 5 %; e) Abre-Campo, com 4 %; f) Bicas, com 3 %; g) Matias Barbosa, com 3 %; h) Rio Casca, com 3 %; i) Santa Bárbara, com 3 %; j) Santa Maria do Sussuí, com 2 %, e outros.

O município de Arassuaí, antigo Calháu, possui uma região denominada Malacacheta, que é talvez, a maior ocorrência desse mineral em qualquer parte do mundo. É de tal maneira a mica nessa região, que se vêem "livros" sobre "livros" de malacacheta na base da montanha, como se fosse uma vastíssima biblioteca organizada pela natureza. Viajam-se horas e horas sobre malacacheta e qualquer que seja a direção tomada naquela região desdobram-se diante de nossos olhos os mais variados aspectos oferecidos pela mica, principalmente nos dias de sol ardente.

A mica do Estado de Goiás é de ótima qualidade, mas a dificuldade de transporte tem impedido o desenvolvimento da sua exploração e consequente produção.

O Estado do Rio de Janeiro possui ricos depósitos nos municípios de Campos, São Fidelis e Paquequer, sobressaindo-se a mica deste último, que é encontrada em "livros" com mais de dois metros de comprimento.

A malacacheta no Brasil ocorre associada a berilos, turmalinas e caolím, e, a espécie mais explorada é a MUSCOVITA, resultante de rochas metamórficas.

e) — EXPORTAÇÃO

A exportação brasileira de mica data dos primeiros tempos de sua exploração, não apresentando, porém, ex-

pressão econômica até o ano de 1913, cuja exportação atingiu a 9.689 quilos no valor de vinte e cinco contos de reis.

De 1914 em diante, ano inicial de primeira conflagração mundial, a mica brasileira apresentou a seguinte exportação:

Anos	Quilos	Valor
1914	18.073	44:870\$000
1915	50.773	142:236\$000
1916	53.743	223:438\$000
1917	96.627	505:211\$000
1918	161.623	1.103:695\$000
1919	154.350	1.266:746\$000

Terminada a guerra de 1914/18 entrou em declínio a exportação e estacionando-se numa média anual de 44.000 quilos, até 1934, quando subiu a 59.383 quilos.

O armamentismo a que se entregaram as nações européias do chamado “Eixo” e alvoroçado com as reivindicações e as novas teorias de “espaço vital”, veio pôr em evidência esse mineral e a partir de 1935, começaram, ano a ano, a crescer as nossas exportações, no seguinte ritmo:

Anos	Quilos	Valor
1935	109.670	889:000\$000
1936	236.877	2.322:000\$000
1937	329.976	3.476:000\$000
1938	521.013	5.140:665\$000
1939	435.183	7.890:719\$000
1940	1.117.474	15.755:722\$000
1941	867.068	23.844:716\$000

E' tal o valor da mica na condução da guerra, que a exportação do ano de 1940 quasi triplicou em relação à de

1939 e o valor total da exportação atingiu ao dobro no mesmo ano. Um fenômeno interessante se verifica na exportação de 1941 em relação à de 1940: é que, apesar de ter diminuído a quantidade exportada em quase um terço da tonelagem, o valor total da exportação subiu a mais de um terço, o que demonstra a aceitação e procura da mica brasileira.

Vejamos agora a exportação brasileira por países de destino, nos anos de 1939, 1940 e 1941, de acordo com o Quadro número 4.

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA POR PAISES DE DESTINO, DE 1939 A 1941

Quadro n.º 4

PAISES	1939		1940		1941	
	Tons.	Contos	Tons.	Contos	Tons.	Contos
Estados Unidos	124	1.591	316	4.234	555	10.649
Grã-Bretanha	61	1.629	55	2.710	25	1.662
Japão	111	2.542	624	6.699	236	8.440
Alemanha	37	1.080	4	184	27	2.061
França	34	575	4	114	—	—
Holanda	7	130	—	—	—	—
Itália	—	—	12	287	(*)	369
Índia	60	344	102	1.528	8	154
Rússia	—	—	—	—	7	166
Uruguai	—	—	—	—	9	344
Total	434	7.891	1.117	15.756	867	23.845

Um relance dólhos sobre a exportação do Quadro n.º 4 mostra que de todos os importadores só o Uruguai não se acha em guerra, mas já se prepara para a defesa nacional e do continente. Apareceu um novo comprador de mica brasileira e por sinal o segundo produtor do mundo, a Rús-

(*) A Itália importou apenas 800 quilos no valor de 369 contos.

sia, país cujo regime não foi ainda reconhecido pelo nosso governo. A Índia, que sempre ocupou o terceiro lugar como produtor mundial e o primeiro como exportador, também passou a ser tributária do Brasil. Em 1940, o maior importador foi o Japão, com 624 toneladas das 1.117 embarcadas. Comentando os embarques do ano de 1941, diz um técnico do Conselho Federal do Comércio Exterior: "A maior parte das remessas de mica no último ano se destinou aos Estados Unidos (44,7 %). O Japão até o mês de julho (último embarque), ainda adquiriu 35,4 %, a Alemanha, até junho, 8,6 % e a Itália 1,5 %".

E' de ver que, se não fossem os acontecimentos inesperados do Pacífico os embarques de mica brasileira para o Oriente seriam na mesma proporção do ano de 1940.

A exportação para os Estados Unidos no corrente ano, de janeiro a abril, já atingiu a 224 toneladas e tende a aumentar, de vez que a química milagrosa ainda não conseguiu um sucedâneo para esse mineral indispensável à indústria da guerra. Comentando esse fato, disse um dos técnicos do Conselho Federal do Comércio Exterior: "A importância da mica para os Estados Unidos torna-se mais evidente, quando observamos que numerosos institutos científicos daquele país procedem a pesquisas em laboratórios, afim de encontrar um sucedâneo para esse mineral e, segundo informações recentes, apreciáveis êxitos já foram alcançados. Entretanto, na recente lista organizada pelo Instituto de Pesquisas da América sobre os sucedâneos usados atualmente nos Estados Unidos para materiais em essências nas indústrias do plano de defesa nacional, não figura nenhum produto substituto da malacacheta, o que quer dizer: até agora, não existe de modo a se obter produção em escala industrial o ERSATZ da mica".

f) — APLICAÇÃO INDUSTRIAL

Apesar de não ser a mica empregada diretamente na fabricação de armas e munições, desempenha, contudo, pa-

pel de relevo na guerra, dada a sua aplicação nos transportes, nas comunicações e nas instalações elétricas de toda natureza, fatores que a tornam matéria prima indispensável para a indústria de guerra. E' um mineral de propriedades extraordinárias e sem sucedâneo, quando nada até agora, como isolador nos aparelhos elétricos e ainda "pelo seu elevado ponto de fusão, pela sua flexibilidade e pela sua resistência", no dizer de um técnico.

Se na conflagração de 1914/18 desempenhou papel importante, com mais razão, na guerra atual, em que a moto-mecanização revolucionou completamente os métodos de guerra em todas as frentes, o seu emprego será de desproporções desconhecidas, principalmente quando o conflito se alastra inexoravelmente a todos os continentes e ameaça a todos os países e povos que ainda se acham fora do xadrez das competições.

As máquinas de destruição atiradas à luta, aos milhares, na profundidade e na superfície dos mares, nos ares, em terra e nas instalações subterrâneas de toda natureza, em todas as frentes de combate, são fontes de consumo permanente da mica, o mesmo acontecendo com as instalações de estaleiros, fábricas, estradas de ferro eletrificadas, navios de transporte e de guerra, enfim, todo um vasto parque distribuído pelo mundo inteiro em preparo para a guerra.

O engenho de guerra moderno veio pôr em evidência o valor da malacacheta até então de emprego restrito nas instalações de paz. E não só a indústria de guerra consome a mica, pois outras há de importância capital que a empregam em larga escala, destacando-se dentre elas as de argamassas destinadas a revestimentos de tetos e de telhados, além das de papel para forrar casas, tintas, de borracha e outras de somenos importância.

Para aquilatar da quantidade de mica consumida por essas indústrias, e toda ela resultante de sobras e socatas das indústrias de eletricidade e transformadas em pó para esse fim, basta dizer que no ano de 1939, nos Estados Uni-

dos, o consumo subiu a 29.000 toneladas, assim distribuídas: indústrias de argamassas para revestimentos de tetos e telhados, 62 %; indústria de papel para fôrro de casas, 12 %; indústria de tintas diversas, 8 %; indústria de borracha, 6 %; outras indústrias, 12 %.

A importância da mica brasileira no momento atual é ressaltada tendo em vista que dos países em luta somente dois possuem exploração organizada desse mineral dentro de seus limites territoriais: a Rússia e os Estados Unidos. E' certo que a ocupação de Madagascar pela Inglaterra deu a esse país a possibilidade de libertar-se, em parte, da mica importada, mas, em compensação, as suas necessidades são cada vez mais crescentes pelo alargamento das frentes de combate.

O futuro da malacacheta brasileira é evidente e os nossos jazigos são importantíssimos e de excelente espécie. Explorá-los agora para a defesa do nosso país e para atender às necessidades imperiosas do continente é nosso dever.

Saibamos, pois, cumprí-lo como determinação da hora presente, hora amarga e cruciante para a Humanidade.



“Num país como o Brasil, de vasto território, de caldeamento complexo, que abre as suas portas a todos os que queiram trabalhar e viver do trabalho, torna-se imperiosa a articulação completa das forças sociais, dentro de princípios salutareis de disciplina que lhe asseguram crescimento pacífico e orgânico”.

GETÚLIO VARGAS

CARTILHA DA MOCIDADE

Noções de Higiene e Primeiros Socorros
Educação Moral - Civismo

Publicação autorizada pelo E. M. E. e aprovada pela Diretoria de Saúde do Exército

Capitão MICALDAS CORRÊA

Bibliotéca de "A Defesa Nacional"

PREÇO 6\$000

"Aqui reuniu rápidas lições, faceis e nítidas, sobre higiene, educação moral e civismo, destinando-as aos sorteados, principalmente. Este pequeno volume, entretanto, poderá ser adotado nas diversas escolas com grande proveito.

.....

Tudo isso sem pompas, verbalismo e frases, numa sintaxe lúcida — sujeito, verbo, atributo — simplificada, facilitada, afeiçoada à compreensão.

.....

E' um livro oportuno e generoso. Há, no Brasil, ainda, cerca de oitenta por cento de analfabetos. Mas, os alfabetizados reclamam educação. Aí está o fim deste volume".

ELOY PONTES

"Para leitura do adulto que se alfabetiza não haverá em língua nacional nada tão inteligente, tão equilibrado e tão completo.

.....

... tem-se que salientar a forma — clara, direta, limpa; o método — de um forte poder persuasivo, pois que tudo se desenvolve espontaneamente, com apelo a associações muito hábeis; a substância — sempre do melhor quilate.

Temas delicados e fundamentais, que vêm recebendo um tratamento irritantemente inepto por parte dos abundantes empreiteiros da literatura "moral e cívica", surgem na "Cartilha da Mocidade" em termos inteiramente novos, cujas características são bom gosto e objetividade".

UMBERTO PEREGRINO

Precisamos de uma Infantaria marchando muito mais

Capitão ALCIR D'AVILA MELLO

As exigências do R. I. Q. T. para realização do Exame de Recrutas, prevêem uma prova de marcha "de etapa variável, da qual, em princípio, a terça parte será feita à noite. Para as armas a pé, essa etapa corresponde a 24 quilômetros".

E, embora mui sabiamente não aluda o R. S. C. a uma média de etapa diária de marcha, é o valor acima (24 km) computado como tal nos exercícios da Tropa e das Escolas, para a Infantaria. As modificações neste valor são quasi sempre para menos, chegando a 20 km raramente para mais, neste caso não ultrapassando 28.

Se se tiver em vista as grandes Manobras do Vale do Paraíba (1940) e a experiência dos Exames de Recrutas realizados anualmente, observar-se-á que mesmo nas Unidades treinadas, o soldado preenche os objetivos acima, mas com muito esforço. Quanto a marcha se desenvolve em boas condições de horário, de tempo e de preparação, 90 % do efetivo seguramente atingem o ponto final, seja ele o Quartel, seja a Zona de estacionamento (nesse caso precisamos estar ainda a D ou a $D + 1$). Basta porém que condições adversas ocorram, por exemplo, uma chuva violenta, um calor intenso, ou que se entre de $D + 2$ para cima, a porcentagem cai assustadoramente. Uma unidade do Vale do Paraíba que ao passar no P. I. levou uma hora para se espar (isto foi a $D + 2$), em fim de marcha se escalonou no tempo de duas horas e meia e no dia seguinte não contava com 20% do seu efetivo.

Isto significa que dos 90% acima admitidos, grande parte paga a custa de energia moral suprimindo a física, energia moral

essa resultante de uma transfusão da dos Capitães e Tenentes das Cias., explorando o espírito de unidade e o amor próprio dos homens.

Devemos em consequência dessa conclusão admitir que etapa de 24 km é forte demais para a Infantaria? Que devemos diminuir a etapa de marcha diária, levando-a a 20 km por exemplo?

Mas como fazê-lo se os outros Exércitos têm-na ainda maior?

Começando por alguns países Sul-Americanos, o Equador e o Perú, a Venezuela, — a etapa normal de marcha é de 30 km. No Exército Norte-Americano, a despeito da motorização e ao contrário do que geralmente se supõe, o treinamento de marcha é intensíssimo. O transporte é assegurado para o Reconhecimento e o Comando (carro próprio), para as armas pesadas (Mtr., Mrt., canhão) e para os T.C. e T. E. Quanto à tropa, desloca-se a pé, e enquanto nós medimos quilômetros, eles medem milhas (a milha tem 1,6 km). O objetivo que neste Exército se colima é alcançar trinta milhas diárias, ou sejam, quarenta e oito quilômetros, devendo o soldado chegar em fim de marcha apto ainda para combater. Note-se que nestas condições eles medem atentamente as possibilidades e realizações do Exército Alemão, para, no mínimo, igualá-las.

Dir-se-á: “O homem americano, como o alemão, é muito mais forte que o brasileiro, é educado fisicamente desde a infância, tem um nível de vida que lhe assegura perfeita nutrição do organismo. Tal não se dá com o homem que encorporamos”.

Isto é fato. Admitamos porém, para argumentar apenas que um dia tivéssemos que lutar com um adversário forte como um dos acima apontados. Seria o momento de reconhecer inferioridades? Não; o momento é agora, em que temos tempo para compensá-las por medidas inteligentes, começando pela constatação desta necessidade.

Demais, está diante de nós, a Segunda Grande Guerra. Apesar de que até agora “os princípios sejam os mesmos”, é indubitável que as operações se desenvolvem num ritmo muito mais acentuado, ou seja, o ritmo imposto pela velocidade do tank e do avião.

E não se póde negar que até agora, independente de outras causas, foi bém sucedido aquele que adaptou a sua Infantaria às exigências do moderno material, em vez de sujeitar este à antiga capacidade daquela.

Não é possível, pois, diminuir, é necessário aumentar o valor da nossa etapa normal de marcha.

Que fazer então ?

Inicialmente, *reforçar a resistência à fadiga do homem*, isto é, *agir sobre o homem*. Para isso:

- a) proporcionar-lhe uma alimentação bem feita (para evitar a acidez) e uma Educação Física igualmente bem feita (evitando os records);
- b) realizar um progressivo treinamento de marcha, que se estenda realmente além do primeiro período.

Em seguida, *estudar as condições da execução das marchas*, pesquisar pelo estado físico dos homens na chegada e por suas queixas, os *fatores que lhes diminuem a resistência física*, e *agir sobre eles*.

Quatro são, a nosso vêr, os principais a considerar:

- os distúrbios causados pelo peso do equipamento;
- o estropiamento dos pés, produzido pela perneira e pelo calçado;
- a assadura na região inguinal, produzida pelo suor e pelo atrito do culote suspenso;
- os distúrbios da sede.

QUANTO AO PRIMEIRO:

E' lógico que quando se diz — equipamento individual — trata-se do que deve ser conduzido pelo homem. Lógico também é que uma previsão do transporte desse equipamento individual pelas viaturas, significa para as unidades um encargo extra, forçando aquelas a um trabalho dobrado, ou obrigando a dobrar o número das viaturas.

E' difficil a questão neste ponto. O equipamento é a Cruz do Infante. Com um esforço (e é de toda urgência dispendê-lo) seria possível ainda diminuir o seu peso, usando materiais mais leves. Todavia, é pouco provavel que o total fique aquém de vinte e dois quilos. (*)

O fuzil, a munição, o cantil, a ferramenta e seu estojo, a muda de roupa, o segundo par de calçados, a máscara contra gazes e seu estojo, o pacote de curativo individual, a ração de reserva, o pano de baraca, o capote, a marmita e o talher articulado — quem pensaria em tirá-los, quem os consideraria imprescindíveis ?

O único recurso é — como faz o R. S. C. no capítulo que trata das marchas forçadas e como foi feito na Revolução de 1932 em grande escala, sempre que se precisou de RAPIDEZ ou de ECONOMIA da Tropa para ações intensas ultteriores — prever o transporte das mochilas. Isso faz o Exército Norte Americano, naturalmente em grande escala, ou seja, nas escalas das suas possibilidades materiais. Isso nós faremos, eu o creio, sempre que premidos pela contingência de ter a tropa em fim de marcha ainda apta para combater. Mas isso não significa que devemos desde agora habituar o soldado a sistematicamente contar com o transporte do seu equipamento no caminhão. Tal procedimento seria um grande erro. O soldado deve marchar, e marchar sempre que possível, com o equipamento completo. O treinamento progressivo lhe dará a resistência que dele se espera, sem danos para a saúde.

QUANTO AO SEGUNDO:

O inimigo número dois do Infante é a perneira de couro. Uma das primeiras cousas que muitos soldados fazem na marcha é tira-las das pernas e pendurá-las nas costas, no equipamento.

Eo exame dos estropiados em fim de movimento revela que são muito mais frequentes os calos provenientes da perneira, espe-

(*) Limite máximo de carga que pode ser transportado por um homem de peso médio de 66 quilos sem risco imediato para sua saúde.

cialmente produzidos pelo espigão de ferro na frente, do que mesmo pelo borzeguim. Muitas vezes, se produzem verdadeiras feridas, bem profundas, e não superficiais como os calos, exigindo de cinco a seis dias, no mínimo, para tratamento.

Neste ponto, parece-me, podemos melhorar muito. Por que não usarmos perneiras de lona impermeável?

Em defesa desta proposta, há três razões:

- uma de proteção — extingue-se o preto do uniforme, que assim, se torna mais disimulado, mais adaptado ao terreno.
- uma de conforto — sendo flexível, a lona evitará a formação de calos e ferimentos no peito do pé e no tendão, e dará maior liberdade aos músculos da perna.
- uma de economia — a perneira de lona será muito mais barata que a de couro, tal o preço que este artigo tem alcançado.

Admitindo todavia, que haja idéia de conservar o couro e o preto, de manter a tradição, que se use o cano de bota, ou no mínimo, que se tire da perneira o espigão de ferro, substituindo-se por uma fivela externa interior, e se use um couro mais flexível.

Por outro lado, é necessário aumentar a dotação em borzeguins, melhorando as suas qualidades.

QUANTO AO TERCEIRO:

Não é bem o suor que provoca a assadura. O nosso culote (calção), com o feitio atual, tende a subir na perna e fica enrugado. É muito frequente na tropa se ver soldados exibindo um trecho de joelho “limitado ao Norte pelo calção e ao Sul pela perneira”, na expressão humorística que certa vez ouvi.

Pois são as rugas do culote que provocam o esfolamento da perna. Somos de parecer que o nosso calção, tal como é feito atualmente, não atende ao conforto do homem, nem à saúde, pois prejudica a circulação.

Buscando o exemplo dos Exércitos mais experimentados, veremos que a calça predomina na Infantaria. Tanto o Americano e o Alemão, como, segundo pensamos, o Inglês e o Russo, usam a calça. O alemão adota um jogo interessante de calça e meia bota, que lembra um pouco a tradicional indumentária da bombacha e do coturno. Aliás, já a nossa Engenharia vem usando o coturno, e, ao que parece, com bons resultados.

QUANTO AO QUARTO:

Para um soldado em marcha, não pode haver melhor encontro do que uma bica ou uma nascente d'água. Para o "troupiér" experimentado, entretanto, isto nem sempre lhe é agradável. Além da necessidade de regular o uso da água (questão de disciplina), está naquela fonte, muitas vezes, o perigo de perder parte de sua tropa.

Como é sabido, a fadiga se produz pela intoxicação muscular e esta intoxicação se torna cada vez mais intensa pela perda de água do organismo (suor), o que produz, naturalmente, uma concentração mais forte dos agentes tóxicos, afetando o sistema nervoso e produzindo o fenômeno que se chama sede. O soldado, porém, ignorante do perigo que corre, procura atender ao pedido de água do organismo, mas fá-lo de uma maneira prejudicial, bebendo a grandes porções, o que, em vez de atenuar, agrava o problema, pois essa quantidade de água vai aumentar a tensão arterial e obrigar o coração já fatigado, a um excesso de trabalho.

Daí, a necessidade de um contrôlle maior na ingestão de água nas marchas. Mesmo nas zonas fartas do "precioso líquido", é necessário estabelecer uma disciplina de água.

Pelo exposto, e pelo fato de que *uma boa Infantaria se mede por sua capacidade para a Marcha, para o Tiro e para a Manobra*, mas acima de tudo pela primeira, pois do contrário ficará em inferioridade inicial face a uma Infantaria marchadora, podemos concluir:

PRECISAMOS DE UMA INFANTARIA MARCHANDO MAIS. MARCHANDO MUITO MAIS.

Para isso, é necessário, entre outras cousas:

- Dedicar grande cuidado ao estado físico do Homem (alimentação e educação física).
- Prever um treinamento de marcha progressivo se extendendo realmente além do Primeiro Período e sempre com equipamento completo.
- Abolir a perneira de couro, usando a de lona ou o cano de bota, ou, pelo menos, extinguindo o espigão de ferro das atuais perneiras.
- Melhorar o tipo de calçado e aumentar a sua dotação para a Infantaria.
- Modificar o molde do calção, ou adotar a calça, usada por quasi todas as Infantarias.
- Estabelecer uma constante disciplina de água nas marchas.

“Quand vos hommes auront appris a serer les dents pour rester a leur place sur la route, croyez bien qu'il en restera quelque chose sur la champ de bataille” (LAFFARGUE, *Les leçons de l'instructeur d'Infanterie*).

Rio, 9.I.942



“Defender a língua nacional é defender a independência e a fortuna da nação. E, para que todas estas condições essenciais ao nosso progresso material e moral eficazmente sejam sustentadas e robustecidas, é preciso que todos nossos homens de grande alma, filósofos e poetas, sejam educadores”

OLAVO BILAC

THE CALORIC COMPANY

Matriz: RIO DE JANEIRO

AV. PRESIDENTE WILSON, 118, 4.º andar

Tel. 22-5133

CAIXA POSTAL:
1060



END. TELEG.:
PETROLORIC

DEPOSITOS:

Rio - S. Paulo - Santos - C. do Salvador - Recife e Belém
Representantes em todas as cidades do país

OLIVEIRA MELLO & CIA.

COMISSÁRIOS

Caixa Postal, 261 — Telefone, 3841

Rua Cidade de Toledo, 12 — SANTOS

Banco Moscoso - Castro S. A.

DEPÓSITOS, EMPRÉSTIMOS, DESCONTOS E ADMINISTRAÇÃO DE PRÉDIOS AS MELHORES TAXAS.

Rua da Alfandega, 51 — Tels.: 23-3937 e 43-3195

End. Telegr.: MOSASTRO — Caixa Postal 1849 — RIO

Algumas forças armadas Sul-Americanas em 1907

Tenente Dr. GUILHERME AULER

(Do Instituto Arqueológico e Histórico
Pernambucano) — Inédito — Especial
para "A DEFESA NACIONAL"

A perspectiva de 35 anos decorridos proporciona amplos ensinamentos e retifica muitas opiniões. O aparelhamento bélico, o estado dos exércitos dos nossos vizinhos sul-americanos — Argentina, Chile, Perú e Bolívia — foi uma das preocupações de Dom Luiz de Bragança, observador arguto e escritor primoroso. No seu livro magistral *Sob o Cruzeiro do Sul*, encontramos uma documentação interessantíssima, cuja valia é proporcional ao conceito do Autor como militar. Sabemos que o segundo filho do Conde d'Eu cursava a Escola Militar de Viena d'Austria, e, após a conclusão de todo curso, estivera na guerra dos boers. Como observador atento e escritor de viagens, existe o depoimento de outros dois livros: *Tour d'Afrique* e *A travers l'Hindu Kusch*, este merecedor do premio "Malte Brum" da Sociedade de Geografia de França e também laureado pela Academia Francesa. Membro do nosso Instituto Histórico Brasileiro, aos 25 anos de idade, candidatou-se em 1914 a uma vaga da Academia Brasileira de Letras.

Militar, com a virtude de bem compreender os deveres da profissão, na grande guerra provou as suas qualidades, como nos refere o Ten. Cel. A. Jamer, da Missão Militar Francesa adida ao Corpo Expedicionário Britânico, onde ele servia, "Nessas diferentes missões nunca deixou de mostrar-se de uma dedicação a toda prova, de uma animação comunicativa, de um sangue frio notavel nas mais arduas conjunturas, de uma coragem inalteravel no fogo, e de uma compreensão muito para notar-se das situações táticas". Ainda, na Ordem do Dia do Exército francês, em 27-7-1920, há a citação: "...distinguiu-se como oficial de

ligação entre as tropas francesas e inglesas, particularmente em outubro de 1914 e no correr dos primeiros meses do ano de 1915, desempenhando as missões que lhe eram confiadas, com o maior sangue frio, na zona avançada e sob o bombardeio da artilharia inimiga”.

Militar e escritor são os dois títulos máximos do Autor de *Sob o Cruzeiro do Sul*, que herdara do pai, o nosso Marechal das Cordilheiras e herói de Campo Grande, as virtudes do soldado e o gosto de anotar o que observava noutras terras.

Em abril de 1907, Dom Luiz de Bragança embarcou no “Amazone” com destino ao Rio de Janeiro, onde chegou a 12 de maio. Não lhe foi permitido pisar o território nacional, apesar de o Ministro do Interior, dr. Tavares Lira, considerar como inexistente a lei de banimento, uma vez que na Constituição de 91 nada havia que a justificasse.

A solução foi prosseguir a viagem para a Argentina, e daí ele se transportou para o Chile, Perú, Bolívia, Paraguai e Uruguai, donde regressou para a Europa.

A descrição da viagem formou um volume de 460 páginas, dedicadas “Ao Brasil, pátria querida e sempre lembrada, afetuosa homenagem do filho ausente”. Nos seus trinta capítulos, *Sob o Cruzeiro do Sul* encerra material de pesquisa excelente, inclusive páginas históricas de inapreciável valor, como as dedicadas à guerra do Paraguai (capítulos 25, 26, 27 e 28), que foram diretamente inspiradas pelo Conde d’Eu. Aqui deixamos uma sugestão: A nossa Biblioteca Militar não poderia editar esses capítulos, num volume, com o título Guerra do Paraguai?

Na Argentina, o Autor assiste às comemorações de 25 de maio e anota: “Começa na praça a desfilada da guarnição, — desfilada correta, admirável mesmo, se se considera que os soldados, que passam à nossa vista, são recrutas com oito semanas de instrução apenas. Os uniformes à francesa continuam a alternar com os de molde germânico. Até os últimos tempos a escolta presidencial usava, com pouca diferença, o uniforme dos couraceiros franceses. Hoje, para variar, os transformaram em soberbos uhlanos prussianos. Sempre o ecletismo internacional. Destaca-se o esquadrão de granadeiros de San Martim, que continua a usar, por tradição, — enfim, uma tradição! — o uniforme pitoresco do tempo das guerras da independência. A cavalaria, muito bem montada, demonstra *de visu* os progressos admiráveis realizados pela cria-

ção nacional. A desfilada, compreendendo de dois a três mil homens, termina pela artilharia, armada de canhões Krupp do modelo atual, um pouco em desuso, do exército alemão” (ob. cit. pg. 106).

Num esquema de reporter, destaca: “belíssima tropa, uniforme sobrio e de bom gosto, postura irrepreensível” — adjetiva a policia de La Plata (pg. 78). “Uniforme incerto, um tanto francês, um tanto alemão, mas um indício valioso do cosmopolitismo do ambiente” (pg. 103). “Os Generais presentes, altivos veteranos da guerra do Paraguai ou também das guerras civis, recordam, com a sobria elegância de seus uniformes, o tipo de certos generais de cavalaria franceses” (pg. 105).

Em Mendoza, ao ter contacto com as tropas que guarnecem a região, reflete: “a jovem América se arma, e se arma mesmo até os dentes” (pg. 117).

A Argentina, o Chile, o Perú e a Bolívia já tinham o serviço militar obrigatório e missões militares — alemães na Argentina e Chile, e fancesa no Perú e Bolívia — organizavam o aparelhamento bélico dos exércitos dos nossos vizinhos. E’ interessante observar, que a nossa lei do serviço militar obrigatório é muito posterior.

E, o nosso príncipe-turista acrescenta as suas impressões: “O americano do sul nasce soldado: alguns meses de instrução bem empregados bastam para dele fazer um militar; e até a disciplina, esta filha da longinqua Alemanha, por tanto tempo desconhecida nestas regiões, parece que se vai aclimatando aos poucos. Entre os oficiais de todos os exércitos, qualquer que seja a sua origem, há uma camaradagem que basta para os fazer amigos, desde o primeiro encontro. Nossos camaradas da guarnição de Mendoza timbraram em no-lo provar. Com eles, no refeitório, emborcamos o *champagne*; e mais tarde, no campo de manobras, queimamos a pólvora. Em nossa honra, as baterias de montanha expelem *shrapnells* com uma prodigalidade apta para dar que pensar a um oficial habituado à parcimonia européa. Os canhões argentinos, do tipo alemão de 1895, estão algum tanto em desuso; mas os artilheiros recrutas de sete meses, forçam a nossa admiração. Regulado o tiro com algumas descargas, os pequenos flocos azues dos *shrapnells*, perfeitamente acumulados acima dos alvos, se destacam, como um vôo de gaivotas, sobre a muralha sombria da cordilheira. Ao longe, na montanha, o surdo rugir de uma tempestade faz côro com o do canhão. Para terminar, o batalhão de infantaria, impecavelmente

alinhado, desfila diante de nós, no passo vivo e elástico das tropas francesas, deixando-nos impressionados” (pg. 118).

O capítulo XII de *Sob o Cruzeiro do Sul* inicia-se com as palavras: “No Chile a guerra foi sempre a grande preocupação nacional” (pg. 151). Há 20 anos que um oficial alemão, Emilio Korner, trabalha febrilmente para o desenvolvimento e aparelhamento bélico do exército chileno. “No ponto de vista da organização e do uniforme das tropas, nota-se, como era de supor, uma reprodução fiel, talvez em excesso, do exército alemão” (pg. 158).

O visitante assombra-se: “Julga-se sonhar, quando, em Santiago, entra-se num quartel: já não é o Chile, é Hanover ou Potsdam. Porque prodígio de adaptação esses oficiais chilenos, apertados em suas longas fardas azues, que uma única particularidade distingue das sobrecasacas alemães, lograram assimilar até a maneira de andar e os gestos de seus camaradas das margens do Sprée?” (pg. 159).

O exército compreende 4 divisões e 2 brigadas de cavalaria independentes. Numa mobilização, as reservas garantem 150 mil homens perfeitamente instruídos e equipados. “Força formidável”, adjectiva o Autor. A lei do serviço militar obrigatório é de 1900, compreendendo 9 meses de serviço ativo na tropa, 9 anos na primeira reserva e 15 anos na segunda. “O exército parece destinado a ser para o povo uma escola maravilhosa de ordem, de disciplina, de economia e de asseio” (pg. 161). “Nos *mess* dos diferentes regimentos da capital os oficiais nos recebem como camaradas. Inteligentes, instruídos, apaixonados de sua profissão, que conhecem à maravilha, esses moços representam uma classe à parte, laboriosa, sobria, econômica, que se poderia citar como exemplo ao resto do país. Muitos passaram um ou dois anos na Europa: tal serviu num regimento de infantaria alemão, tal outro em um batalhão de pontoneiros austriaco, um terceiro seguiu os cursos de Saumur: — todos adquiriram em suas viagens uma tão grande soma de conhecimentos e de experiência, que sem exagero se os pode considerar como o mais notável corpo de oficiais das duas Américas. Os *mess*, com suas gravuras dos altos feitos do exército chileno, seus trofeus guerreiros ou esportivos, lembram ainda e sempre a Alemanha. Como lá, as refeições são presididas pelo oficial de posto mais elevado. As extremidades da mesa são ocupadas pelos cadetes. Quando um inferior quer beber à saúde de seu superior, primeiramente o faz avisar por uma das orde-

mobilização 12 mil homens constituem as reservas treinadas. Desde 1899, que uma missão militar francesa, composta do Coronel Jacques Sever e de mais 3 outros oficiais, organiza o exército. O visitante formula o esquema de impressões: "Obra considerável realizada por esses oficiais"; "a artilharia principalmente nos prendeu a atenção pela excelência de seu material"; "a bateria de tiro rápido é a primeira, creio eu, em que o princípio do coice independente do canhão tenha sido aplicado à peças desmontáveis".

Adiante comenta: "Uma das mais curiosas particularidades das tropas bolivianas é o seu aspecto... japonês. Física e moralmente, o soldado aimará e quichúa parece singularmente com o soldado nipon: a estatura, a tez, os olhos longamente rasgados proclamam-lhe a origem asiática; sua frugalidade, resistência, obediência por assim dizer automática só encontram semelhantes entre os súditos do império do Sol Nascente. Por isso, a despeito dos desvios de seus chefes, o exército boliviano, no decorrer do século passado, desempenhou um papel dos mais honrosos. Em quasi todos os encontros com as tropas peruanas saiu vitorioso; durante a última guerra com o Chile, dois batalhões da guarnição de La Paz fizeram em três dias mais de 200 quilômetros de marcha, sem outro alimento além de pequenos sacos de coca que os soldados traziam à cintura" (pg. 273).

* * *

Trinta e cinco anos decorreram, distância que separa as impressões do Autor sobre as forças armadas da Argentina, Chile, Perú e Bolívia, com os nossos dias.

A importância desse depoimento autorizado é deveras valioso, pois permite traçar uma equação, afim-de avaliarmos o grau de proporção no desenvolvimento normal, no progresso, do aparelhamento bélico dos nossos vizinhos sul-americanos.

O fim deste nosso artigo é apenas trazer à cena um depoimento, extraído das páginas esquecidas do *Sob o Cruzeiro do Sul*, livro de edição limitada, hoje quasi uma raridade bibliográfica. Que muitos ensinamentos proporcionam as impressões do Autor, é fato inegável e justifica as páginas que lhe dedicamos. A perspectiva do passado é uma grande mestra.

NOTAS DO MEU CADERNO

Recomendações sempre oportunas

Capitão VALMIR DE ARARIPE RAMOS

Início do 1.º Período de instrução. O Comandante reúne os Sargentos na Escola Regimental e estão presentes os Oficiais do Regimento.

Já se vão alguns anos que isso aconteceu, mas as notas que registei no meu caderno, sempre me são oportunas e sempre as leio e medito.

* * *

Uma turma de recrutas, de homens provindos dos campos (começou a falar o Comandante), das fábricas e das Vilas e Cidades, que não conhecem a vida de quartel, a disciplina e os serviços internos, é, de início, heterogênea.

O primeiro objetivo do instrutor é torná-la homogênea o mais cedo possível: educar esses homens diferentes, de diferentes profissões, no sentido do cumprimento do dever, inculcando-lhes a disciplina conciente, despertando-lhes na alma o sentimento patriótico e as qualidades de um bom soldado. Alguma coisa devemos conseguir nos 15 dias de adaptação que precedem a instrução propriamente dita do recruta. Não basta a obediência irrestrita dos programas. É preciso saber como vai ser ministrada a instrução de modo que o exemplo, a atitude, as vozes de comando, as expressões, o bom humor, o interesse e a justiça, sejam qualidades indispensáveis dos instrutores.

I — O EXEMPLO

Não é suficiente um instrutor postar-se à frente de uma turma de recrutas, exigindo ou procurando exigir dos seus sol-

dados bisonhos, por todos os meios e modos possíveis, atitudes exemplares no cumprimento dos seus deveres militares, dentro e fora do quartel.



**PODE SER EXEMPLAR, MAS NÃO
É UM EXEMPLO**

E' indispensavel que esse instrutor seja cumpridor exato das suas obrigações, posto que somente assim é possível exigir.

EXEMPLO

O instrutor não era muito pontual. Por várias vezes seu Cap. aceitou suas justificativas sobre chegar atrasado.

Porque certo soldado não estava presente na hora determinada para a revista e asseio da cavallhada, esse instrutor apresentou parte escrita ao Cap..

Dias depois, Cap. e instrutor mantinham conversa sobre assunto de serviço e, respeitosamente, o instrutor falou sobre a falta do soldado cuja parte estava sem solução.

O soldado justificou-se — disse o Cap. — Se mentiu não sei, como também acredito que o senhor não tenha mentido todas as vezes que cometeu faltas semelhantes.

Depois desse fato nunca mais o instrutor faltou às suas obrigações.

II — A ATITUDE

O instrutor deve convencer-se, quando instruindo, que está desempenhando papel de responsabilidade: está preparando homens para a guerra, está fazendo soldados.



*ISTO E QUE SE CHAMA
ATITUDE CULTIVADA* —

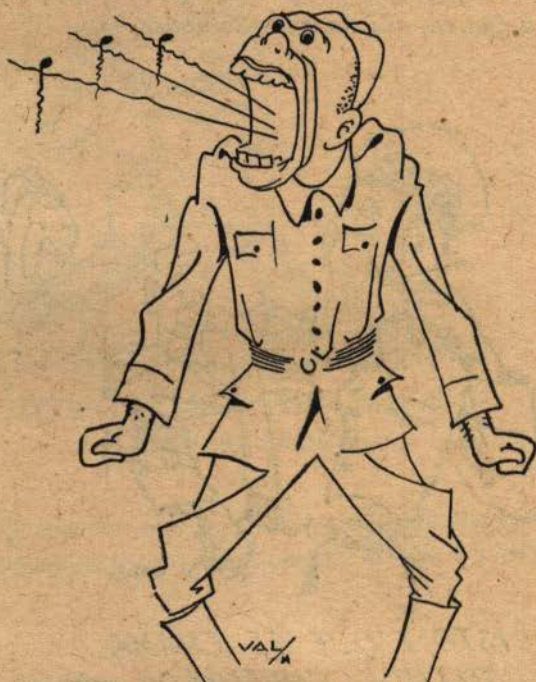
O pensamento do instrutor deve estar voltado para os recrutas no sentido de bem instruí-los.

A atitude, portanto, deve ser a de um soldado: gestos comedidos e enérgicos, olhar franco, expressão simpática e confiante, busto erguido e corretamente uniformizado.

EXEMPLO

Num Pelotão o Tenente organizou três turmas de recrutas. Dois instrutores possuíam adiantada instrução, eram inteligentes e sabidos. Mas a escola que melhor se apresentou na instrução do Cap. foi a do terceiro instrutor porque dos três era o melhor soldado.

III — AS VOZES DE COMANDO



ESCOOOOO.....OLA!

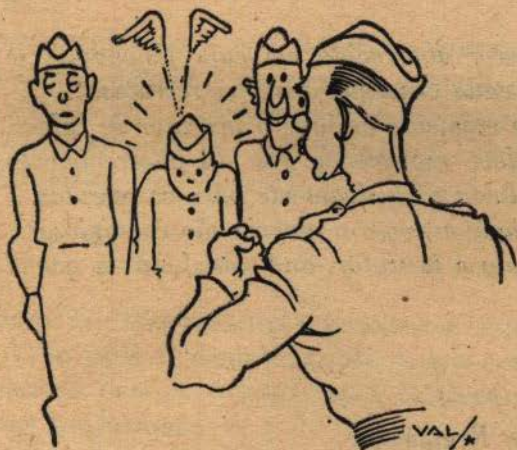
A voz de comando deve ter uma tonalidade enérgica sem ser áspera e antipática. Não confundir grito com energia. Todas as sílabas bem pronunciadas. A voz de comando deve ser tanto mais alta quanto maior for a escola. Suficientemente alta de modo que só os homens que a constituem ouçam-na.

EXEMPLO

No pátio do quartel seis escolas de recrutas movimentam-se em ordem unida e os instrutores berravam tanto que os recrutas não sabiam a quem atender. Uma escola que marchava desfez-se repentinamente: uns fizêram meia-volta, outros direita-volver, alguns esquerda e poucos continuaram. O instrutor não tinha mais pulmões e berrava como se comandasse um regimento. Os outros instrutores gritavam com mais força para que seus recrutas não se distraíssem com as vozes dos companheiros.

Terminada a instrução, que os recrutas muito desejavam, os instrutores estavam cansados e roucos, nervosos e irritados, e os resultados obtidos nulos.

IV — AS EXPRESSÕES



SÓ FALTOU CHAMA-LO DE ANJO.

A maneira como se dirigir aos soldados deve merecer especial atenção. As expressões duras, maldosas, pedantes, ofensivas e críticas são prejudiciais e proibidas. Quasi sempre os casos de indisciplina resultam do tratamento entre superior e subordinado.

Não se deve falar com humildade e receio, mas de forma a humilhar e desmoralizar o indivíduo diante de seus companheiros, jamais.

EXEMPLO

Era um recruta malamanhado, ronceiro, humilde e difícil de aprender. Por isso o instrutor visava-o constantemente com palavras rudes e nunca delicadamente.

O recruta sentiu-se liquidado e desamparado.

Certa noite faltou à revista do recolher e nunca mais voltou ao quartel...

Muito mais tarde viemos a saber as razões daquela deserção, mas era tarde e por causa de um instrutor, o Exército fez um criminoso em vez de um reservista...

V — O BOM HUMOR

O instrutor aborrecido em cuja fisionomia se estampa e má vontade, nada consegue dos seus recrutas.

Desde o momento em que o instrutor se coloca à frente de sua escola, deve esquecer-se dos seus aborrecimentos íntimos e a atenção voltada exclusivamente para os recrutas.

O mal humor como a alegria são contagiosos. Os homens sentem quando o instrutor está satisfeito ou quando tudo lhe aborrece.

EXEMPLO

Festa no Regimento.

O Comandante designou um oficial para dirigir certas partes esportivas e atléticas.

Começou, esse oficial, por reclamar aos companheiros não lhe caber dirigir, em face da escala. Não recebeu, portanto, de boa vontade a missão que o Comandante lhe dera. No entanto procurou desincubir-se dela e com tal disposição de espírito que não despertou emulação entre os soldados.

No dia da festa, atletas das outras unidades estavam certos que encontravam dificuldades na competição tal o prestígio que gozavam os desse Regimento. Entretanto, foi um verdadeiro fracasso.

Todos os homens desse Oficial foram desclassificados com espanto geral, e a unidade, antes tão temida e certa da vitória, colocou-se em último lugar.

Os Oficiais discutiram: alimentação? doença? indisposição?

Esqueceram-se do instrutor que dirigiu a turma...

VI — O INTERESSE

O interesse pela instrução é um dever, é uma obrigação. Nós estamos aqui para instruir e para fazer reservistas. Portanto todos os nossos esforços nesse sentido, para que a instrução possa ser eficiente.

O instrutor desinteressado que ministra a instrução porque obrigado, como um automato, ansioso que o tempo passe rapidamente, apresenta-se sem o indispensável bom humor, não tem a devida paciência, as vozes são mal dadas e a execução é imperfeita e o resultado, naturalmente, não é bom.

EXEMPLO

Na Revolução de 1932 um civil acompanhou certa unidade de Cavalaria. Nada sabia de assuntos militares mas era tal o seu esforço e interesse em bem servir que prestou relevantes serviços, como se fosse um profissional.

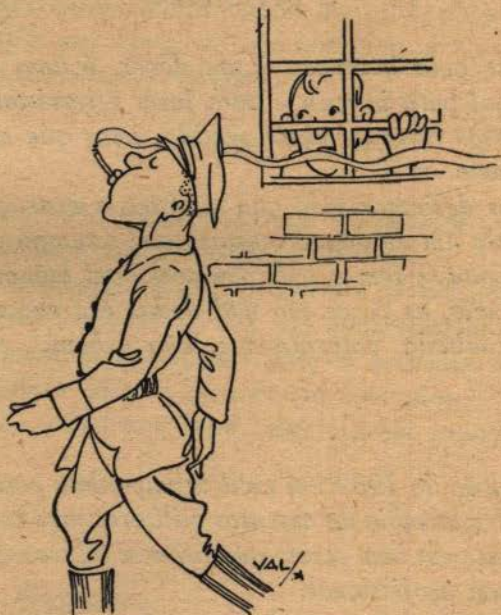
Esse voluntário fez parte de um reconhecimento. Voltou todo ferido porque nunca havia montado a cavalo e a distância foi longa, mas cheio de alegria por haver participado de bonita missão.

O Tenente fez as melhores referências dele ao Comandante: foi o mais ativo, sempre pronto às ordens, sempre com disposição e vontade e bastante interesse por tudo, demonstrando possuir espírito de verdadeiro soldado.

VII — A JUSTIÇA

E' delicada a distribuição da justiça. Delicada e perigosa. Provoca descontentamento e indisciplina quando parcial. Quasi sempre as injustiças são cometidas por via de antipatias gratuitas.. Essas antipatias acarretam o que nós denominamos na nossa linguagem militar, "assinaturas".

Todos nós temos nossas simpatias e antipatias mas não podemos nem devemos demonstrá-las. Todos devem ser iguais e merecer a nossa consideração, assistência, conselhos, louvores, repreensões e punições.



O BAGAGEIRO DO TENENTE E.
.. O ORFÃO.

EXEMPLO

O Regimento estava acampado. De vez em quando o Comandante pedia alguns soldados para determinados serviços e faxinas.

Notou que compareciam quasi sempre os mesmos soldados. Eram os que tinham caído no desagrado...

Esses homens, naturalmente cansados, sentindo-se desprotegidos, não trabalhavam convenientemente.

O Comandante, observador, ponderado e chefe de verdade, chamou os responsáveis e pô-los ao fato de suas observações, determinando uma escala de modo a impedir essas injustiças.

* * *

Vamos portanto -- terminou assim o Comandante -- iniciar o nosso periodo de recrutas, cujo programa já foi distribuido, baseado nas diretrizes do Cmt. da Região, orientados particularmente no Exemplo, na Atitude, nas Vozes de Comando, nas Expressões, no Bom Humor, no Interesse e na Justiça. Tudo isto é indispensavel a uma instrução eficiente e principalmente à instrução moral e cívica.

●○○●

DECALOGO DOS EFEITOS BENÉFICOS DO TREINAMENTO

- 1.^o — Melhora os procesos de oxidação.
- 2.^o — Melhora a circulação do sangue, evitando a estase.
- 3.^o — Melhora a ventilação pulmonar.
- 4.^o — Aumenta a reserva de força.
- 5.^o — Abre os póros à transpiração.
- 6.^o — Melhora o apetite.
- 7.^o — Evita constipação.
- 8.^o — Equilibra a atividade mental.
- 9.^o — Promove um sono reparador.
- 10.^o — Aumenta a aptidão ao trabalho.

Cap. Dr. PIO DA ROCHA



Instalação
hydro-elétrica
do Rio Piraci-
caba, em João
Monlevade,
para Cia. Side-
rurgica Belgo-
Mineira S. A.

CHRISTIANI & NIELSEN

ENGENHEIROS EMPREITEIROS
RIO DE JANEIRO - AV. NILO PEÇANHA, 151
SANTOS-SÃO PAULO-PARANAGUA-PORTO ALEGRE-BÉLO HO-
RIZONTE-BAÍA-RECIFE-JOÃO PESSÔA

Abramo Eberle & Cia.

CAXIAS

Rio Grande do Sul - BRASIL

CUMPRIMENTAM A

“A DEFESA NACIONAL”

PELO SEU XXIX ANIVERSÁRIO

1913

1942

O SISTEMA LEGAL DE UNIDADES DE MEDIDAS

Major ALBERTO RIBEIRO PAZ

(Continuação)

VII) — F O R Ç A

Duas unidades podem ser usadas para a medida dessa grandeza:

a) DINA

Nome da unidade: dina.

Símbolo: d

Definição: Força que imprime à massa de uma grama uma aceleração constante de 1 centímetro₀ por segundo por segundo.

Múltiplos e sub-múltiplos usuais:

Nomes	Símbolos	Valores
esteno	sth	100 000 000 d
megadina	Md	1 000 000 d
micro dina	d	0,000 001 d

Nota — A força de 100 megadinas pode ser denominada esteno.

b) GRAMA-FORÇA

Nome da unidade: grama-força.

Símbolo: gf, g* ou g

Definição: Força que imprime à massa de 1 grama uma aceleração de 980,665 centímetros por segundo por segundo.

Múltiplos e sub-múltiplos usuais:

Nomes	Símbolos	Valores
tonelada-força	tf, t* ou t	1 000 000 gf
quilograma-força	kgf, kg* ou kg	1 000 gf
decigrama-força	dgf, dg* ou dg	0,1 gf
centigrama-força	cgf, cg* ou cg	0,01 gf
miligrama-força	mgf, mg* ou mg	0,001 gf
micrograma-força	μgf, μg* ou μg	0,000 001 gf

Notas: —

1) O grama-força é igual à força que se exerce sobre a massa de 1 grama submetida à ação normal da gravidade; a ação normal da gravidade; a ação normal da gravidade sendo aquela que comunica a 1 grama, em queda livre, uma aceleração igual a 980,665 cm/s/s.

2) — A palavra **força** poderá ser omitida na denominação dessas unidades e os símbolos **g, kg, t, dg, cg, g**, poderão ser usados, sempre que não possa haver dúvida sobre o seu significado.

3) — Para fins legais 1 grama-força pode ser considerado como equivalente a 981 dinas.

VIII) — PRESSÃO

Quatro unidades se empregam nas medidas desta grandeza:

a) — **Dina por centímetro quadrado, ou bária ou micro-Bar.**

Nome da unidade: dina por centímetro quadrado.

Símbolo: d/cm², ou μ Bar

Definição: Pressão exercida por uma força de 1 dina uniformemente distribuída sobre uma superfície de área igual a 1 centímetro quadrado e normal à direção da força.

Múltiplos usuais:

Nomes	Símbolos	Valores
megadina por centímetro quadrado ou megabária ou Bar ou hectopiezo	Md/c ² ou Mb ou Bar ou hpz	1 000 000 d/cm ²
quilograma-força por centímetro quadrado	kg*/cm ²	980 665 d/cm ²
quilograma-força por metro quadrado	kg*/m ²	98,066 5 d/cm ²

Nota: 1) — Outras unidades de pressão podem ser obtidas substituindo-se no nome, na definição e no símbolo acima mencionados a dina por qualquer unidade legal de força e o centímetro quadrado por qualquer unidade legal de área.

b) — **Atmosfera**

Nome da unidade: atmosfera.

Símbolo: atm.

Definição: Pressão exercida sobre sua base por uma coluna de mercúrio de 760 mm de altura vertical, submetida à ação normal da gravidade e à temperatura de 0°C.

Valor: 1 013 250 d/cm²

Sub-múltiplo usual:

Nome	Símbolo	Valor
esteno por metro quadrado ou piezo	pz	10 000 d/cm ²

Notas: —

1) — Seus múltiplos e sub-múltiplos decimais não tem designação própria.

2) — Para fins legais 1 atmosfera pode ser considerada como equivalente a $1,033\ 23\ \text{kg}^*/\text{cm}^2$ ou 1,013 25 megabárias.

3) — A pressão atmosférica normal equivale a 1 atmosfera.

c) — Milímetro de coluna de mercúrio

Nome da unidade: milímetro de coluna de mercúrio.

Símbolo: mm. de mercúrio

Definição: Pressão equivalente a $\frac{1}{760}$ da atmosfera.

Valor: $1\ 333,2\ \text{d}/\text{cm}^2$

d) — Metro de coluna d'água

Nome da unidade: metro de coluna d'água.

Símbolo: m. d'água

Definição: Pressão equivalente a $\frac{1}{10,332\ 3}$ da atmosfera

Valor: $98\ 066,5\ \text{d}/\text{cm}^2$

IX) — PESO ESPECÍFICO

Nome da unidade: grama-força por centímetro cúbico.

Símbolo: g^*/cm^3

Definição: Peso específico de um corpo homogêneo no qual cada centímetro cúbico tem um peso igual a 1 grama-força.

Nota: — 1) Outras unidades de peso específico podem ser obtidas substituindo-se no nome, na definição e no símbolo acima mencionados, o grama-força por qualquer unidade legal de volume.

São usuais:

Nomes	Símbolos	Valores
quilograma-força por centímetro cúbico	kg^*/cm^3	$1\,000\text{ g}^*/\text{cm}^3$
quilograma-força por decímetro cúbico	kg^*/dm^3	$1\text{ g}^*/\text{cm}^3$
tonelada-força por metro-cúbico	t^*/m^3	$1\text{ g}^*/\text{cm}^3$
dina por centímetro cúbico	d/cm^3	$\frac{1}{980,665}\text{ g}^*/\text{cm}^3$
quilograma-força por metro cúbico	kg^*/m^3	$0,001\text{ g}^*/\text{cm}^3$

2) — Para fins legais o peso específico da água destilada e isenta de ar, à temperatura de 4°C , pode ser considerada como equivalente a 1 grama-força por centímetro cúbico.

X) — TRABALHO MECÂNICO E ENERGIA

Duas unidades se prestam às medidas desta grandeza :

a) — **Joule.**

Nome da unidade: joule ou megadina-decímetro.

Símbolo: j ou Md.dm

Definição: Trabalho produzido por uma força constante e igual a 1 megadina, deslocando o seu ponto de aplicação em sua direção e em seu sentido de um comprimento igual a 1 decímetro.

Múltiplos sub-múltiplos usuais:

Nomes	Símbolos	Valores
megajoule	Mj	1 000 000 j
quilojoule	kj	1 000 j
quilogrametro	kg* u kgm	9,806 65 j
mega-centímetro ou erg	d.cm ou e	0,000 000 1 j

Notas:

1) — Outras unidades de trabalho podem ser obtidas substituindo-se no nome, na definição e no símbolo acima mencionados, a megadina por qualquer unidade legal de força e o decímetro por qualquer unidade legal de comprimento.

2) — Ao quilograma-metro dá-se a denominação abreviada de **quilogrametro**.

3) — O símbolo kgm será usado quando não possa haver dúvida sobre seu significado.

b) — Watt-segundo

nome da unidade: watt-segundo.

Símbolo: ws

Definição: Trabalho desenvolvido durante um segundo num sistema em que a potência se mantém invariável e igual a 1 watt.

Valor: 1 joule.

Múltiplos usuais:

Nomes	Símbolos	Valores
quilowatt-hora	kwh	3 600 000 j
watt-hora	wh	3 600 j

Notas:

1) — Outras unidades de trabalho podem ainda ser obtidas, substituindo-se no nome, na definição e no símbolo acima mencionados, o watt por qualquer unidade legal de potência e o segundo por qualquer unidade legal de tempo.

XI) — POTÊNCIA

Também duas unidades se prestam às medidas desta grandeza:

a) — Watt

Nome da unidade: joule por segundo ou watt.

Símbolo: j/s ou w

Definição: Potência constante de um sistema no qual se desenvolve um trabalho de 1 joule durante 1 segundo.

Múltiplos e sub-múltiplos usuais:

Nomes	Símbolos	Valores
quillowatt	kw	1 000 w
quilogrametro por segundo	kgm/s	9,806 65 w
erg por segundo	e/h	0,000 000 1 w

Nota: — 1) Outras unidades de potência podem ser obtidas substituindo-se no nome, na definição e no símbolo acima mencionados, o joule por qualquer unidade legal de trabalho e o segundo por qualquer unidade legal de tempo.

b) — Cavalo-vapor

Nome da unidade: cavalo vapor.

Símbolo: c.v

Definição: Potência equivalente a 75 quilogrametro por segundo.

Valor: 735,5 w

Nota: — 1) Seus múltiplos e sub-múltiplos decimais não têm designação própria.

XII) — MOMENTO DE FORÇA

Nome da unidade: metro-quilograma-força.

Símbolo: m.kg*

Definição: Momento de uma força cuja intensidade é igual a 1 quilograma-força e cujo braço de alavanca em relação ao ponto ou ao eixo considerado é igual a 1 metro.

Sub-múltipl usual:

Nome	Símbolo	Valor
centímetro-grama-força	cm.g*	0,000 01 m.kg*

Notas: —

1) Seus múltiplos e sub-múltiplos decimais não teem designação própria.

2) Outras unidades de momento de força podem ser obtidas substituindo-se no nome, na definição e no símbolo acima mencionado, o quilograma-força por qualquer unidade legal de comprimento.

XIII) — MOMENTO DE INÉRCIA

Nome da unidade: quilograma-metro quadrado.

Símbolo: kg.m²

Definição: Momento de inércia, em relação a um eixo, de uma massa de 1 quilograma, suposta concentrada em um ponto situado a 1 metro de distância do referido eixo.

Notas: —

1) Seus múltiplos e sub-múltiplos decimais não teem designação própria.

2) Outras unidades de momento de inércia podem ser obtidas substituindo-se no nome, na definição e no símbolo acima mencionados, o quilograma por qualquer unidade legal de massa e o metro por qualquer unidade legal de comprimento.

(Continua no próximo número)

LIVROS DO EXÉRCITO

AUTORES MILITARES

Orientação sobre o futuro da guerra no Extremo Oriente

(Conclusão)

Pelo 1.º Ten. UMBERTO PEREGRINO

V

TEN-CEL LIMA FIGUEIREDO — Um ano de observação no
Extremo Oriente — Biblioteca Militar — 1941.

O transporte constitue uma arma no exército nipônico. Não vai nisso, como se sabe, nenhuma originalidade. A arma de Trem é de outros exércitos, inclusive o francês, onde existe desde 1807, criada por Napoleão. As razões japonesas para a instituição dessa arma é que são interessantes e devem alertar-nos: "um exército que tem por teatros prováveis de operações regiões amplísimas como a Mandchúria, Siberia e China, deverá ter os transportes muito bem organizados. Além disso, os oficiais de transporte deverão ter os conhecimentos indispensáveis de infantaria para que, com a tropa — guarda do comboio, possam enfrentar qualquer fração inimiga que os surpreenda durante a marcha" (p. 189) Ai está. A segunda razão é de ordem geral, mas a primeira é nossa também. E o Ten.-Cel. Lima Figueirêdo, com aquela sua extraordinária lucidez e uma denominadora preocupação do Brasil, fixa num relance, todo o problema: "Sou de opinião que no Brasil se cogite da organização da arma de transporte. Se não tivermos um corpo de es-
pelicalistas de transportes, o qual conheça todas as questões técnicas

referentes à confecção e reparo de viaturas e motores, à organização de comboios utilizando o dorso dos diferentes animais existentes na região (cangalhas para bois, cavalos, burros, jumentos, etc.), ao emprego dos transportes fluviais (da canôa ao navio), ao emprego dos elementos de transporte quanto à sua parte técnica e estratégica, estaremos fadados a mau êxito na Guerra". (p. 190).

Eis matéria para um desenvolvido capítulo que não cabe nos limites de uma crônica. Agora o mais que podemos, e isso constitui uma das junções desta secção, é chamar a atenção para o problema e para o ângulo sob o qual o Ten.-Cel. Lima Figueirêdo o encara.

São, portanto, dois os pontos em que devemos refletir: a importância dos transportes, que só faz crescer na guerra moderna, exigindo, destarte, uma organização autônoma e suficiente, o que significa a arma de Trem; as realidades brasileiras, consideradas do ponto de vista dos transportes — grandes extensões, variedade geográfica, possibilidades dos recursos modernos, aproveitamento dos elementos locais.

Tudo isso está nas palavras do Ten.-Cel. Lima Figueirêdo e estará seguramente, no pensamento de todos os que respondem pelo nosso aparelhamento militar. Uma nova organização dos transportes do exército, moderna mas sem perder de vista o quadro nacional, não pode, pois, tardar.

O capítulo referente aos "carros" começa-o o Ten.-Cel. Lima Figueirêdo com uma informação que significa expontânea advertência para nós: "Graças à imensidão da China e às vastíssimas planuras da Mongólia e da Mandchúria, o emprego da tropa moto-mecanizada cresceu de vulto no Extremo Oriente". (p. 249) E logo adiante, precisando a informação, fica mais imperiosa a advertência: "O front cresceu desmesuradamente e somente, mercê da utilização a fundo da aviação e dos carros, puderam os nipônicos conseguir o êxito nas operações que empreenderam". (p. 250)

Vejamos, porém, como vinha sendo conduzido no exército nipônico o problema da moto-mecanização.

Quanto a material, antes da luta na China, era essa a situação descrita pelo Ten. Cel. Lima Figueirêdo: "Os carros existentes, muito pouco numerosos, eram ou muito antigos (Renault F. T. francês) ou simples amostras estrangeiras (Renault N.C. — Carden Lloyd), ou enfim adaptações japonesas desses materiais". (p. 162) Daí resultava que "a

tropa se contentava em exercitar-se, duas ou três vezes ao ano, no curso duma manobra, atacando com falsos carros de madeira ou tela carregados por moto-side ou mesmo bicicleta" (p. 163). E a própria doutrina, continua o nosso observador militar, "era pouco precisa. Estabelecida em proveito duma infantaria sem experiência dessas questões, por um E. M. nutrido das mais opostas concepções estrangeiras, os textos participavam da confusão dos espíritos. Se em principio os carros ficavam estreitamente ligados à infantaria nas condições previstas pelo regulamento francês de 1920, a aparição de modelos rápidos, a influência das doutrinas inglesas, o pequeno número, enfim, do material existente, conduziam na maioria das vezes, a dar-lhes missões autonomas". (p. 163). Em suma, o Ten.-Cel. Lima Figueirêdo classifica de "fracos" os resultados obtidos com os "carros" japoneses na China, resumindo assim a realidade decorrente de tudo isso: "a infantaria japonesa não sabe qual a doutrina a escolher entre as que propõem os diversos exércitos estrangeiros e nenhuma experiência lhe permite orientar sua escolha". (p. 164).

Ao serem dadas as características do material mecanizado japonês surgem apenas quatro tipos. Dois deles, o "tank feijão" e o modelo 9, de 1,5 e 2 toneladas, não podem merecer atenção, tendo em vista que o Fiat-Ansaldo, já tão cheio de deficiências, é de 3 toneladas. O modelo de 7 toneladas, 2 metralhadoras, velocidade de 45 km/hora, embora não se enuncie o seu raio de ação, parece bom material para a Cavalaria. No "carro" pesado japonês notamos que a couraça máxima não vai além de 15 mm e que o armamento, se inclui um apreciável canhão Vickers de 57 mm, só consta mais de duas metralhadoras, o que positivamente é pouco para um engenho de 40 toneladas!

Neste capítulo em que o Ten.-Cel. Lima Figueirêdo estuda "os carros de combate no Extremo Oriente" há duas referências aos russos, uma plenamente confirmada, enquanto a outra está sendo violentamente desmentida na luta com os germânicos. Com efeito, o material soviético tem provado "ser muito bom", mas, desenganadamente, sustentar que "jalta ao soldado russo a vontade de vencer" (p. 250) já não é possível.

A defesa anti-carro japonesa o autor de "Um ano de observação no Extremo Oriente" consagra tão rápidas quanto expressivas linhas: "os canhões são levados ao primeiro escalão e limitam-se em geral à defesa das estradas ou dos pontos de passagem obrigatória. Jámais se pode

jalar dum plano de fogos anti-carros, nem numa defesa completa da posição. O grau de eficácia dos diversos obstáculos é também pouco conhecido" (p. 165)

Demora-se, porem, o Ten.-Cel. Lima Figueirêdo e volta mais de uma vez ao assunto é quando trata das transmissões. Mas suas impressões, em resumo, são as seguintes: a T. S. F., que não desce abaixo do escalão regimento, dispõe de material "antigo, frágil e pesado", de utilização difícil e lenta"; (p. 147) "o telefone existe no escalão Batalhão", todavia o Cmt. do Btl. "contenta-se em fazer estender um fio ao longo do seu eixo de transmissão", e quando o homem-telefone de um posto de escalão subordinado procura entrar em comunicação com o posto do Btl. não tem "nenhuma surpresa se a comunicação almejada não fôr obtida"; contudo "os aparelhos óticos (projetores e heliôgrafos) existem até o escalão Cia.", e "seu emprego é satisfatório e bastante rápido"; também as transmissões por corredores, por sinaleiros a braços ou por pombo são muito elogiadas. Quero crer que esse contraste no cultivo dos meios de transmissões, em detrimento justamente dos mais importantes, significa menos atraso material que vesguice do espírito japonês. Lembrem-se que os nipônicos dão maior apreço a um habil lutador de baioneta que a um bom metralhador...

E eis estudada, num relance, a estrutura do exército japonês. Ficou amplamente demonstrada a observação inicial do Ten.-Cel. Lima Figueirêdo, de que a organização niponica repousa essencialmente na infantaria, uma infantaria, aliás, especial, baseada no número, na resistência física e no moral. Numa síntese magistral ele próprio, o ilustre observador militar brasileiro, fixa definitiva e precisamente esse quadro, quando diz que a infantaria japonesa, é "incapaz de aproveitar o fogo de sua artilharia, desconfiando da aviação e fazendo vaga idéia dos serviços que lhe poderiam prestar os engenhos blindados". (p. 168)

De tudo isso, desse longo estudo à luz da demorada e conscienciosa observação do nosso ex-adido militar ao exército amarelo, podemos retirar seguras orientações sobre o futuro da luta que se fere no Extremo Oriente. E uma coisa parece absolutamente certa: a organização militar japonesa não suportará o peso de forças modernas, aparelhadas para a guerra técnica e inteligente. E' o que já começa a evidenciar-se. Estacou a progressão amarela exatamente à beira dos seus grandes objetivos (Austrália e Índia); inauguraram-se os reveses (ações navais frus-

tadas e bases perdidas); voſitou a guerra da China, agora, porém, ainda menos esperanças, porque os chineses estão mais fortes, mais positivamente auxiliados, não obstante as dificuldades de abastecimentos.

Isto, todavia, que significa fraqueza numa organização militar nos moldes da niponica, a serviço de descompassadas ambições territoriais, instrumento de uma política arrojadamente ofensiva, encerra para outros, para nós, por exemplo, na situação atual, uma grande sugestão. De fato, o Brasil talvez devêſse empreender o seu esforço máximo no preparo de uma forte infantaria, que além de constituir uma força sempre poderosa, é aquilo que podemos realizar por nós mesmos e realizar bem. É o elemento de onde se pode partir nas melhores condições para o desdobramento de quaisquer outros, mediante um simples trabalho de adaptação.

Históricamente essa solução é abonada pela guerra holandesa, em que tropas superiormente equipadas foram vencidas por combatentes apenas numerosos e resolutos. Por outro lado, no desenrolar da guerra moderna estamos vendo que ainda há muito lugar para os valores humanos...

Não será preciso insistir em que se trata de uma solução de emergência. Naturalmente a estrutura militar brasileira, construída com tempo e com todos os meios, seria bem diversa. Atenderia às condições geográficas, à permeabilidade das diferentes fronteiras, aos recursos locais, à aptidão do homem de cada região, ao jogo político internacional.

Porém, com os prazos escassos, os recursos problemáticos e o perigo imediato, o exemplo da organização militar japonesa, à base de uma poderosa infantaria, representa sugestão digna do mais interessado exame.

Impõe-se uma observação final, talvez a mais importante, do ponto de vista do nosso exército, de quantas surgiram desse grande trabalho devido ao critério, à intelligencia e à cultura do Ten-Cel. Lima Figueiredo, e que póde ser enunciada numa pergunta: que sabemos dos exércitos e das ações que atualmente se desenvolvem nos diversos setores desta conflagração mundial?

De certo apenas aquilo que vem nos jornais ou nas poucas publicações militares ao nosso alcance. No entanto, e é o que o livro do nosso observador no Extremo Oriente põe em violenta evidencia, há

muito o que ver, estudar e aproveitar quando se dispõe de olhos próprios.

Mais do que vantagem, há absoluta necessidade dos observadores militares. Só eles podem apreender e transmitir, segundo interesses particularizados, todos os ensinamentos de uma campanha. Têm em si próprios elementos de sensibilidade que lhes permitem, e a eles tão sómente, ver comparando, associando, transportando imediatamente para o plano das possibilidades e das preocupações dos seus exércitos originários. Inegavelmente muita coisa se póde aprender à observação distante e até em compendios. Porém mil problemas há sobre os quais só o contacto pode instruir, como haverá ainda alguns que exigem mais do que isso, exigem a prova vivida.

“Um ano de observação no Extremo Oriente” faz-nos senhores de uma experiência que não sei como ficou isolada. Uma experiência tão fecunda e tão completa que até nos indica, no brilhante exemplo do Ten. Cel. Lima Figueiredo, as qualidades que devem ter os nossos observadores militares a serem enviados para os diversos quadrantes da guerra.

LIVROS RECEBIDOS:

Charles Maurras e a Action Francaise — De Paranhos Antunes.

Preceptores da Humanidade — Joaquim Filismino de Almeida.

NOTICIÁRIO & LEGISLAÇÃO

DAQUÍ E DALÍ...

O CORPO DA ÁFRICA ALEMÃO

No verão de 1940, depois da queda da França, Hitler chamou Rommel e disse-lhe provavelmente: "Escolhe teus homens e faz deles os melhores soldados de deserto do mundo".

Rommel escolheu-os ajudado pelo "Instituto Tropical de Hamburgo" e começou a trabalhá-los com uma *super-eficiência germânica*. Grandes casas aquecidas com cerca de 100 metros de comprimento por 38 de largo, foram construídas e nelas os homens, selecionados, foram submetidos a tempestades artificiais de areia e a temperaturas de 104 graus F. Usaram antalhos experimentais e comeram alimentos *ersatz*, ficando sem água por longos períodos de tempo. Rommel sujeitou-se aos mesmos exercícios numa casa particular. Trabalhou e viveu na atmosfera do *deserto* e ensaiou as operações de tanques em condições de elevadas temperaturas. Também projetou botas leves especiais para seus homens.

Quando os jovens estavam rigorosamente preparados, foram embarcados para a Líbia. Ai, cerca de 15 000 homens de tropa *nazis*, estacionavam já desde o início da guerra, e o trabalho de criação das *divisões do deserto*, progrediu suavemente.

O homem típico das tropas do Corpo da África era um *rustico espécime*, tanto física como psicologicamente. Além disso, tornou-se também um dos mais *privilegiados soldados* do Exército Germânico. Nada era demasiado bom para o *Corpo da África*. Um relato sobre o equipamento e o tratamento destas tropas de escol, foi feito pelo Brig. Gen. Horace S. Tewell no Boletim de Informações da Biblioteca Inglesa de Nova York:

Disse ele: "Cada um tem uma barraca verde com assoalho e super cobertura. Seu arranjo interior é uma maravilha de engenhosidade, contendo um pequeno fogão de campo a álcool solidificado, uma lampada elétrica, loção para olhos, material para asseio corporal e uma pequena caixa de côm para carregar pequenas cousas. Os homens eram jovens de 20 e 21 anos, de rosto fino e claro, usando uniformes de *caqui verde*, compostos de uma jaqueta folgada. Eram alimentados excelentemente com alimentos adicionais trazidos da Alemanha, cerveja, carne, batatas, cebolas, limões frescos e café verdadeiro. Água mineral era servida mais ou menos regularmente e também pão preto da Alemanha embrulhado em papel prateado. Seus campos de repouso em Bengasi eram de primeira classe, que lhes proporcionavam todo conforto. Tinham ótimo banho de mar, cerveja, jardins e música. Quando feridos ou doentes, dispunham de um hospital de primeira classe, com suprimento de medicamentos e recursos cirúrgicos de primeira ordem. Não obstante, eles odeiam o deserto".

MAS, EM CONCLUSÃO...

A verdade é que mesmo os germânicos do *Corpo da África* não se interessavam pelo deserto. Visavam o Médio Oriente para cuja conquista tinham sido especial-

mente treinados, o qual compreende também vastos desertos, que se lançam do Egito até o Iram e da Turquia à Arábia. As primeiras noções históricas falam da vida nos vales, numerosas religiões nascidas nas suas cidades. Desde o tempo de Alexandre foi imensa a importância estratégica destas regiões.

Se os nazis seriamente intencionam conquistar o Medio Oriente, apesar da superioridade de sua preparação inicial, têm diante de si longa e árdua tarefa. Em primeiro lugar, as posições aliadas têm grande profundidade. As distâncias dos bastiões defensivos exteriores do Egito e Siria até a Etiópia, Arabia e o Iram são medidas por milhares de milhas. Os caminhos são balisados por centros de recursos ao longo dos quais os aliados podem manobrar em retirada muito tempo. Não obstante a queda de Alexandria representar um sério golpe para o poder aliado, não quer dizer que a conquista do Médio Oriente esteja feita. Os aliados poderiam ainda lutar longamente.

Há ainda outros fatores a favor das Nações Unidas. As vias-ferreas irradiam para Este-Sul, direções em que a manobra aliada seria efetuada. Essas estradas de ferro são conjugadas com outros sistemas ferroviários sob controle dos aliados, exceto apenas no espaço reduzido da Turquia que pode cair em mãos dos germânicos.

As estradas de rodagem do Medio Oriente favorecem os aliados de modo análogo ao das estradas de ferro. As duas principais seguem o Mar Vermelho e o Golfo da Persia. Em ambos estes mares elas atingem vários logares. Vê no mapa anexo como poderão ser utilizadas no caso eventual de uma retirada. Interligadas oferecem um quasi invencível obstáculo à conquista do Medio Oriente por tropas de efetivos limitados como as do Corpo da África de Rommel.

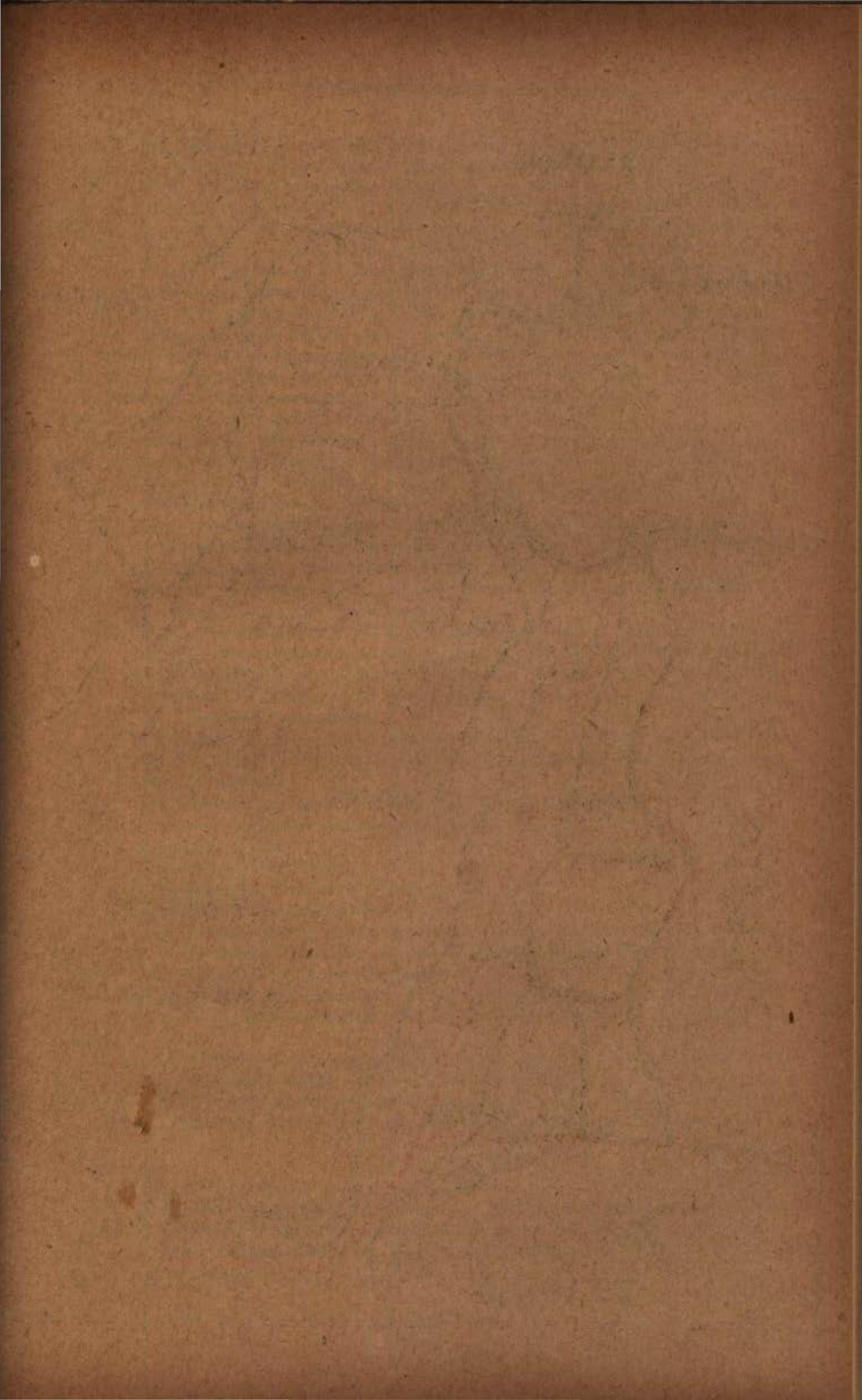
UM PROBLEMA DE FRONTEIRA

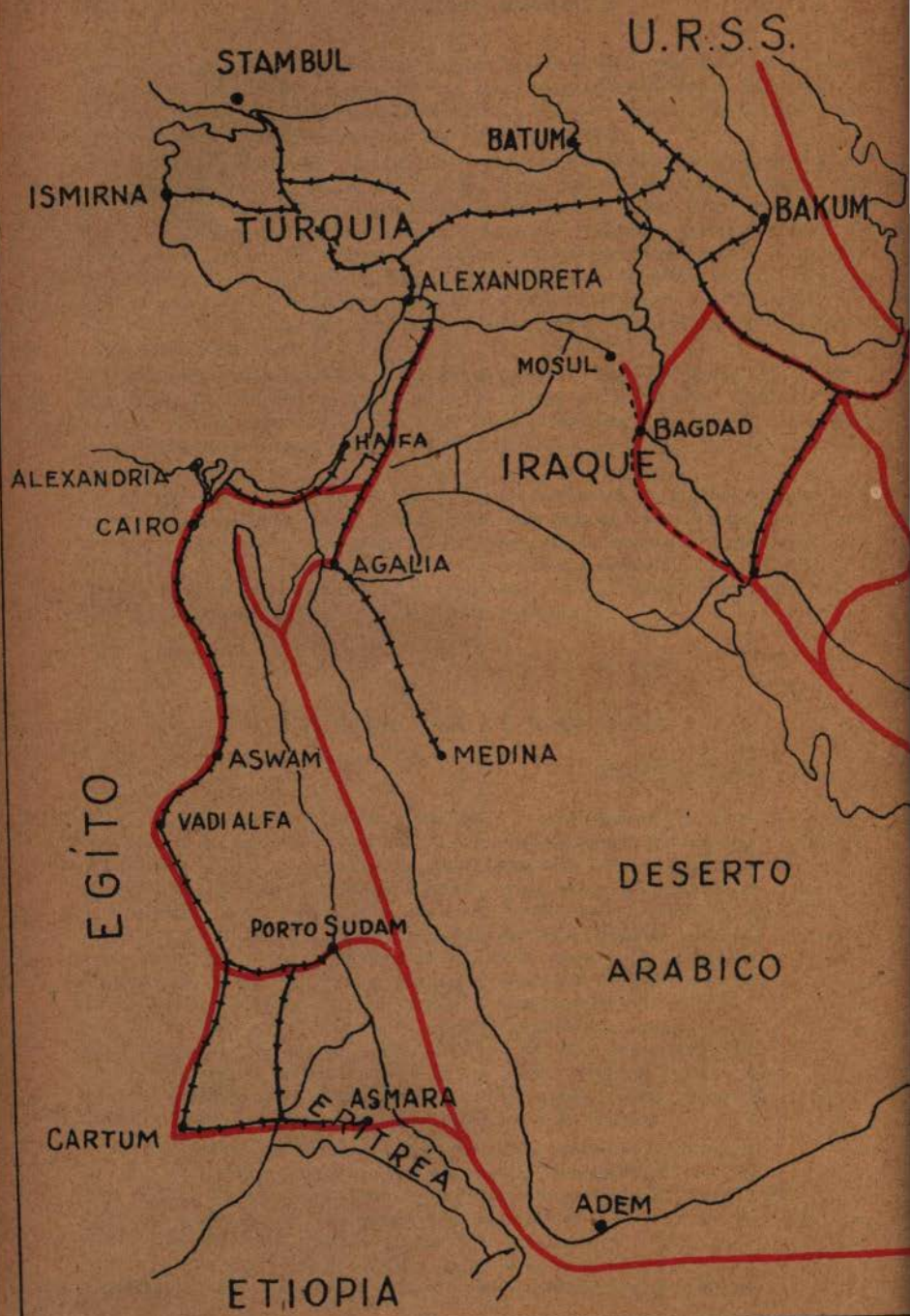
MAJOR XAVIER LEAL

O número de "A Defesa Nacional" correspondente a Maio do corrente ano, publica à página 787, uma notícia sobre acampamento em barracas de madeira, nos Estados Unidos da América do Norte, construído para alojar 20.000 homens. A gravura que representa esse acampamento, nos dá, antes, a impressão de uma verdadeira cidade. Para quem conhece a fronteira Sudoeste do Brasil, a extensa faixa fronteiriça do rio Uruguai, desde o limite com Santa Catarina até à foz do Quarai, para quem conhece as deficiências de vigilância nessa faixa fronteiriça e, por isso, já pensou numa solução para o caso, nenhuma solução se poderia apresentar melhor do que com o auxilio de aquartelamentos ou acampamentos de madeira. Aliás, nessa questão de reservas de madeira, a natureza é pródiga conosco, tendo colocado à nossa disposição, no sul do Brasil, do Norte do Rio Grande até São Paulo, uma floresta formidável, particularmente de pinheiros. Existem também nessa região, inúmeras serrarias que trabalham e preparam a madeira para construção, e grande parte das cidades, aí, tem suas casas construídas de madeira.

O assunto interessa, pois, a um importante problema de fronteira:

— Como vigiar, nacionalizar e garantir a integridade de uma faixa de fronteira de centenas de quilômetros de extensão, em que as Unidades do Exército de tempo de paz, em reduzido número, se encontram, por força das circunstâncias, aquarteladas nos raros centros populosos dessa fronteira? Por meio de destacamentos tirados das Unidades? Por meio de policia volantes com organização e características especiais? Por meio de postos combinados de Alfandega e Policia





fluvial? (1) São soluções que apresentam maiores ou menores dificuldades, vantagens e desvantagens. Vamos, da nossa parte, aventar uma solução.

O problema poderia ser resolvido, no todo ou em parte, com a criação de Unidades de fronteira; a sua solução completa dependeria do número dessas Unidades. Inicialmente, deveriam ser criados quatro Regimentos de fronteira: dois ao Norte e dois ao Sul do Ibicuí. A localização ao Sul do Ibicuí poderia ser, respectivamente, em Touro-Passo e Umbú, duas pequenas localidades, ambas servidas por estrada de ferro e, aproximadamente, a meio caminho entre Uruguaiana e a foz do Ibicuí, uma, e entre Uruguaiana e a foz do Quaraí, outra. Tomadas como Sédes dos Regimentos de fronteira, nessas localidades seriam construídos quartelamentos de madeira com instalações para o Comando, Esquadrão Extra, depósitos, escolas, casas de moradia, etc. As demais sub-unidades se instalariam do mesmo modo, porém articuladas ao longo da fronteira numa extensão que permitisse o controle e a ligação com o Regimento, o exercício do Comando e a fiscalização.

Não temos dúvida que esses logarejos, com as suas pequenas aldeias de madeira, seriam os núcleos iniciais de futuras cidades, uma das muitas vantagens que acarretaria a criação das Unidades.

Vejamos agora as outras vantagens:

- 1) Vigiar a fronteira sob todos os aspectos, inclusive o contrabando de armas e munições e entrada de elementos indesejáveis.
- 2) Nacionalização — assimilando e educando a população fronteiriça, em grande parte fóra de controle e, por isso, com o complexo de inferioridade ou, pelo menos, sem o sentimento nacional vivo.
- 3) Desenvolvimento agrícola das regiões onde estivessem localizadas, porquanto cada Unidade poderia ter, anexo, um núcleo agrícola, com técnicos fornecidos pelo Estado e com o objetivo de iniciar a agricultura onde só existe a pecuária. O cultivo agrícola visaria bastar-se a Unidade a si própria e, ainda, fornecer à população.
- 4) Dar, enfim, ocupação útil e patriótica a milhares de brasileiros que, nessa zona fronteiriça, de atividade exclusivamente de campo, vivem isolados e sem meios de trabalho.

— Como poderiam ser organizadas as Unidades de fronteira

Um Regimento teria uma organização aproximada da seguinte:

- 1 Esquadrão Extra
- 3 Esquadrões de fuzileiros
- 1 Esquadrão de Sapadores e artifices (2)
- 1 Esquadrão de metralhadoras.

Quanto ao pessoal, parece que uma solução interessante seria prover o pessoal de direção — Comando, Sub-Cmt., Ajudante, Oficial de informações, oficial de Transmissões, Almojarife e Aproveisionador, com oficiais da ativa; os demais oficiais seriam da reserva. Os quadros de sargentos e graduados poderiam comportar uma porcentagem da ativa, suponhamos 40%, para enquadramento, e o restante da reserva.

Chegamos, finalmente, à conscrição, ao modo como se deveriam recrutar os homens para a formação dessas Unidades. Isto poderia ser obtido somente com reservistas, de 1.^a ou de 2.^a categoria, ou com uma parte de reservistas e outra de voluntários. Somos de opinião que a formação se deveria fazer com uma porcen-

(1) Sistema da vizinha República Argentina.

(2) O pessoal do Esquadrão de Sapadores e artifices se destinaria a construção e reparação de estradas e pequenas obras d'arte; construção de meios descontinuos para a passagem de cursos d'agua (balsas, lanchas, barcaças etc.); receberia inclusive, instrução minuciosa sobre destruição.

tagem de reservistas, para enquadramento — e uma porcentagem de voluntários, para atender às finalidades anteriormente expostas.

Os voluntários seriam aceitos de 17 a 28 anos como se processa atualmente, e serviriam, no mínimo, por dois anos; no máximo até aos 30 anos de idade, quando passariam para o Exército de 2.^a linha. Terminado o tempo de serviço antes de completar os 30 anos, seriam excluídos como reservistas de 2.^a categoria da Arma de Cavalaria.

Os Comandantes de Unidades fariam às C. R. as comunicações a respeito das inclusões e exclusões de reservistas nas suas Unidades.

— As Unidades de fronteira, da arma de Cavalaria, tanto poderiam ser Regimento, como Alas ou Esquadrões, tudo dependendo da importância da região onde localizá-las. O problema da sua criação representa qualquer coisa de necessário e, quiçá, urgente. Naturalmente que necessita de um estudo mais meditado, incluindo variados aspectos de questão, um deles, por exemplo, sobre o uniforme; outro, sobre o arreamento e equipamento, outro sobre a ração tanto para o homem, quanto para os animais. Quer-nos parecer que estes aspectos são fundamentais, por isso que, na criação dessas Unidades se deverá levar em conta, ao máximo, as características e peculiaridades da região, no que se relaciona com o clima, hábitos e recursos. Não desprezar, por exemplo, o poncho-pala do gaúcho para o uniforme, o churrasco e o mate para a ração alimentar, o pelego para o arreamento, será, entre outras, medida prática e de grande alcance.

A localização dessas Unidades sobre a fronteira, obrigaria o Governo a desapropriar algumas áreas de terreno e particulares aí radicados e que se dedicam à criação de gado. Para isso não haveria nenhuma dificuldade, porquanto a Lei que estabeleceu a faixa de fronteira, previu esse caso.

— As Unidades de fronteira seriam subordinadas às D. C., para efeito de inspeção e fiscalização.

ESCOLAS DE SARGENTOS

Cap. FELICISSIMO DE AZEVEDO AVELINE

O artigo que sob o título "*A Formação de Sargentos de Infantaria*" publicou no n.º 332, de 10 de Janeiro de 1942, em "*A Defesa Nacional*" o Ten.-Cel. Alcindo Nunes Pereira, com os aplausos da redação, veio trazer à baila um assunto que interessa diretamente à tropa de Infantaria.

Quem como nós trabalhou com os sargentos formados pela antiga E. S. I., auxiliares aptos técnicamente, não poderá permanecer indiferente antes a alvareira notícia do restabelecimento da referida Escola.

Uma escola que se abre em qualquer ramo de atividade humana é sempre um sinal de progresso. O ressurgimento da E.S.I. será o preenchimento de uma lacuna na organização da nossa Infantaria.

Ninguém que labute na tropa ignora o esforço sobrehumano que exige dos alunos o funcionamento do C.C.S. Nas condições atuais dos corpos de tropa com as deficiências de toda a sorte que acompanham os candidatos a sargentos, não é possível, apesar de todo o ardor patriótico dos mesmos, formar sargentos capazes em três meses de instrução.

Países com o espírito guerreiro, cuja existência é um continuo lutar, não prescindem de escolas para formação de seus sargentos — os regulamentos dos Exércitos da França, da Alemanha, etc. aí estão para provar este asserto — como iremos nós dispôr de sargentos sem possuímos as respectivas escolas? A época do char-

lutarismo já passou e, se bem indagarmos, os próprios charlões de fortuna tinham os seus conselheiros ou consultores que lhes facilitavam os golpes audazes...

Precisamos cuidar da formação dos nossos sargentos da Infantaria, e, se não o fizermos já e já, caro pagaremos esta falta. A eficiência da Infantaria depende do valor dos seus quadros. A sorte da nossa Arma que alguém já classificou como o "povo em armas", não póde ficar à mercê das contingências do momento; tudo o que fizermos em seu benefício será uma pedra a mais no alicerce da defesa do Brasil.

O USO DA BOMBACHA NA INSTRUÇÃO E NA CAMPANHA PELA CAVALARIA

1.º Ten. Cav. JÚLIO CESAR DE SAINT EDMOND

Não sendo permitido ao soldado, por via de regulamento, o uso da calça tanto na instrução como nos serviços fica sendo o calção obrigatório para todas as atividades. Como sabemos essa peça do uniforme nunca é feita sob medida para o homem. Existem três numerações e nelas estão incluídos todos os tipos de praça. Dois indivíduos da mesma altura não implica em terem também o mesmo peso, daí um calção ficar como uma luva ou folgado para um indivíduo de 1,65 m e no entanto não poder ser vestido por outro indivíduo da mesma altura mas cuja compleição é desproporcional.

O calção é altamente incomodo, pois a praça não o pode vestir rapidamente e sempre está com cuidados para não rasgar no joelho; as costuras dos joelhos com poucas lavagens ficam fracas e rasgam ou descosem na ocasião em que a praça pretende montar.

No início do primeiro período de instrução é normal se ver uma grande quantidade de recrutas com o cós e os joelhos dos calções completamente abertos, muita vez a costura de dentro da perna descose até em cima ficando o homem quasi despido. E' também comum o fato de se ver uma praça de chinelos, estando de calção, por ter machucado um pé ou os dois e nestas condições fica impossibilitado de calçar os canos de bota oferecendo assim um aspecto desagradavel. Em campanha então é que se tem uma impressão peor, pois um indivíduo com uma ferida na perna e que porisso mesmo não pode usar perneiras ou canos de botas, fica sujeito aos constantes ataques dos insetos, irritantes e até perigosos.

Quando de prontidão ou em campanha mesmo, que se é obrigado a dormir vestido podendo tirar os canos de botas ou as perneiras, é que mais se nota a pouca proteção que oferece o calção e nas épocas frias então é peor.

A instrução a cavalo é enormemente prejudicada pelo calção que tolhe os movimentos do indivíduo e (parece incrível mas é real) muito soldado fica um pouco medroso por causa do calção e é facil explicar: no volteio o trabalho das pernas deve ser bem executado e para isso elas devem estar bem desembaraçadas; ora o calção tolhendo os movimentos das pernas (até mesmo na instrução a pé), impede que esse trabalho seja bem executado resultando muita vez em queda para o cavaleiro que começa a ficar receioso de nova queda e daí criar um certo medo pelo volteio.

Existe no Rio Grande do Sul uma peça de vestuário característica do gaúcho e já foi em tempos adotada no Exército: é a bombacha.

A bombacha gasta um pouco mais de pano mas em compensação dura para a praça muito mais tempo, a par de inúmeras vantagens que lhe trás quer no quartel, quer em campanha, sendo de notar também que melhora de muito o aspecto do

indivíduo que tendo um ferimento (até mesmo cansaço numa marcha ou em descanso no acampamento) não possa calçar o seu cano de bota. A cavalo, mesmo sem a perneira ou o cano de bota, a bombacha não oferece a desvantagem que oferece o calção: a de permitir o contacto directo da perna do homem ao arreiamento, causando (ou aumentando) um ferimento.

A instrução, até mesmo a pé, seria imensamente beneficiada dado o grande desembaraço no movimento das pernas que teria a praça.

Certas instruções poderiam ser dadas sendo permitido ao homem não calçar canos de botas ou perneiras e a tropa a-pesar-disso não teria aspecto desagradável ou irregular, o que não se poderá obter com o calção. Até os oficiais (pelo menos na Cavalaria) deveria ser permitido o uso da bombacha quer na instrução dentro do quartel como na de campanha.

Para passeio a praça teria então o calção; não sendo permitido em situação alguma o uso da bombacha, mesmo para oficiais, fora da instrução, devendo os transgressores serem punidos.

OS JAPONESES LANÇAM UM NOVO TIPO DE CAÇA A 28 DE JULHO DE 1942

SYDNEY, 2 (R.) — Os japoneses introduziram, nos combates aéreos sobre a NovaGuiné, um novo tipo de caça "Zero", que é mais rápido que o antigo modelo sem sacrificar a sua facilidade de manobra. Num ataque levado a efeito contra Port Moresby, ontem, 15 deses novos aparelhos foram interceptados pelos velozes caças aliados, cujos pilotos informam que a velocidade dos novos caças nipônicos é muito superior a 300 milhas por hora, o que lhes permite mergulhar mais facilmente, livrando-se dos ataques. No encontro travado, cada avião procurava mergulhar em torno do seu adversário, para apanhar seus inimigos pela retaguarda.

A MARGEM DO CURSO DE TÉCNICA DO TIRO DA ESCOLA DE ARTILHARIA DE COSTA

Pelo Cap. GERALDO ALVES DIAS, E.A.C. da Comissão
de Obras da Defesa de Santos

Há alguns anos vem funcionando, entre nós, a ESCOLA DE ARTILHARIA DE COSTA, sob a super-visão da MISSÃO MILITAR AMERICANA.

A ESCOLA, inegavelmente, tem correspondido à sua finalidade, proporcionando aos oficiais que ali se especializam, em tempo relativamente curto, uma soma de conhecimentos básicos que os tornam suficientemente aptos para enfrentar os variados aspectos como se apresentam os assuntos de A. C., não só na parte tática, como na parte técnica.

Logicamente, sobreleva em importância, a Técnica de tiro, assunto a que me proponho a um comentário, destinado, apenas, a travar contacto com meus companheiros da A. C., desejoso de vê-los, por estas mesmas colunas, descerrarem as cortinas que ainda envolvem a nossa, atualmente, bem aparelhada ESCOLA, tarefa essa que já se faz mistér, caminhando para que sejam desvendados outros tantos pontos, ainda desnecessariamente ocultos, que, entravam esse precioso contacto, capaz de gerar mais ampla harmonia de vistas e mesmo, concorrer para o surgimento de idéias úteis, no que diz respeito à organização, a tática e a técnica da A. C. de forma a contribuirem eficientemente, para o fim comum, da defesa nacional.

Entre nós, o desenvolvimento uniforme da técnica de tiro, teve início, com a primeira Missão Militar Americana. Ela nos legou a aparelhagem "HOENTHAL" que, logrou conquistar fervorosos adeptos, pela simplicidade de organização e pelos bons resultados colhidos, nas condições em que foi experimentada.

A partir de 1940, a E. A. C. passou a estudar, não só a aparelhagem "HOENTHAL", como também, o "sistema padrão americano", tomando, este, a designação de M 1 e aquela, a de M 2.

Com esse advento, vem se formando uma mentalidade interessante, da criação oficiais especializados, como tipos de automovel; ou seja: tipo 3, 40, 41, etc., para designar oficiais egressos da E. C. A., nos anos de 1939, 1940, 1941, etc..

Ora, nessas condições, é preciso que se diga, preliminarmente que, o que tem de interessante o curso de técnica de tiro da E. A. C., não é sistema padrão americano, porque este, já foi descrito entre nós, desde 1934 e sim, a aparelhagem "HOENTHAL"; resulta que, os pretendidos tipos 40, 41, etc., não são mais que, tipos 34, reformados nas oficinas da E. A. C.. Reafirmando, o que de verdadeiramente interessante tem o curso de Técnica de Tiro da E. A. C., é, justamente, a aparelhagem "HOENTHAL", qualquer que seja a interpretação que, hoje, a ela se dê, como o fim que possa ter, futuramente. Ela representa o primeiro esforço, entre nós, para a solução continua do problema da predição e correções secundárias.

Abstendo-me de críticas como também o faço, com relação ao sistema padrão americano, de excelência indiscutível, importa considerar que, enquanto existir uma modalidade de ataque por via marítima, haverá necessidade da correspondente defesa, contra esse genero de ataque; isto é — artilharia de costa — e, nessa ordem de ideias, enquanto a A. C. tiver por missão repelir essa modalidade de ataque, há que se exigir um máximo de flexibilidade dos materiais e dos sistemas de direção d' fogo, sempre e cada vez mais em condições de satisfazerem a um mínimo de eficiência, contra alvos, cujas velocidades, vêm, também, num crescendo; portanto, a solução continua do problema da predição e correções secundárias, será, sempre, um assunto atual e, a mística dos tipos, desfaz-se por si mesma.

AS MARÉS DA GUERRA — O CLAMOR DE UMA SEGUNDA FRENTE

Pelo Maj. Gen. STEPHEN, U. S. retired

(Extraído de Newsneck, 10, Agosto, 1942)

As discussões pró e contra a abertura da "segunda frente" formam o jogo dos costumes democraticos para influenciar os que tem responsabilidades na decisão. Fase-mos aqui um esforço para tirar a discussão deste assunto de oscilante debate e tratá-lo como agora o deve ser.

A crença geral de que uma segunda frente foi já iniciada com a ofensiva aérea tem razão de ser. Que uma ação terrestre seguirá a seu tempo é também razoavel, de acordo com o que os aliados têm anunciado e à vista das forças que se reúnem na Islândia, Grã Bretanha e Irlanda.

Deve-se, porém, reconhecer que a luta é de carater global e que nenhuma ação militar separada tem importância para a vitória.

Uma invasão do continente exige todos os recursos dos aliados. O mais importante fator é, naturalmente, a repercussão sobre a frente Russa, de modo a tornar os acontecimentos desfavoraveis ao invasor. A sabedoria estratégica das nações aliadas é posta à luz por esta divulgação.

"As futuras operações discutidas pormenorizadamente na Conferência de Washington com os nossos conselheiros militares, visa distair a força alemã da frente russa".

Isto é a combinação existente entre os governos de Washington, Londres e Moscou, mostra a evidência quanto os aliados estão de acordo.

Se a invasão não é forçada por pedidos de S. O. S. de Moscou parece será boa política militar efetuá-la quando e onde trazer mais embaraços a Hitler. Tal ação ajudará muito mais a Rússia afinal que uma diversão a qual lhe daria apenas um alívio momentâneo se feita prematuramente e importaria em prolongar a guerra.

Uma invasão do Continente pode também ser considerada em face da abertura de uma frente na Sibéria. A presença de aliados no Continente pode ser o sinal para a abertura da frente na Sibéria pelos japoneses, preparada já de longa data.

Há ainda a considerar a frente da Austrália. São interesses a decidir por Tóquio e não por Berlim. Uma invasão da Europa terá uma repercussão direta na guerra do Egito. Um sucesso afirmará a posição dos aliados enquanto um desastre nesta Zona, importará em prejuízos sérios.

A frente da China está também inteiramente ligada com a questão da segunda frente. Os exércitos de Chiang-Kai-Shek, e as unidades americanas que lhe estão afetos, lutam difícil e pacientemente com a pequena ajuda aliada, e sabem que uma vitória na Europa será seguida por um cerco do Japão para um golpe de morte. Ainda, uma invasão do Continente, terá séria repercussão nos países ocupados porque a "nova ordem" de Hitler não fez muitos adeptos.

Ainda, os acontecimentos de uma segunda frente repercutirão sobre as nações neutras, a Índia e os países muçulmanos. O êxito lhes daria enorme prestígio, mas um insucesso importaria em nova e perigosa baixa do mesmo.

Finalmente, analisando-se o problema sob o ponto de vista militar, ressalta a consideração de que não se trata de uma batalha comum mas de uma ação de suma importância, de repercussões profundas e longínquas. De seu resultado dependerá o rápido fim da guerra ou seu interminável prolongamento.

A preparação para tal acontecimento pode necessitar alguns meses mais. Seu objetivo será a destruição do poder militar alemão.

O PROBLEMA DA MOBILIZAÇÃO E ECONOMIA DE GUERRA

UM COMUNICADO DA "OFFICE OF WAR INFORMATION" (Repartição de Informações da Guerra — Junho, 19).

Estamos convencidos de que este ano poderá ser decisivo para a guerra. Se-lo-ia, porém, somente, se nossos inimigos não obtiverem sucessos importantes contra nossos aliados, antes que o ano esteja terminado. Mesmo que isso não se dê eles contam ainda com boas tentativas. Se paralisarem, porém, o forte poder da Rússia, desgastam a resistência chinesa, quebram o poder britânico no Oriente Médio, a guerra será decidida mais tarde e será muito mais custosa.

Antes de podermos travar batalhas temos que transportar grande número de homens e vasto material a enormes distâncias... A perfeita segurança, proteção dada aos nossos comboios de tropas para a Europa e os mares do sul, foi obtida com o sacrifício da navegação em nossas próprias costas que sofreu pesadas perdas.

Mesmo que continue a aumentar a construção dos navios, teremos que aguardar 1943 antes que se possa realizar atingir o número de navios que tínhamos em 1941. Enquanto isso, ainda não receberam toda a ajuda a que tem direito a esperar de nós, de acordo com nossas promessas. Ainda não produzimos materiais correspondente-

temente ao máximo de nossa capacidade como é de necessidade. Teremos feito muito, não porém, bastante.

As batalhas no mar de Coral, a grande batalha de *Midway* foram brilhantes vitórias contra forças superiores, mas foram *vitórias defensivas*.

No interior também fizemos muito, não, porém, bastante. Nossa produção, medida pela de um par de anos passados é espantosa; medida de acordo com as necessidades não é bastante. Em junho caímos com indiferença abaixo do total previsto para os aeroplanos militares. Nós fazemos, no entanto, mais que qualquer outro país do mundo. Não fizemos, porém, tanto quanto dissemos que iam produzir. Isso é também verdadeiro para os tanques, os vários tipos de artilharia e navios de guerra, notadamente quanto aos de combate aos submarinos.

Nós fizemos nos dois anos passados um formidável plano de expansão. Agora temos mais fábricas que então, nós podemos fabricar muito mais, porém, não demasiadamente em presença das necessidades. "Insuficiente controle" é a causa do insuficiente aproveitamento dos recursos e da queda temporária da produção.

Não há dúvida que o povo americano quer ganhar a guerra, mas há dúvida se todos nós estamos fazendo decididamente todo o necessário para isso. A guerra é ainda uma grande estrada a percorrer mas deixará de ser se nós trabalharmos mais do que até agora.

Parece que muitos julgam que nós queremos travar a batalha com um excesso de recursos. Não é exato.

Temos grande capacidade de produção. A transformação, porém, do regime de paz em regime de guerra, é cousa de *paciência* que tem de ser aprendida e não o poderia ser sem que se cometessem erros. Nós não podíamos fazer tal esforço sem maiores sacrifícios de conveniências e conforto, pois temos que competir com a capacidade produtiva da maior parte da Europa.

Nossos aliados têm dado a maior parte das batalhas e nossas perdas têm sido apenas de cerca de 3.000 homens americanos. A guerra, porém, não é somente produzir, é, também, dar a batalha com o que se produz e ganhá-la.

E' provável que pereçamos algumas delas e certo que não as ganharemos sem muitas perdas de homens. Devemos nos preparar o melhor possível para isso e aprender a receber essa fatalidade tal como o fizeram nossos antepassados.

Nossas forças estão sendo postas como nosso comando militar julga podem dar o máximo de resultado de acordo com os melhores pareceres profissionais... O desenvolvimento popular para a ação nesta ou naquela frente, não dá resultados úteis. Poderíamos perder esta guerra. Nunca perdemos uma guerra, porém, isto quer dizer somente que foram nossos antepassados que nunca a perderam e eles jamais tiveram que enfrentar uma guerra como a atual... É uma guerra total, na qual a derrota significa destruição.

Muitos indivíduos americanos fizeram grandes sacrifícios, mas a nação ainda não os fez. Nós podemos ganhá-la se realizarmos o necessário para isso, o que é de importância vital no mundo de hoje.. Não estamos, porém, ainda a ganhando.

Fábrica de Pinceis "Olindo"

PINCEIS PARA BARBA

Avenida Souza Ramos, 200 - Tel. 101

Caixa Postal, 24

S. Caetano - S. P. R.

SÃO PAULO

Laminação Nacional de Metais S. A.

Fundador : Julio Pignatari

Escritório Central:

RUA DR. FALCÃO FILHO, 56 - 7.º andar - SÃO PAULO

Edifício «CONDE MATARAZZO»

CAIXA POSTAL, 841

Telegramas "LAMINADOR"

Fone 3-5141 (Rêde Interna)

Códigos : Borges, Ribeiro,

Liebers, Mascote, 1.ª e 2.ª

Edição RUDOLF MOSSE

Laminação e trafilaria de alumínio, cobre, latão, alpaca, níquel, prata, ouro e suas ligas.

Chapas, discos, rôlos, cantoneiras, meia-cana, fios, rebites de alumínio, cobre, latão, alpaca, estanho, chumbo, etc., para todas as indústrias metalúrgicas.

Papéis de alumínio, estanho, chumbo e chumbo estanho para cigarros, bombons, queijos, salames, produtos químicos e qualquer acondicionamento de luxo.

Instalações modernas para fabricação de pós de alumínio bronze (purpurinas) de todas as cores e para todos os fins. Pós pirotécnicos e outros pós metálicos.

Possante prensa hidráulica para fabricação de tubos (canos), vergalhões, barras e perfilados de todos os metais, em qualquer formato ou feitio.

Representantes no RIO :

EMILIO POLTO & CIA. LTDA.

Rua General Camara, 60

Telefone 22-5299

Atos oficiais do Ministério da Guerra, publicados no "Diário Oficial", no período de 20 de agosto a 20 de setembro de 1942

ALISTAMENTO DE RESERVISTAS (Permissão)

E' permitido, nesta Capital (1.^a Região Militar), o alistamento de reservistas de 2.^a e 3.^a categorias especialistas e artífices com destino à Escola de Moto-Mecanização.

(Aviso n. 2.277, de 31-8. — D.O. de 3-9-42).

E' autorizada a convocação de reservistas de 3.^a categoria pertencentes à disponibilidade nos termos do decreto-lei n. 4.276, de 27 de abril último, para o preenchimento de claros ainda existentes nas Regiões Militares, onde já se processa a transformação do fetivo orçamentário para o efetivo-tipo, devendo a convocação iniciar-se pela classe mais jovem (21 anos).

(Aviso n. 2.280, de 31-8 — D. O. de 3-9-42).

— Os reservistas convocados pelas 7.^a e 8.^a Regiões Militares, residentes fora do território dessas Regiões, devem ser encorporados em unidades da Região Militar compreendendo o local onde residem.

(Aviso n. 2.279, de 31-8 — D. O. de 3-9-42)

— E' autorizado ao comando da 1.^a Região Militar o alistamento de reservistas de 2.^a e 3.^a categorias, especialistas e artífices, com destino às 5.^a e 9.^a Regiões Militares.

(Aviso n. 2.202, de 27 — D. O. de 29-8-42)

ARTILHARIA DE COSTA — (Regulamento)

Aprova o regulamento n. 13 para o emprego da Artilharia (Costa) 1.^a Parte — Título XII — Manual de Telemetria — Tomo I — (1.^a e 2.^a Partes).

(Decreto n. 10.322, de 25 — D. O. de 27-8-42).

AVERBAÇÃO DE CONSIGNAÇÃO (Prazo)

I — Tendo em vista que não existe, por parte das unidades administrativas, um procedimento uniforme relativamente aos prazos de averbação de consignações, para desconto nos vencimentos dos extranumerários mensalistas e contratados, recomendo sejam observadas as disposições constantes do parecer do Departamento Administrativo do Serviço Público, publicado no "Diário Oficial", de 27 de julho de 1939, uma vez que o Estado ou o ordenador da averbação não responde, de modo algum, pelos prejuízos causados aos consignatários, em virtude de dispensa ou exoneração de mensalista, ou rescisão de contratos de extranumerários dessa natureza.

III — Fica recomendado, também, que, dos atestados fornecidos aos consignatários deve constar sempre a situação dos consignantes, com todos os informes solicitados e que possam interessar ao assunto, mencionando-se, quando se tratar de contrato, o tempo restante do respectivo contrato.

(Aviso n. 2.381, de 14 — D. O. de 16-9-42).

AUTONOMIA ADMINISTRATIVA — (Concessão)

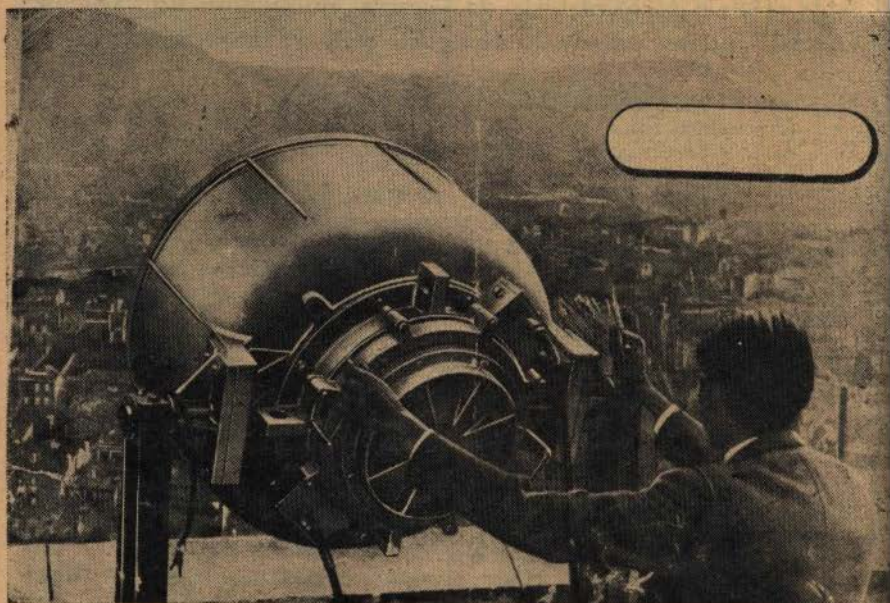
A 2.^a Companhia de Transmissões do Batalhão Vilagran Cabrita, destacada em Natal, passa a ter autonomia administrativa, de conformidade com o disposto no art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado por decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938.

(Aviso n. 2.379, de 14 — D. O. de 16-9-42)

— A 1.^a Companhia de Projetores do Distrito de Defesa de Costa passa a ter autonomia administrativa, de conformidade com o disposto no art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado por dec. número 3.251, de 9 de novembro de 1938.

— A Companhia Independente de Infantaria do Amapá passa a ter autonomia administrativa, de conformidade com o disposto no art. 25 do Regula-

Em caso de alarme aéreo



Ouçá as recomendações oficiais que, com alto-falantes como o da gravura acima, de 1.000 watts de potência, abrangem áreas enormes com a maior eficiência e segurança.

Esse aparelho funciona ligado a um amplificador de som de 1.000 watts de potência, especialmente fabricado para avisos a grandes distâncias, e é o maior conhecido em todo o mundo em potência e qualidade.

Peçam consultas, sem compromisso, a

Standard Electrica S. A.

End. Telegr. "Microfone"

RIO DE JANEIRO
AV. ALMIRANTE BARROSO, 91
8.º andar — Salas 811 a 820
Telefones: 22-5093 a 22-5096
Caixa Postal 430

S Ã O P A U L O
RUA 7 DE ABRIL, 176 - 10.º and.
Telefone: 4 - 0132
Caixa Postal 1241

mento para Administração do Exército, aprovada por dec. n. 3.251 (de 9 de novembro de 1938).

(Avisos n. 2.240-41, de 31-8 — D. O. de 2-9-942).

— O 5.º Batalhão de Engenharia passa a ter autonomia administrativa, de conformidade com o disposto no art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado por decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938.

— O 1.º Regimento de Cavalaria Transportada passa a ter autonomia administrativa, de conformidade com o disposto no artigo 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado por decreto n. 3.251, de 9 de novembro de 1938.

(Avisos n. 2.275 — 76, de 31-8 — D.O. de 3-9-942).

BATALHÃO DE ENGENHARIA (Efetivo).

E' mandado dar efetivo ao 5.º Batalhão de Engenharia, com sede em Curitiba.

(Aviso n. 2.226, de 29-8 — D.O. de 1-9-942).

O 5.º Batalhão de Engenharia é idêntico ao primeiro Batalhão da mesma arma.

(Aviso n. 2.225, de 29-8 — D. O. de 1-9-942)

BATERIA DE PROJETOES (Criação)

E' criada, para instalação imediata, a 1.ª Bateria de Projétores do Distrito Federal de Defesa de Costa, à Barra do Rio de Janeiro, com a organização e efetivo que serão fixados por ato do Ministro de Estado da Guerra.

(Dec-Lei n. 4.610, de 22 — D.O. de 25-8-42).

CENTROS DE PREPARAÇÃO DE OFICIAIS DA RESERVA (Organização geral)

— O "Diário Oficial" de 25-8-942, publica na íntegra a Portaria n.º 3.594, que aprova o Quadro de Organização Geral dos Centros de Preparação de oficiais da Reserva, assim como o quadro de efetivos de Oficiais, alunos e praças pertencentes aos referidos Centros.

— Determina-se organizar na forma do Regulamento dos Centros de Preparação da Reserva, os seguintes Núcleos de Preparação de Oficiais da Reserva, para o ano de 1943:

N.P.O.R. de Teresina, anexo ao 25.º B.C. — N.P.O.R. de Fortaleza, anexo ao 23.º B.C. — N.P.O.R. de João Pessoa, anexo ao 15.º R.I. —

N.P.O.R. de Maceió, anexo ao 20.º G.C.

(Aviso n.º 2.316, de 9 — D.O. de 11-9-942).

— Torno extensivo aos alunos dos Centros e Núcleos de Preparação de Oficiais da Reserva o disposto no aviso n. 3.170, de 22 de outubro de 1941, isto é, ficam os mesmos obrigados ao uso do cartão de identidade fornecido pelos órgãos do Serviço de Identificação do Exército mediante a indenização de \$3000.

(Aviso n. 2.328, de — D.O. de 11-9-942).

— De conformidade com o art. 113 do decreto n. 8.887, de 2 de março de 1942, ficam os comandantes de Região Militar autorizados a criar, anexos aos corpos de tropa, os seguintes Núcleos de Preparação de Oficiais da Reserva:

Na 1.ª Região Militar: 3.º R. I., Niterói — Infantaria.

Na 3.ª Região Militar: 7.º R.I., Santa Maria — Infantaria; 5.º R.A.M.: Santa Maria — Artilharia; 1-9.º R.I., Rio Grande — Infantaria.

Na 4.ª Região Militar: 3.º B.C., Vitória — Infantaria.

Na 5.ª Região Militar: 14.º B.C.: Florianópolis — Infantaria.

Na 7.ª Região Militar: 15.º R.I., João Pessoa — Infantaria; 20.º B.C., Maceió — Infantaria; 29.º B. C., Fortaleza — Infantaria.

Na 8.ª Região Militar: 27.º B.C., Manaus — Infantaria.

Na 9.ª Região Militar: 16.º B.C., Cuiabá — Infantaria.

Companhia de Nickel do Brasil

Jazidas: Liberdade-E. F. Sul de Minas -- MINAS GERAES

End. Telegr.: **NICKEL - RIO**

Tel. 22-2967

Caixa Postal 2111

Rua Rodrigo Silva, 34-A - 1.º Andar

RIO DE JANEIRO

**ADMINISTRAÇÃO DE BENS
COMPRA E VENDA DE IMOVEIS**

F. R. DE AQUINO & CIA. LTDA.
PROCURADORES

•
MATRIZ:

**AVENIDA RIO BRANCO, 91 - 6.º ANDAR
TELEFONE 23-1830 (REDE PARTICULAR)**

•
FILIAL:

**RUA 15 DE NOVEMBRO, 244 - 4.º ANDAR
SÃO PAULO:**

•
AGÊNCIAS:

**AV. ATLANTICA, 554-B—RIO DE JANEIRO
TEL.: 27-7313**

**RUA VISC. RIO BRANCO, 425 - SALA 3
NITERÓI — TELEFONE: 2282**

O curso preliminar previsto no Regulamento dos C. P. O. R. será reduzido a duas semanas. O curso abrangerá os programas regulamentares mas terá duração seguinte: 2 períodos de 6 meses cada um; instrução três vezes por semana e aos domingos; doze horas semanais. Um mês de férias. Os comandantes de corpos serão os diretores do curso. As condições de matrícula são as constantes do Regulamento dos C.P.O.R. O início dos cursos deve ser feito dentro de um mês após a publicação deste aviso.

(Aviso n. 2.342, de 11 — D.O. de 14-9-942).

— Torno extensivo a todos os C.P.O.R. os períodos de instrução fixados no Aviso n. 2.342, de 11 do corrente. O período de férias fica reduzido também para um mês e o curso preliminar para duas semanas.

(Aviso n. 2.582, de 14 — D. O. de 16-9-942).

CERTIDÃO DE NASCIMENTO — (Inteiro teor)

— Para maior precisão do respectivo registro, a certidão de nascimento exigida para fins de matrícula nos estabelecimentos de ensino militar deve ser a de inteiro teor (de verbo ad verbum).

Aviso n. 2.210, de 27 — D.O. de 19-8-942).

CHEFIA DO SERVIÇO DE SAUDE (Fernando de Noronha).

A chefia do Serviço de Saude do Departamento Mixto da Guarnição de Fernando de Noronha é exercida por tenente-coronel médico ou major médico.

(Aviso n. 2.394, de 15 — D.O. de 17-9-942).

COMPANHIA IND. DE FRONTEIRA (Criação)

Fica criada, a partir da presente data, com sede em Amapá (Estado do Pará), a 4.^a Companhia Independentes de Fronteira, com efetivo a ser fixado por ato do Ministro de Estado da Guerra.

(Decreto-Lei n. 4.591, de 17-8-42 — D.O. de 10-9-942).

O efetivo da 4.^a Companhia Independente de Fronteira, com sede em Amapá (Estado do Pará), criada por decreto-lei número 4.591, de 17 de agosto de 1942 ("Diário Oficial" de 10-9-942), é o previsto no quadro n. 4 dos efetivos tipos aprovados por Aviso n. 4.527 — Quad. 39, de 16 de dezembro de 1940.

(Aviso n. 2.403, de 15 — D. O. de 17-9-942).

COMPANHIA IND. DE FRONTEIRA (Iguassú).

— Em solução ao ofício n. 351, de 23-6-42, do comandante da 1.^a Companhia Independente de Fronteira (Foz de Iguassú) e baseado no parecer da Diretoria de Saude do Exército, torno extensivas à guarnição da Foz do Iguassú as vantagens estabelecidas no aviso n. 433, de 6-8-37, não incluindo entre os beneficiados os elementos recrutados no município de Foz do Iguassú, a menos que, mediante inquérito sanitário de origem, fique exuberantemente provado ter sido o paludismo adquirido durante e em consequência do serviço.

(Aviso n. 2.174, de 21 — D.O. em 24-8-942).

CONVOCAÇÃO DE RESERVISTAS (Autorização)

E' autorizado o Comando da 5.^a Região Militar a convocar, para incorporação no 5.^o Batalhão de Engenharia, os reservistas de 1.^a categoria pertencentes à disponibilidade da arma, nos termos do decreto-lei n. 4.247, de 8 de abril último, residentes no território da Região, abrindo o voluntariado e permitindo o alistamento de reservistas de 2.^a e 3.^a categorias, para o preenchimento dos claros restantes, tudo na forma da Lei do Serviço Militar (condições de alistamento).

(Aviso n. 2.224, de 29-8 — D.O. de 1-9-942)

T. JANÉR & CIA.

Fornecedores de "A DEFESA NACIONAL"

GRANDE STOCK DE:

PAPEL PARA REVISTAS, Nacional e Estrangeiro

Matriz:

RIO DE JANEIRO

Rua Beneditinos, 17

Telefone 23-2064

Filial:

SÃO PAULO

Rua Dr. Falcão Filho, 56-12.º

Telefone 3-5116

Agentes nos Estados

Endereço Telegrafico "JANER"

FONSECA, ALMEIDA & CO. LTA.

IMPORTADORES E EXPORTADORES

**Ferro - Aço - Metais - Ferragens - Tintas - Vernizes -
Oleos - Lubrificantes - Cimento - Tubos - Gaxetas -
• Correias - Maçames Etc.**

Material para Estradas de Ferro, Oficinas e Construção Naval

TELEFONE 23-1760

CAIXA DO CORREIO N. 422

End. Electr. "CALDERON"

ARMAZÉM E ESCRITÓRIO

RUA 1.º DE MARÇO, 112

Deposito: Rua Sto. Christo n.º 54-56

RIO DE JANEIRO

CURSO DE EMERGÊNCIA DE MEDICINA MILITAR (Instrução).

Resolve, de acordo com o artigo 7.º do decreto n. 10.344, de 23 de agosto do corrente ano, aprovar as Instruções Especiais, reguladoras do estágio para os médicos civis menores de trinta e cinco anos (35) de idade, que concluíram o Curso de Emergência de Medicina Militar.

(Aviso n. 3.728, de 17 — D.O. de 18-9-942).

CURSO DE EMERGÊNCIA DE ODONTOLOGIA (Funcionamento)

Atendendo ao que expõe o diretor de Saúde do Exército, em ofício número 1.535, de 6 do corrente, autorizo o funcionamento nesta capital, de uma só turma do Curso de Emergência de Odontologia para Dentistas Civis. Autorizo, igualmente, o seu funcionamento nos demais Estados, desde que tais Cursos sejam organizados pela Diretoria de Saúde do Exército.

(Aviso n. 2.164, de 19 — D. . de 21-8-942)

CURSO DE FORMAÇÃO DE GRADUADOS (Funcionamento)

E' mandado funcionar, desde já, no Distrito de Defesa de Costa e nas sedes dos Comandos de Grandes Unidades o Curso de Formação de Graduados (sargentos e cabos) instituído por Aviso n. 2.201 de 26-8-12.

(Aviso n. 2.287, de 4 — D.O. de 9-9-942).

Os cursos regimentais de formação de graduados (sargentos e cabos de fileira, especialistas e artífices) e soldados (especialistas) devem funcionar, ainda no corrente ano, em novo turno, reiniciando-se, desde já (1.ª e 3.ª zonas) ou logo após o término do turno anterior (2.ª zona), visando o preparo e formação de novas e numerosas turmas de graduados (sargentos e cabos) e de soldados necessários ao recompletamento dos efetivos em todos os corpos de tropas ora existentes, computados os claros sobre o efetivo-tipo já atingido ou por atingir, na conformidade do dec. lei n. 4.237, de 8 de abril transato.

O recrutamento de candidatos à matrícula nesses cursos processar-se-á, por seleção (normal) no contingente de reservistas alistados ou convocados para o serviço ativo nos termos do dec.-lei acima citado.

Tais cursos funcionarão segundo o estabelecido, para cada um, no R. I. Q. T., normas e diretrizes regionais que serviram para o corrente ano de instrução, intensificados os trabalhos, e dando-se-lhes o cunho essencialmente objetivo e prático, visando realizá-los com menor duração.

(Aviso n. 2.200, de 26 — D. O. de 28-8-942).

— E' instituído nas sedes das Regiões Militares, o Curso Regional de Formação de Graduados (sargentos e cabos) e soldados de fileira e especialistas, de arma de infantaria, destinados aos corpos de tropa pertencentes à respectiva Região, com recrutamento de candidatos na reserva (2.ª e 3.ª categorias), mediante o alistamento, satisfeitas as condições de conduta, saúde e idade fixadas por lei para o alistamento voluntário.

O funcionamento do Curso obedecerá o estabelecido para o seu análogo regimental, devendo o diretor, instrutores e monitores ser fornecidos pelo corpo (ou corpos) de tropa da sede da Região.

Os candidatos matriculados no Curso, voluntários alistados por um ano em corpo de tropa da guarnição local, são nele considerados excedentes, em destino, alunos (praças) do Curso Regional de Formação.

O Estado Maior do Exército baixará com urgência, instruções regulando a execução do presente aviso.

(Aviso n. 2.201, de 26 — D. O. de 28-8-942).

METALLURGIA

L. B. Almeida & Cia.

CASA FUNDADA EM 1881

Fabrica de Cofres e Fogões PROGRESSO
IMPORTAÇÃO - EXPORTAÇÃO

Cofres á prova de fogo. Portas de aço ondulado. Fogões económicos a Lenha, Carvão e Gaz. Fundição de Ferro, Bronze e Alumínio. Depósito de Ferro e Chapa de qualquer bitola, Vigas de Aço para Construções. Seção Galvanoplastica de Nickel, Prata, Cobre e CHROMO. Artigos Odontologicos e Cadeiras para Barbeiro e Dentista, (Marca Patenteada), Pintura a Duco em qualquer côr. —

ESCRITORIOS E OFFICINAS:

RUA DOS ARCOS, 28 a 42

End. Telegraphico: COFRE

Telephones: Arm. 22-0409

Codigos: Ribeiro e

" 22-1718

Samuel

Officinas 42-4675

Escr. 22-1842

Casa Oscar Machado

Armando Vieira & Cia.

JOIAS

RELOGIOS

E OBJÉTOS DE ARTE

RUA OUVIDOR, 101-103

Télefone: 23-4501 :: RIO DE JANEIRO

CURSO DE PREPARAÇÃO DE OFICIAIS DA RESERVA (Denominação)

Passam a ter nova estrutura em quatro tipos diferentes os efetivos de organização dos Centros de Preparação de Oficiais da Reserva (C. P. O. R.). Os C. P. O. R. serão doravante designados pelos nomes das cidades que lhe servem de sede. O da Capital Federal será do Tipo I; os de São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte e Curitiba, do Tipo II; o Recife, do Tipo III e os da Baía, Juiz de Fora, Belem e Campa Grande, do Tipo IV. Funcionará em Juiz de Fora um Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva (N. P. O. R.) anexo ao IV-4.º R. C. D. e outro em Itajubá anexo ao 1.º Batalhão de Pontoneiros. (Aviso n. 2.160, de 19 — D. O. de 21-8-942).

DECLARAÇÃO DO ESTADO DE GUERRA (Altera a Constituição)

E' declarado o Estado de Guerra em todo o território nacional.

Na vigência do estado de guerra deixam de vigorar desde já as seguintes partes da Constituição:

Art. 122, ns. 2, 6, 8, 9, 10, 11, 14 e 16; Art. 122, n. 13, no que diz respeito à retroatividade da lei penal; Art. 122, n. 15, no que concerne ao direito de manifestação de pensamento; Art. 136, final da alínea; Art. 137; Art. 138; Art. 156, letras *c* e *h*; Art. 175, primeira parte, no que concerne ao curso do prazo.

— Ressalvados os atos decorrentes de delegação para a execução do estado de emergência declarado no artigo 166 da Constituição, só o Presidente da República tem o poder de, diretamente ou por delegação expressa, praticar atos fundados nesta lei.

(Decreto n. 10.358, de 31-8 — D. O. de 1-9-942).

DESTACAMENTO DE FERNANDO NORONHA (Contingente)

O efetivo do contingente do Quartel General do Destacamento de Fernando de Noronha, fica aumentado das seguintes praças: Primeiro sargento, 1; Segundos sargentos, 2; Terceiro sargento, 1; Cabos, 2; Soma, 6. (Aviso n. 2.389, de 14 — D. O. de 16-9-942).

DEVER MILITAR (Quitação).

I — Em face da legislação vigente, relativa ao dever militar, só existem dois conceitos: o de *quitação* e o de *isenção* do serviço militar.

A *quitação* é atual (reservista) ou definitiva em tempo de paz (do maior de 44 anos de idade).

A *isenção* é temporária ou definitiva.

Não é lícito o emprego de qualquer outro termo ou expressão diferente.

II — Já foram aprovados os certificados de reservista e de isenção definitiva do serviço militar em tempo de paz.

III — Aprovo agora o modelo de certificado de *quitação* definitiva do serviço militar em tempo de paz, para ser fornecido aos brasileiros maiores de 44 anos de idade, que não receberam certificado de reservista e não sejam insubmissos ou desertores.

Para efeito de preenchimento, de verificação e de controle da distribuição, deverão ser observadas as prescrições referentes aos demais certificados, isto é, serão numerados e levarão o retrato e a impressão digital. A distribuição será feita de acordo com o aviso n. 733, de 28 de outubro de 1937, publicado no Boletim do Exército n. 60, de 31 do mesmo mês e ano, pag. 983. A remuneração será feita na Imprensa Militar, no ato de sua confecção.

(Aviso n. 1.322, de 9 — D. O. de 10-9-942).

**THE
RIO DE JANEIRO
FLOUR MILLS
AND GRANARIES
LIMITED.**



MOINHO INGLEZ

RIO DE JANEIRO

ESCRITÓRIOS

RUA DA QUITANDA, 108-110

TEL. 23-2130

**MOINHOS DE TRIGO
FÁBRICAS DE TECIDOS**

AV. RODRIGUES ALVES (CAES DO PORTO)

TEL. 43-2910

CAIXAS POSTAIS

486-740

TELEGRAMAS

"EPIDERMIS" — RIO

FARINHAS "BUDA-NACIONAL" — "NACIONAL" — "SOBERANA"
FARELO — FARELINHO — REMOIDO — TRIGUILHO — CALVAC
TÊCIDOS DE ALGODÃO — FIOS — LONAS E ENCERADOS



EFETIVO-TIPO (Autorização).

E' autorizado o comando da 1.^a Região Militar a dar efetivo-tipo ao 2.^o Regimento de Infantaria.

(Aviso n. 1.344, de 11 — D. O. de 14-9-942).

— E' mandado dar efetivo-tipo ao 6.^o Batalhão de Caçadores, com sede provisória em Iguapé (E. de São Paulo).

(Aviso n. 2.369, de 12 — D. O. de 15-9-942).

— E' mandado dar efetivo ao terceiro batalhão do 3.^o Regimento de Infantaria (III-3.^o R.I.), com sede provisória em Campos — E. do Rio de Janeiro.

(Aviso n. 2.343, de 11 — D. O. de 14-9-942).

— E' autorizado o comando da 5.^a Região Militar a dar efetivo-tipo a todas as unidades da arma de infantaria da respectiva região, desde que disponham de instalações, convocando-se as classes pertencentes à disponibilidade para o Exército ativo afim de preencher os claros decorrentes do acréscimo de efetivo.

(Aviso n. 2.278, de 31-8 — D. O. de 3-9-942)

EMPREGO DA ARTILHARIA (Regulamento)

Fica aprovado o Regulamento n. 13 para o Emprego da Artilharia (Campanha) — Primeira Parte — Título XIV — Descrição e nomenclatura dos aparelhos topográficos e de observação, cujo autógrafo, assinado pelo General de Divisão Eurico Gaspar Dutra, Ministro de Estado da Guerra, será arquivado na Diretoria do Expediente da Secretaria da Presidência da República.

(Decreto n. 10.450, de 15 — D. O. de 17-9-942).

ENSINO MILITAR (Professores)

As disciplinas de conhecimentos gerais, não essencialmente militares, dos estabelecimentos de ensino do Ministério da Guerra, durante o impedimento do respectivo professor ou, na falta deste, até o provimento regular da cadeira na forma do paragrafo 1.^o do art. 2.^o do decreto-lei n. 103, de 23 de dezembro de 1937, alterado pelo art. 6.^o do decreto-lei n. 2.555, de 3 de setembro de 1940, poderão ser regidas por funcionário público civil ou por militar da ativa, da reserva ou reformado, não pertencente ao magistério militar, designados por decreto do Presidente da República.

— O funcionário designado na forma deste artigo perceberá uma gratificação correspondente à diferença entre o vencimento ou remuneração de seu cargo e o vencimento atribuído aos professores de estabelecimento civil congêneres. E o militar perceberá a gratificação que for fixada pelo Ministro da Guerra, ressalvado, em ambos os casos, o direito à percepção de gratificação por turmas suplementares, na forma da legislação em vigor, para aquele Ministério.

— A despesa com o pagamento das gratificações a que se refere o artigo anterior correrá no corrente exercício, a conta da Verba 1. — Pessoal, Consignação III — Vantagens, subconsignação 21 — Gratificações Militares, 15 — Diretoria de Fundos do Exército, J — Gratificações, etc., do vigente orçamento da Guerra.

(Dec.-Lei n. 4.623, de 26 — D.O. de 28-8-942).

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA — (Curso de monitores)

Na Escola de Educação Física funcionará ainda este ano novo Curso de Monitores para sargentos e cabos do Exército.

2 — O Curso funcionará de 5 de outubro a 5 de março com o efetivo de 34 alunos.

LOGISTICA

A arte de guerrear compreende três importantes ramos: a **Estrategia**, que é o planejamento das operações; a **Tática**, que é a execução desses planos; e a **Logística**, que fornece o que a **Estrategia** e a **Logística** exigem para o magno fim em vista — derrotar o inimigo.

A **Logística** providencia, pois, que tudo o que as Forças Armadas necessitam para a sua patriótica tarefa esteja pronto, na quantidade necessária, no local adequado e no momento fixado.

Ampliando o campo de ação da **Logística**, a guerra moderna, **total**, exige que aquela Ciência seja aplicada, tanto às atividades militares como às Civis.

Não devemos esquecer que, no conflito atual, o Brasil, graças aos seus poderosos recursos econômicos e ao espírito do seu povo, constitui uma das frentes vitais das Nações Unidas.

O papel que cada brasileiro representa no ramo da **Logística** é, por conseguinte, importantíssimo. Que cada um de nós formule sua consciência as perguntas seguintes:

Poderei melhorar o trabalho de que estou encarregado ?

Poderei executá-lo em menos tempo e com menor dispêndio ?

Quando uma Nação está em guerra, poupar tempo, dinheiro e energia corresponde a poupar vidas.

Hoje, a **Logística**, no seu sentido mais amplo, é a Ciência de manter a nossa existência, durante a guerra, até que a vitória final seja conquistada, a Civilização salva e a Paz reine outra vez no Mundo.

CONTRIBUIÇÃO DA
SERVIÇOS HOLLERITH, S. A.
INSTITUTO BRASILEIRO DE MECANISAÇÃO

3 — O quadro de administração e de Instrutores da Escola ficará reduzido ao seguinte: 1 Capitão, Comandante; 1 Capitão ou 1.º Tenente, secretário; 1 capitão ou 1.º tenente, médico; 1 primeiro tenente, intendente; 10 sargentos, monitores.

Contingente (1 1.º sargento desenhista, 1 2.º sargento enfermeiro, 1 3.º sargento enfermeiro, 3 soldados padoleiros e 6 soldados).

Pessoal civil: o Capitão comandante será o instrutor chefe do Curso.

4 — As matrículas serão feitas de conformidade com a letra b do art. 6 do Regulamento da Escola e de acordo com o quadro abaixo:

1.ª Região Militar: Infantaria, 7; Cavalaria, 2; Artilharia, 6; Engenharia, 1. — 2.ª Região Militar: Infantaria, 5; Cavalaria, 2; Artilharia, 3. — 4.ª Região Militar: Infantaria, 5; Cavalaria, 2; Artilharia, 1; Engenharia, 1.

(Aviso n. 2.289, de 4 — D. O. de 9-9-1942).

ESCOLA MILITAR (Abreviação do curso)

De acordo com o art. 59 da Lei do Ensino autorizo à Inspectoria Geral do Ensino a encerrar o atual 3.º ano da Escola Militar a 31 de outubro. A promoção de ano se fará por média. O 4.º ano compreenderá o período de 3 de novembro a 15 de março. Só haverá exames para os alunos que não obtiverem média.

Aprovo o programa de abreviação do curso apresentado pela Inspectoria Geral do Ensino.

(Aviso n. 2.329, de 9 — D. O. de 11-9-1942).

ESCOLAS PREPARATÓRIAS DE CADETES (Instruções para matrículas)

O "Diário Oficial de 29-8-1942, publica as Instruções para o Concurso de admissão na Escola Preparatória de Cadetes, em 1943, aprovadas pela Portaria n. 3.613, de 26-8-1942.

ESCOLAS PREPARATÓRIAS (Exame de admissão)

No exame de admissão às escolas preparatórias só serão aceitos, em 1943, candidatos ao curso de revisão, isto é, candidatos com o curso secundário fundamental pelo regime anterior à lei n. 4.244, de 9 de abril de 1942.

(Aviso n. 2.244, de 31-8 — D.O. de 2-9-1942).

ESCOLA DE TRANSMISSÕES (Cursos)

Os Cursos da Escola de Transmissões a serem iniciados a 15 de outubro terão os seguintes números de matrículas: Curso B: 30; Curso B 1 (Infantaria, 5; Cavalaria, 55; Artilharia, 25): 85; Curso C: 50. Total, 165. A inscrição dos candidatos às provas de seleção intelectual deve ser feita por designação dos respectivos comandantes de unidade.

(Aviso n. 2.327, de 9 — D. O. de 11-9-1942).

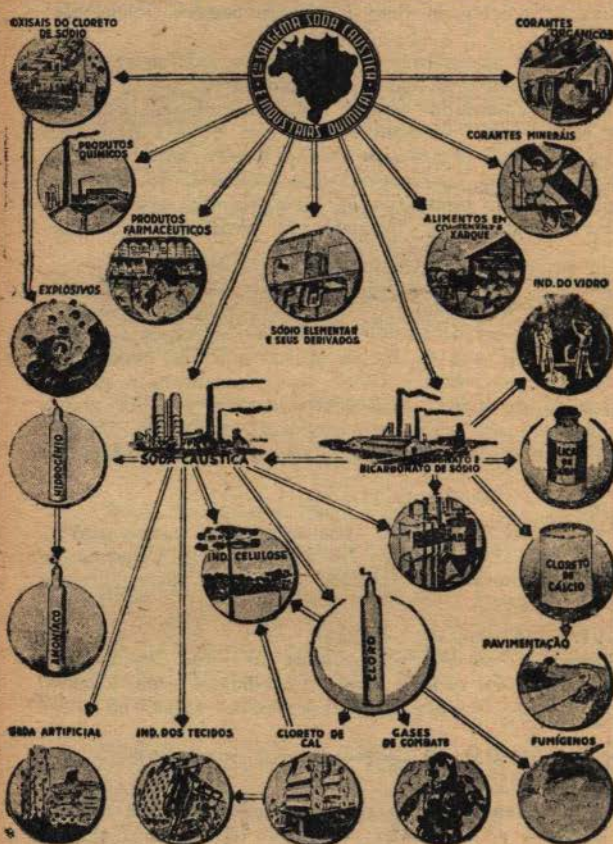
ESTAGIO (Médicos).

I — Até ulterior deliberação, os comandantes de Região Militar providenciarão no sentido de que os estágios para a formação de médicos, previstos no art. 2.º, letra e) do decreto-lei n. 4.271, de 17 de abril de 1942, se sucedam ininterruptamente, observadas, no mais, todas as disposições e instruções em vigor.

II — Cada estágio não poderá funcionar com menos de dez e mais de oitenta médicos civis.

III — Na falta de manobras ou exercícios a que alude a letra d) da 3.ª Parte — Disposições Gerais das Instruções aprovadas pelo aviso n. 560 — Inst. 1, de 28 de fevereiro de 1941, os comandantes de Região Militar deverão promover exercícios de campo extraordinários.

APLICAÇÕES DO SALGEMA



© COMPANHIA SALGEMA-SODA CAUSTICA E INDUSTRIAS QUIMICAS

CELEIRO DAS FAMILIAS

Líquidos e
Comestíveis Fino
de 1.^a Qualidade

Rajão & Cia

R. Senador Furtado,

Telefone 28-123

RIO DE JANEIRO

Underberg

Aperitivo estomacal, tel-o em casa, é essencial

IV — Os cursos de emergência de medicina militar só poderão funcionar estando completa a lotação máxima que pode comportar tais estágios. (Aviso n. 2.323, de 9 — D. O. de 11-9-942).

ESTATUTO DOS FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS (Suspensão de artigos).

Fica suspensa, enquanto durar o estado de guerra, a que se refere o decreto n. 10.358, de 31 de agosto de 1942, a vigência dos seguintes artigos do Estatuto dos Funcionários Públicos Cíveis da União (decreto-lei n. 1.713, de 28 de outubro de 1939): Artigos: 80, parágrafo 2.º; 113; 145; 147; 151, alínea VIII; 180 e parágrafo único; 191; 192; 197, alínea b; 246, parágrafo único.

O artigo 165 do referido Estatuto vigorará com a seguinte redação:

Artigo 165 — Quando licenciado para tratamento de saúde, o funcionário receberá o vencimento e a remuneração, caso a licença se prolongue até seis meses; excedendo este prazo, sofrerá o desconto de um terço, do sétimo até o décimo segundo mês, e de dois terços nos doze meses seguintes.

Em casos especiais, a juízo dos chefes de serviço, poderão ser concedidas férias, até 20 dias consecutivos, a funcionários e extranumerários contratados e mensalistas, respeitados, sempre, o interesse e a conveniência do serviço.

A autoridade que houver concedido as férias poderá, a qualquer momento, determinar a sua interrupção e a volta imediata do funcionário ou extranumerário ao serviço.

Ficam os interventores federais nos Estados, os Prefeitos do Distrito Federal e Municípios e os Governadores nos Territórios, autorizados a adotar, nas respectivas jurisdições, medidas idênticas.

(Decreto-Lei n. 4.93, de 15 — D.O. de 18-9-942).

ABRIGAÇÃO DE ITAJUBÁ (Contingente)

O efetivo do Contingente da Fábrica de Itajubá, constante do quadro número 23, dos aprovados para organização do Exército no corrente ano, por aviso n. 3.677 — Quad. 63, de 11 de dezembro de 1941, fica aumentado dos seguintes elementos: Segundo sargento, 1; Cabos, 2; Soldados, 18. Soma, 21.

(Aviso n. 2.319, de 9 — D. O. de 11-9-942).

FAMÍLIAS DE OFICIAIS (Casa de saúde).

Em face das dificuldades e dos preços exorbitantes hoje em dia nos Hospitais e Casas de Saúde civis e, tendo em vista, proporcionar à Família do oficial os meios de que dispõe a ciência médica no estado atual de desenvolvimento, assegurando a assistência médica e o amparo a todos os membros de suas famílias, dentro do espírito de cooperativismo, determino, conforme sugere a Diretoria de Saúde do Exército, a organização de uma comissão mista de oficiais, para estudar e apresentar a respeito um ante-projeto.

Essa comissão sob a presidência de um oficial superior do Corpo de Saúde, deverá ser constituída de dois oficiais médicos, um oficial (major) de uma das armas e um oficial intendente.

As Diretorias de Saúde, Intendência e a Secretaria Geral do Ministério da Guerra designem os oficiais respectivos, de modo a que os estudos sejam iniciados em setembro próximo.

(Aviso n. 2.242, de 31-8 — D.O. de 2-9-942).

FICHA DE PROMOÇÃO DE SARGENTOS (Organização)

Na organização da ficha de promoção de sargentos de que trata o Aviso número 1.198, de 28 de março de 1940, deve ser acrescido um novo tí-

Departamento Militar da A CAPITAL

Instalado com todo conforto
acho-se aparelhado para bem
servir aos Srs. Officiaes do
Exercito e da Marinha.
Uniformes e todos os artigos
Militares.
Confeccão e material de 1.^o
ordem.
Perfeita direcção technica.
Vendas a vista ou a CREDITO
pelo "SORTEARIO"

A CAPITAL

é a unica casa que tem
patente de sorteios semana-
es de quitação de debitos.

AVENIDA, ESQ OUIDOR



ORNSTEIN & Co.

Exportadores de café e
e Fabricantes de Produtos
Químicos

—:—

End. Teleg.: ORNSTEIN - RIO

TELEFONES :

G rencia - 23-7641-23-2338

Secção de Café - 23-2639

Escritório - 23-2347

Armazem - 43-0125

CAIXA POSTAL 757

Rua São Pedro, 9-3.º and.
RIO DE JANEIRO

Telegramas : MAYRINK

Caixa Postal : 309

Telefone : 23-1600

(Rêde particular)

CASA MAYRINK VEIGA S/A

Fundada em 1864

17, Rua Mayrink Veiga, 21

Depósito : RUA DA ALEGRIA, 134

REPRESENTAÇÕES DE FÁBRICAS ESTRANGEIRAS

Matérias Primas — Metais — Maquinas — Material de Aviação —
Armamentos — Artigos de Eletricidade — Produtos Químicos —
Radiotelegrafia e Radiotelegrafia — Instalações Frigoríficas, Elétricas
e Hidráulicas — Material Ferroviario em Geral.

CONSTRUÇÃO NAVAL :

ESTALEIROS A PRAIA DO CAJÚ, 84 E 86

Fábrica de Barbantes "JACARÉ" : Rua da Alegria, 134

tulo: Contribuições de caráter técnico-profissional com coeficiente 2 (dois). Nela serão computados:

- Estágio e serviços de natureza técnico-militar, realizados com aproveitamentos;
- Trabalho e contribuições da mesma natureza, de utilidade real aprovados pelos órgãos competentes;
- Publicações diversas sobre assuntos militares, devidamente autorizadas. (Aviso n. 2.393, de 15 — D. O. de 17-9-942).

FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS (Convocados)

Fica alterada, como segue, a redação do artigo 1.º do decreto-lei n. 4.548, de 4 de agosto de 1942, revogadas as disposições em contrário:
 Art. 1.º — Os funcionários públicos, interinos em estágio probatório, efetivos ou em comissão e os extranumerários de qualquer modalidade, da União, dos Estados, dos Territórios, dos Municípios e da Prefeitura do Distrito Federal, quando convocados para o serviço ativo militar ou quais quer outros obrigatório por lei ou, no caso de aspirantes a oficial ou oficiais da Reserva, quando convocados também para estágios, serão considerados licenciados, sem prejuízo de quaisquer direitos ou vantagens, devendo optar pelo vencimento, remuneração ou salário a que tiver direito como funcionário ou extranumerário.
 (Decreto-Lei n. 4.644, de 2 — D.O. de 4-9-942).

GRUPOS MÓVEIS DE ARTILHARIA DE COSTA (Criação).

E' organizado, para instalação a partir de 1 de outubro do corrente ano, na 7.ª Região Militar, o 4.º Grupo Movel de Artilharia de Costa.
 E' organizado, para instalação a partir de 1 de outubro do corrente ano, na 7.ª Região Militar o 5.º Grupo Movel de Artilharia de Costa.
 (Decreto-Lei n. 4.672-73 de 9 — D.O. de 10-9-42).

IMPOSTO DO SELO (Lei).

— O "Diário Oficial" de 9-9-942, publica na integra o Decreto-Lei n. 4.655, de 3-9-942, que dispõe sobre o imposto do selo.

INSIGNIA DE COMANDO (aprova)

Aprovo a insignia de comande e o distintivo de praça, para a 1.ª Companhia Independente de Carros Leves.
 (Aviso n. 2.317, de — D. O. de 11-9-942).

LEGIÃO BRASILEIRA DE ASSISTÊNCIA (Relação de família)

Os comandos de Região Militar devem providenciar para que seja atendida a solicitação feita pela Legião Brasileira de Assistência, organizada sob o patrocínio e presidência da Sra. Darcy Vargas, no sentido de serem fornecidas à referida instituição relações rominais das praças convocadas ou mobilizadas, que não sejam funcionários públicos e cujas famílias necessitam auxilio.

Nessas relações devem figurar os nomes das pessoas da família e sua residência.

(Aviso n. 2.245, de 31-8 — D. O. de 2-9-942).

LICENCIAMENTO DE PRAÇAS (Adiamento)

1 — Fica proibido por um ano o licenciamento das praças do Exército. Esse prazo deve ser contado da data da conclusão do último tempo de serviço.

2 — Não se compreendem nesse adiamento as praças que completem a ida. de limite de permanência no serviço ativo e já contém 20 anos de serviço.

3 — Ficam revogados todos os avisos e notas anteriores que adiam o licenciamento de praças.

(Aviso n. 2.263, de 31-8. — D. O. de 3-9-942).

Companhia Estearina Paranaense S/A

FABRICAS DE

ESTEARINA — GLYCERINA — OLEÍNA
VELAS DE ESTEARINA E CÊRA — SABÃO E
===== SABONETES =====



Caixa Postal n.º 242 — End. Teleg. "ESTEARINA"

Avenida Simon Bolivar - Curityba
PARANÁ

MARMORES E GRANITOS
NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Marmoraria Carioca, Ltda.

FORNECEDORA DOS MARMORES
DO NOVO QUARTEL GENERAL



Escritório e Oficinas :

AV. SALVADOR DE SA', 18

TEL. 22-6515



RIO DE JANEIRO

MOBILIZAÇÃO GERAL — (Decreto).

E' nesta data ordenada a mobilização geral em todo o território nacional em virtude do Estado de Guerra declarado pelo decreto n. 10.358, de 31 de agosto de 1942.

Os reservistas das Forças Armadas aguardarão, para se apresentarem as suas corporações, ordem de chamada expedida pela autoridade competente. A partir da data deste decreto todos os brasileiros, natos e naturalizados, são obrigados, excepto os legalmente isentos, ao exercício do dever cívico da defesa nacional.

(Decreto n. 10.451, de 17 — D. O. de 18-9-42).

OBRAS DO MINISTÉRIO DA GUERRA (Medidas)

Ficam adotadas as seguintes medidas, visando a obtenção de um mais rápido andamento na execução das obras a cargo deste Ministério.

a) passam a ser da atribuição dos agentes diretores das Unidades Administrativas interessadas, o encargo e a responsabilidade das obras de reparos e conservação do edifício onde as mesmas funcionem e que não impliquem em alteração da planta ou da estrutura respectiva. As obras assim executadas serão objeto de relatório sucinto que os agentes diretores enviarão ao Comando da Região, para arquivo no Serviço de Engenharia Regional. A Diretoria de Engenharia apresentará oportunamente um plano para a distribuição equitativa dos recursos para essas obras. Por ocasião das substituições dos agentes diretores, em caráter definitivo, será lavrado um termo, com a presença, se necessário, de um oficial do Serviço de Engenharia Regional, relatando o estado geral do edifício em que funcionam as Unidades Administrativas respectivas, sendo uma das vias do referido termo encaminhada à Diretoria de Engenharia.

b) Passa a ser da atribuição das Chefias dos Serviços de Engenharia Regionais a competência para aprovação dos projetos e orçamentos até o limite de 100:000\$ (cem cortos de réis) e que se refiram a obras de reconstruções, ampliações e reparos, como, também, a obras novas ou construções completas na padronizadas pela Diretoria de Engenharia, tais como estrumeiras, pavilhões de baias, fossas, depósitos, etc. O início dessa obra será autorizado pelo comandante da Região, dentro dos recursos que lhe forem distribuídos. Ao chefe do Serviço de Engenharia caberá, ainda, na data do início das mesmas obras, fazer a devida comunicação à Diretoria de Engenharia, especificando a sua natureza e orçamento, bem como, se for o caso, a importância do ajuste para a construção e o nome do empreiteiro, e, após a conclusão daquelas, remeter à mesma Diretoria um relatório sucinto dos trabalhos executados;

c) a Diretoria de Engenharia apresentará, oportunamente, uma proposta para a admissão de pessoal técnico e de escritório, a ser admitido nos Serviços de Engenharia Regionais, onde se fizer necessário, a partir do próximo ano, para a elaboração dos estudos, projetos e orçamentos das obras respectivas, dentro dos recursos orçamentários que forem previstos pela verba própria;

d) a critério dos Comandos de Região, serão estas divididas em zonas de modo que, em cada uma se agrupe um certo número de construções, atribuindo-se cada zona aos cuidados de um oficial adjunto do Serviço de Engenharia, que se encarregará da fiscalização das obras desse grupo.

(Aviso n. 2.264, de 31-8 — D.O. de 3-9-42).

OFICIAIS REFORMADOS CONVOCADOS (Vencimentos)

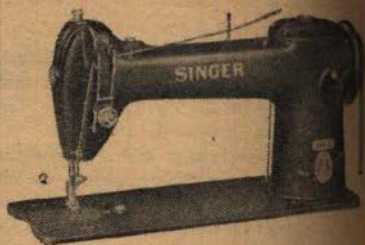
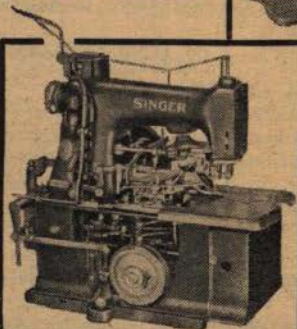
Os oficiais gerais transferidos para a reserva com direito ao acréscimo de vencimentos (5%), a que se refere o decreto-lei n. 3.364, de 21 de ju-

Para o Fabrico de UNIFORMES E MACACÕES

2 modelos Singer especiais

SINGER 99 W 110 ▶

Máquina de ca-
sear. Regulavel.
Sólida. Veloz.
Faz casas de di-
ferentes tipos e
formatos.



▲

SINGER 245-2 — Especial
para tecidos pesados
grossos, para fardas
"overalls". Construção
muito sólida. Manejo
muito simples. Costura
regulavel.

DEPARTAMENTO TÉCNICO INDUSTRIAL

SINGER SEWING MACHINE COMPANY

RIO — SÃO PAULO — RECIFE — PORTO ALEGRE

Confitaria Colombo

AS MAIS DELICADAS IGUARIAS
EM UM
AMBIENTE DA MAIOR DISTINÇÃO



A Colombo

caracteriza a vida
social do Rio de
Janeiro na sua expressão de fina e re-
quintada elegância. Os seus salões de
almoço, chás, lunches e "cocktails" aco-
lhem diariamente o escol da sociedade
 Carioca para os seus prazeres do espírito, do coração e do paladar,

Serviço irrepreensível, a domicílio, de
banquetes e recepções

Gonçalves Dias, 32/34

22-7650

Café, Leitaria e Bilhares

Braz de Pina

J. GONÇALVES & ALMEIDA

Varejo de frutas estrangeiras e
nacionais

Depósito de gelo

Estrada Braz de Pina, 239-A

TELEFONE:

30-2274

rho do ano findo, não perceberão a referida vantagem quando convocados para o serviço ativo.

— No caso previsto no item IV da portaria n. 3.196, de 15 de abril do corrente ano, o oficial da reserva, convocado para o serviço ativo do Exército tem direito aos vencimentos que lhe competem, a partir da data da publicação, no boletim da Região Militar, de sua classificação, e, não havendo claro na Região Militar, da data de sua adição.

Na hipótese figurada no item VII da sobredita portaria, o oficial da reserva, convocado para o serviço ativo, tem direito aos seus vencimentos, a partir da data da publicação no boletim da Região Militar ou Diretoria interessada, do ato de sua classificação ou nomeação.

(Avisos n. 2.161 e 1.162, de 19 — D.O. de 21-8-942).

DEM DO MERITO MILITAR (Nomeação).

— Foi nomeado para o Quadro Ordinário do Corpo de Graduados Especiais, com o grau de "Grã Cruz", o General de Divisão Agustin P. Justo, do Exército da República Argentina e General honorário do Exército Brasileiro.

(Decreto de 8 — D. O. de 10-9-942).

SSOAL PARA OBRAS (Admissão)

O artigo 39 do decreto-lei n. 240, de 4 de fevereiro de 1938, a vigorar com seguinte redação:

"Art. 39 — O Chefe da repartição ou serviço poderá admitir pessoal para obras desde que o salário diário não exceda de 30\$000, o ministro de Estado, quando o salário for superior a 30\$000 e não ultrapassar 60\$000, e o Presidente da República quando o salário for superior a 60\$000 até 100\$.

DRO DE EFETIVOS DE OFICIAIS (Aumento)

Os Quadros e Efetivos de Oficiais da Organização Provisória, sancionados pelo decreto n. 24.284, de 24 de maio de 1934, são, nesta data, aumentados com mais o seguinte pessoal, para preencher as vagas existentes nos quadros respectivos, motivadas com a criação de novas Unidades:

OFICIAIS DAS ARMAS

Postos	Inf.	Cav.	Art.	Eng.
Capitães	65	10	25	—
Majores	20	8	20	4
Totais	85	18	45	4

(Decreto-Lei n. 4.671 de 9 — D.O. de 10-9-942).

DRO DO SERVIÇO DE SAUDE (Ingresso).

O "Diário Oficial" de 31-8-942, publica o Decreto n. 10.344, de 28-8-942, na íntegra, que regula o ingresso aos Quadros do Serviço de Saude dos médicos civis que concluíram os Cursos de Emergência de Medicina Militar organizados pela Diretoria de Saude do Exército.

DRO DO SERVIÇO DE SAUDE DA RESERVA (Inclusão)

Poderão ser incluídos nos Quadros do Serviço de Saude da Reserva de 2.^a Classe ou do Exército de 2.^a Linha, em função da idade atual e dos respectivos postos, os médicos e farmacêuticos que fizeram parte da Missão Médica Especial enviada à França, por ocasião da guerra de 1914-1918.

A inclusão será feita por decreto de nomeação nos postos em que foram comissionados aqueles médicos e farmacêuticos, mediante requerimento dos interessados dirigido ao Ministro da Guerra.

(Decreto-Lei n. 4.622, de 26 — D. O. de 28-8-42).

Padaria e Confeitaria Petropolis

Confecção diaria de pão de trigo
e de centeio' pão doce, bolos
de mel e de hervas e biscoitos.

Aceita encomendas para festas familiares

PREÇOS ACCESSIVEIS

AV. 15 DE NOVEMBRO, 381 -- FONE 3007

PETRÓPOLIS

Padaria e Confeitaria "BOA-UNIÃO"

Especialidade em pão Alemão, Francês e Petrópolis — Deliciosas
bolachinhas "Boa-União" — Doces secos e de todas as qualidades
e tudo mais concernente a este ramo de negocio

ROMAR & VILLAR

Estrada Braz de Pina, 287 - Fone 30-2353

Penha — Rio de Janeiro

CASA DOS LOUREIROS

Louças, cristais, vidros, aluminio, objetos de fantasia e artigos para
presentes — Artigos Escolares — Completo sortimento em trens de
cosinha. Ferragens, tintas, materiais de construção e material elétrico

VENDAS A VAREJO

LOUREIRO & LIMA

Estrada Braz de Pina, 231-A — Tel. 30-2406 — Penha - Rio

ARMAZEM ESPERANÇA

Líquidos e Comestíveis de 1.^a qualidade — Conservas, Manteiga e
Vinhos finos Nacionais e Estrangeiros.

Antonio Silva Miranda

Rua das Missões, 154 - Tel. 30-2159 — Estação de Ramos - Rio

RESERVISTAS — (alistamento)

E' autorizado o alistamento voluntário de reservista de 2.^a e 3.^a categorias para o preenchimento de claros no efetivo das unidades, de preferência nas de nova organização.

(Aviso n. 2.185, de 24 — D.O. de 27-8-942).

SERVIÇO ODONTOLÓGICO (Reserva)

I — Os cirurgiões dentistas que, como extranumerários, forem admitidos para o serviço odontológico deste Ministério, devem ser considerados transferidos para a reserva do referido serviço, tendo em vista o disposto no art. 7.^o do decreto-lei n. 36, de 1937, com as graduações que tinham anteriormente às respectivas admissões, e, quando convocados para o serviço ativo ou mobilizados, serão aproveitados de acordo com as suas profissões.

II — Afim de serem feitas as devidas alterações, segundo a determinação do item I, a admissão do cirurgião dentista deve ser imediatamente comunicada à competente Circunscrição de Recrutamento, pelo comandante da unidade ou diretor do estabelecimento interessado.

III — Para o funcionamento dos gabinetes odontológicos, na falta de cirurgiões dentistas do Exército ou de pessoal extranumerário, os Comandantes de Região Militar devem aproveitar os reservistas convocados, de qualquer arma ou serviço, que sejam profissionais, diplomados por escola oficial ou reconhecida.

IV — Dever-se-á proceder com os farmacêuticos segundo a orientação traçada pelo item III, desde que os laboratórios e farmácias dos corpos e estabelecimentos militares de saúde exijam os serviços desses profissionais.

(Aviso n. 2.367, de 12 — D. O. de 15-9-942.)

SERVIÇO DE TRANSMISSÕES (Oficiais convocados).

Os segundos tenentes da reserva de 1.^a classe do Exército de 1.^a linha, convocados, de qualquer arma, que servem nos Serviços de Transmissões Regionais ficam equiparados, para os efeitos de permanência no serviço ativo até a idade-limite de 5 anos, aos atuais segundos tenentes de Engenharia da reserva de 1.^a classe, convocados, oriundos do quadro de radiotelegrafistas e aproveitados nessa especialidade, desde que satisfaçam às seguintes condições:

- a) servirem há mais de dois anos nos Serviços mencionados;
- b) forem julgados, pelo Comando da Região, em condições de prestar eficiente serviço na especialidade.

(Decreto-Lei n. 4.685), de 12 — D. O. de 15-9-942).

SOLIPEDES DO EXÉRCITO (Forrageamento)

O "Diário Oficial" de 10, publica, na íntegra, a Nota n. 3.649, de 1-9-942, que baixou as Instruções para o forrageamento dos solípedes do Exército.

TABELA DE FARDAMENTO (Reservistas convocados)

E' aprovada a tabela provisória anexa, para a distribuição de fardamento aos reservistas convocados.

Discrição — Número de peças por soldado ou cabo

Calçado:

Borzeguim de couro preto (par), 1; Coturno para praça de engenharia (par), 1; Cano de bota, para praça montada (par), 1; Perneira preta, para praça a pé (par), 1;

Roupa branca: Camisa de cretone, 2; Camiseta branca de algodão, 1; Cueca de cretone, 2; Lenço branco, 2; Meia de algodão (par), 2.

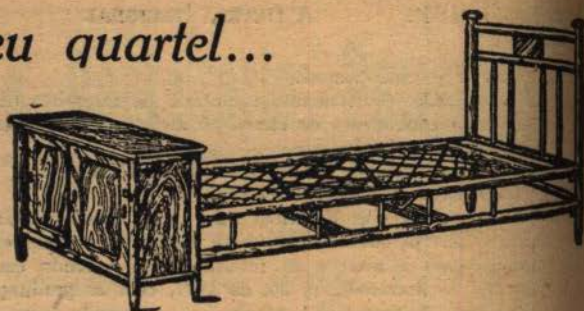
Roupa de cama: Cobertor de lã, 1.

Uniforme: Botões de massa preta (coleção), 1; Calção de brim verde oliva, 2; Calção de brim mescla azul, 1; Camisa de brim verde oliva, 2; Capacete comum, 1; Capote de brim v. o. impermeável para 7.^a e 8.^a R.

Para o seu quartel...

Prefira

a



CAMA PATENTE

LEGITIMA SÓ COM A *faixa azul!*

L. LISCIO & CIA.



CAMA PATENTE

RIO — RUA FIGUEIRA DE MELO, 307 — SÃO CRISTOVAM

RIO — Loja : Rua 7 de Setembro, 177
S. PAULO — Rua Rodolfo Miranda, 97
B. HORIZONTE — Rua Espírito Santo, 310
Pelotas — Rua 15 de Novembro, 626
Porto Alegre — Rua dos Andradas, 1.205

BAÍA — Praça Tupinambá, 3
RECIFE — Rua Dr. José Mariano, 225
RECIFE — Loja : Rua da Imperatriz, 1
Fortaleza — Rua Floriano Peixoto, 794
Belém — Pará — Rua Sen. Barata, 138

Leon Israel Agrícola e Exportadora S/A

Exportadores de Café — Endereço Telegráfico WINDELIB

RIO DE JANEIRO — Avenida Rio Branco, 23 - sob. — Caixa 3104

SANTOS — Rua do Comércio, 42/44 — Caixa 77

Telefones : 2155 - 2156 - 2157

PARANAGUÁ — Avenida Gabriel de Lara s/n — Caixa 81

ARMAZEM LEÃO DE VICENTE CARVALHO

Grande Barateiro — Completo sortimento de Generos Alimentícios de primeira qualidade, Liquidos e Comestiveis finos

VENDAS POR ATACADO E A VAREJO - Depósito de Fubá de Milho, Farelo e Remoído - Moagem do CAFÉ TALITA

Maria de Jesus Ramos

Rua Ibitinga, 31 — V. Carvalho — L. Auxiliar

Bar, Depósito de Pão e Leite SÃO JOSÉ

Pães, Rosquinhas, Biscoitos, Doces, Mantelga, etc.

Bebidas Nacionais e Estrangeiras

M. JOAQUIM PEREIRA

Rua Andrade Figueira, 124 — Madureira

Chamados pelo TELEFONE 29-8361

M. 1; Capote de lá verde oliva, 1; Cinto de couro castanho com fecho de metal oxidado, 1; Distintivo de metal oxidado, 1; Divisa de cabo (par), 2; Espora de metal com correia (par), 1; Corro sem pala de brim verde oliva, 1; Tranqueta (coleção), 1; Túnica de brim verde oliva, 2. (Diário Oficial de 17-9-942).

UNIDADES D EINFANTARIA (Efetivo tipo)

E' autorizado o comando da 6.^a Região Militar a dar efetivo-tipo às unidades de infantaria de sua Região, convocando a disponibilidade para o Exército ativo na conformidade do decreto-lei n. 4.237, de 8 de abril último, para o preenchimento dos claros resultantes.

(Aviso n. 2.324, de 9 — D.O. de 11-9-924).

VILAS MILITARES (Ordem).

Em aditamento ao aviso número 1.690-Locp. 1, de 4 de junho de 1941, fica estabelecido que cabe aos comandantes de guarnições, onde existam vilas militares:

a) o estabelecimento das medidas de conjunto referentes ao policiamento e à conservação das vilas, na medida dos recursos das unidades administrativas interessadas ou dos que lhe forem concedidos;

b) a faculdade de ceder, a título precário as casas distribuídas a uma unidade a oficiais de outra unidade da vila, desde que no existam oficiais da primeira unidade para ocupá-las naquele carater.

(Aviso n. 2.383, de 14 — D.O. de 16-9-42).

Publicações recebidas:

A DEFESA NACIONAL recebeu, no período de 20 de agosto a 20 de setembro, as seguintes publicações:

"Revista Militar", n. 1, Julho de 1942, República Argentina. "Revista de Intendência", n. 3, Maio a Agosto de 1942, E. I., Rio. "Novas Diretrizes", n. 61, Setembro de 1942, Rio. "Military Review", n. 85, Julho de 1942, U.S.A. "Ejército y Armada" n. 18 — Agosto de 1942, Argentina. "Cultura Política", n. 18, Agosto de 1942, Rio. "Pátria", n. 5-6, Maio a Junho de 1942, México. "Liga Marítima Brasileira", n. 419-420-421, Maio a Julho de 1942, Rio. "Revista de Caballeria", n.º 65 a 68, Janeiro a Abril de 1942, Chile. "Revista de Infantaria", n. 151 a 154, Março a Junho de 1942, Chile. "Memorial del Ejército de Chile", n. 179, Março de 1942, Chile. "Revista Militar", ns. 3, 4, e 5, Março a Maio de 1942, Portugal. "Memorial del Estado Mayor", Maio a Dezembro de 1941 e Janeiro a Abril de 1942, Bogotá, Colombia. "Visão Brasileira", n.º 50, Setembro de 1942, Rio. "Revista de Medicina Militar", n.º 3, Julho a Setembro de 1942, Rio.

Gravatas

Uma Nova Secção da
Casa Sloper

NOÉ FERNANDES MARQUES

OFFICINA DE SERRALHERIA

FERREIRO, BOMBEIRO HIDRAULICO

E SOLDA OXIGÊNEA

168, RUA DO CATETE, 168

Telefone 25-0076

:-:

RIO DE JANEIRO

CASA PENEDO

RESTAURAÇÃO DE DOURADOS ANTIGOS.

ANTIGUIDADES E OBJETOS DE ARTE

PINTURA DE PREDIOS — LAQUE EM MOVEIS —

DOURAÇÃO DE MOVEIS, IGREJAS E SALÕES

José Esteves Gonçalves

Rua Carlos de Carvalho, 68 — Tel. 22-9429

Armarinho São João Batista

Grande sortimento de Fazendas, Bolsas, Meias, Perfumarias e todos os artigos de Armarinho em geral.

MANDAM-SE AMOSTRAS A DOMICILIO

IRMÃOS SKURNIK

Rua Vol. da Patria, 258 - Tel. 26-6124 - Botafogo - RIO

FACAS E FORMAS PARA INDÚSTRIA DE CALÇADOS, ARTES
GRÁFICAS E QUALQUER INDÚSTRIA.

FÁBRICA DE PRODUTOS QUÍMICOS E DE ROLETES E
ADESIVOS PARA INDÚSTRIA DE CALÇADOS

Sociedade Industrial **de Máquinas Fekima Ltda.**

Fábrica de Máquinas para Industria de Calçados

Rua Joaquim Palhares, 98

Telefone 48-4161 — End. Electr: "FEKIMA"

Rio de Janeiro

ARTIGOS DENTÁRIOS
ÓTICA - FOTOGRAFIA

PEDRAS PRECIOSAS
PERFUMARIAS, ETC. ETC.

OPTICA INGLEZA

N. MEDAWAR

AVENIDA RIO BRANCO N.º 60
RIO DE JANEIRO

TEL. 43-5224

Telegramas "QUALIDADE"

ENGLISH SPOKEN
ON PARLE FRANÇAIS

ARMAZEM CARVALHO

CASA FUNDADA EM 1889

Líquidos e comestíveis finos—Vendas por atacado e a varejo

Antonio dos Santos Carvalho

Sucessor de ANTONIO JOSÉ DE CARVALHO

Rua Dr. Silva Pinto, 2 — Tel. 48-5329

(Esquina da Rua Theodoro da Silva)

Vila Izabel

—:—

Rio de Janeiro

CONSELHOS GERAIS

Em caso de recear uma infecção, por ter estado em palestra ou em contacto mais prolongado com uma pessoa doente, aconselha-se, além de lavar as mãos e de gargarejar com água pura ou com água e sal, — chupar duas pastilhas de Panflavina para evitar uma angina, uma difteria ou outra infecção cuja porta de entrada é a boca.

As pastilhas de Panflavina dispensam, muitas vezes, os gargarejos antissépticos, alguns dos quais são, às vezes, irritantes.

Em época de gripes, de cachumba, de difteria, de escarlatina, não se deitar sem chupar, previamente, uma ou duas dessas pastilhas.

No caso de um filho ter estado em contacto com uma criança ou um adulto com uma das infecções acima referidas, deve-se dar-lhe, após as medidas gerais de asseio das mãos, do rosto e da boca, uma pastilha de Panflavina para chupar e, à noite, ao deitar-se, outra.

COMPANHIA CONSTRUTORA
CAPUA & CAPUA S. A.



COMPANHIA CONSTRUTORA
CAPUA & CAPUA S.A.

Engenharia Arquitetura Construções

MATRIZ — RIO DE JANEIRO

RUA DA ASSEMBLÉIA, 104 — 7.º Pavimento

Telefones: 42-4127 - 42-4126 - 42-4125 — Rede Interna

FILIAL EM SÃO PAULO

RUA CONSELHEIRO CRISPINIANO, 29

9.º Pavimento — Telefone: 4-7747

Companhia Fornecedora de Materiais

**LADRILHOS — AZULEJOS — LOUÇAS SANITARIAS E
MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO**

TEL. 22-7740 — Rede Particular

TELEGRAMAS "ARTHEDO"

Rua Frei Caneca, 35-39 -:- Rio de Janeiro -:- Brasil

ALTA QUALIDADE

BAIXOS PREÇOS

F. OLIVEIRA & Cia. Lda.

LIQUIDOS E COMESTIVEIS

ESCRITORIO:

RUA HUMAITÁ, 150

TELEFONE 26-4101

RIO DE JANEIRO

FABRICA "SILESIA"

KARL HÜBNER

Fabricação de canivetes marca "SILESIA" e de cutelaria em geral, cabos de galalithe para navalhas, etc.

RUA FERREIRA DE ANDRADE, 127 — MEYER

Fone 29-0224 — End. Teleg. SILESIA — RIO DE JANEIRO

HOTEL E RESTAURANTE CENTRAL

NO PONTO MAIS CENTRAL DA CIDADE

DE FAMILIA PÁRA FAMILIA

Instalado em confortavel predio, com 60 quartos e restaurante à Brasileira e à Italiana. — Serviço a "la carte" e diaria. — Dispõe de um bom bar. — Barbearia interna para conforto das Exmas. famillas. Manicure e cabelereira para Senhoras, — Restaurante no 1.º andar.

JOSÉ BONINI

AVENIDA SÃO JOÃO, 288

SÃO PAULO

Tels.: Gerência 4-0964

Portaria 4-5589

CASA DO SÓL

Completo sortimento de artigos para homens
Capas colegiais do Rio Grande.

Rua Marechal Deodoro, 461 — Esq. Galeria 84
Juiz de Fôra

LENHA — CAL — CARVÃO

Irmãos Oliveira

Deposito : Rua Halfelx, 189

TELEPHONE 1185

Juiz de Fôra

BAR E RESTAURANTE CAXIAS

Jorge Saad Jafat

Rua Bernardo Mascarenhas, 926

JUIZ DE FÓRA

—

E. DE MINAS

Padaria e Confeitaria Flôr da America

Preços Modicos

B. Lopes & Gonçalves

Rua Francisco Valle, 24 — Tel. 29-9119

ESTAÇÃO DE ENG. LEAL - RIO DE JANEIRO

Use m

papel couchê Nacional

“KLABIN”

FITAS PARA MAQUINAS DE ESCRIVER — PAPEL CARBONO

“AWECO”

Produtos de alta qualidade fornecidos a todas repartições publicas do Brasil
“AWECO ARTIGOS DE ESCRITORIO LTDA.”

Rua São Francisco da Prainha, 15 — Distrito Federal

Botêquim e Leitaria S. Benedicto

Completo sortimento de bebidas nacionais e estrangeiras, conservas, doces, balas, manteiga, queijos de Minas, frios, etc.

J. Gonçalves Filho

Rua Paranhos N. 1

E. de Ramos

Esq. do Caminho do Itararé

FONE 30-2145



RIO DE JANEIRO

Armazem FEIRA DA PENHA

Completo sortimento de Líquidos e Bebidas nacionais e Comestíveis finos e estrangeiras

Manoel Ribeiro

Estrada Braz de Pina, 235

Fone 30-2770

RIO DE JANEIRO

Panificação e Confeitaria Luso-Brasileira

Marca Registrada

Fabrico de Pão Francez, Alemão, Roulien, etc.
Especiais Rosquinhas de manteiga e
Bolachinhas d'agua e sal
Forno mecanico dos mais modernos,
Marca S. I. A. M.

Variedade sortimento de Biscontos Aymoré
e outras marcas.

Doces de todas as qualidades

Provem o delicioso café LUSO-BRASILEIRO

Rua Pereira Nunes, 289 (Esquina de Maxwell) - Fone 48-3610

A. M. SILVA

RIO DE JANEIRO

ATALAIA HOTEL APARTAMENTOS

A ultima palavra em modernos serviços de apartamentos, completo e elegantemente mobiliados--Ótima situação em Copacabana, bem próximo à prala, perto do Lido.--Todos os apartamentos têm vista para o mar, Banheiros completos e modernos, elevador, telefone em cada apartamento -- Serviços Domesticos e de Mensageiros

Restaurante - Preços razoaveis

Para informações detalhadas dirijam-se à Gerencia

256, AV. COPACABANA, 256

FONE : 27-0040

ENDEREÇO TEL. "ATALOTEL"

RIO DE JANEIRO

O novo e interessantíssimo livro de

EMIL LUDWIG

O MEDITERRANEO

Tradução direta do Alemão por Almir de Andrade

Outro livro do mesmo autor :

OS ALEMÃES

Edições da **LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA**

RUA DO OUVIDOR, 110

RIO DE JANEIRO

Armazem Predileto

Completo sortimento de generos de 1.^a qualidade — Conservas,
Vinhos finos e tudo concernen'e ao ramo — Preços sem competidor

ARLINDO TEIXEIRA

Rua Teodoro da Silva, 695-A

Tel. 38-1993 - Vila Izabel

Armazem e Bar São Domingos

Liquidos e Comestiveis Finos — Bebidas finas Nacionais e Estrangeiras, Conservas, etc.

D. FREITAS

Rua Barboza, 85

Cascadura

Rio de Janeiro

Biblioteca da "A DEFESA NACIONAL"

Livros à venda:

Notas sobre o emprego do Batalhão no terreno — Cmt. Audet	3\$500
Notas de Aula — Cap. Cyro Sodré	9\$000
Ortografia Simplificada Brasileira — Gal. Klinger	4\$500
O Serviço de Informações e de Transmissões em Campanha durante uma ação dum regimento de infantaria (caso concreto) — Cap. Geraldo Cortes	10\$500
Organização de Competições entre equipes — Cap. Jair	3\$000
O Oficial de Cavalaria — Gal. V. Benício da Silva	11\$000
Oeste Paranaense — Ten.-Cel. Lima Figuerêdo	9\$000
O Surto do Japão — Major Nicanor G. Souza	2\$000
O Tiro de Artilharia de Costa — Cap. Ary Silveira	5\$000
Os Pombos Correios e a Defesa Nacional - Dr. Freitas Lima	4\$000
O Livro do Soldado — Ten.-Cel. Araripe	7\$000
O Oficial de Informações — A. Mermet — Trad. e aplic. Cap. José Horacio Garcia	6\$500

Cousas Práticas

ADQUIRIR livros
pelo serviço de reem-
bolso postal da seção
de publicidade de **“A
Defesa Nacional”**.

CAIXA POSTAL N.º 32

MINISTERIO DA GUERRA

RIO DE JANEIRO

Serviço rápido e seguro

A EQUITATIVA

SEGUROS DE VIDA - FUNDADA EM 1896

Presidente: Dr. Franklin Sampaio

A EQUITATIVA é a ÚNICA Sociedade de Seguros de Vida em todo o território nacional, que opera em Sorteios, com prêmios pagos em dinheiro à vista. A EQUITATIVA em todo o Brasil é a ÚNICA Companhia de Seguros de Vida que pertence aos seus assegurados.

A EQUITATIVA ATE' 31-12-1941 PAGOU

Sorteios	Rs. 29.310:000\$000
Sinistros	Rs. 64.660:000\$000
Liquidações em vida . .	Rs. 100.108:000\$000

PAGAMENTOS EFETUADOS DE 1 DE JANEIRO A 30-6-1942:

Sorteios	Rs. 390:000\$000
Sinistros	Rs. 1.455:000\$000
Liquidações em vida	Rs. 1.582:000\$000

Apólices liberais — Apólices com Sorteios em dinheiro à vista — Apólices de dotações de crianças — Apólices de garantia de empréstimos hipotecários — Seguro Comercial — Seguro em Grupo

AGENCIAS EM TODOS OS ESTADOS

SEDE: AV. RIO BRANCO, 125 — RIO
(Efifício próprio)

Banco Hipotecário "Lar Brasileiro"

S. A. DE CRE'DITO REAL

RUA DO OUVIDOR, 90

TELEFONE: 23-1825

DEPOSITOS — Em contas à vista e a prazo, mediante as seguintes taxas: **Movimento**, 3 % ao ano; **Conta Limitada**, 5 % ao ano; **Conta Particular**, 6 % ao ano; **Prazo Fixo**, 1 ano, 7 % ao ano, 2 anos ou mais 7½ % ao ano; **Com aviso prévio de 60 dias**, 4 % ao ano e de 90 dias, 5 % ao ano; **A prazo com renda mensal**, 1 ano, 6 % ao ano; 2 anos, 7 % ao ano.

Livros à venda na **Biblioteca da A Defesa Nacional**

História Militar do Brasil — Gustavo Barroso	13\$000
Índios do Brasil — Ten.-Cel. Lima Figuerêdo	13\$000
Indicador Paranhos até 1935	13\$000
Invasão e Tomada das Ilhas Balíticas	5\$000
Impressão de Estágio no Exército Francês — Cel J. B. Magalhães	3\$000
Instrução na Cavalaria — Cap. Mena Barreto	11\$000



Anel de Identidade Militar

Temos a honra de apresentar, com absoluta exclusividade, aos srs. Oficiais do Exército, uma jóia de real utilidade e bom gosto

Inglese & Lopes

Rua Miguel Couto, 61 - (Antiga Rua dos Ourives)

FONE: 43-3098

Casa Mauá

Ferragens, Tintas, Louras, Materiais Elétricos. Objetos de Fantasia para presentes e Artigos para uso doméstico.

Madeiras, Telhas, Cal, Cimento, Manilhas e outros Materiais de Construção.

E. R. COUTO

719, Estrada Braz de Pina, 719 - Circular da Penha — Rio de Janeiro

CASA E ARMAZEM VILLELA

Completo sortimento de Secos e Molhados, Generos do País, Conservas e Bebidas Nacionais e Extranqueiras.

ESPECIALISTA EM ARROZ — Preços Barattissimos — Vendas a Dinheiro — ENTREGAS A DOMICILIO

OTTONI VILLELA DIAS

Av. Coronel Vidal N. 4 - Mariano Procopio - Juiz de Fôra - Minas

HOTEL AVENIDA Capacidade para 500 Hospedes

O Mais CENTRAL O Mais COMODO O Mais ECONOMICO

ÁGUA CORRENTE e TELEFONE em todos os QUARTOS

Diária por pessoa de 35\$ a 45\$ — Diária para casal de 60\$ e 70\$ — Com banheiro para casal de 80\$ e 90\$.

AV. RIO BRANCO, 152 a 162 — End. Electr. "AVENIDA" — Tel. 22-9800 — RIO DE JANEIRO

ARTIGOS DE ESCRITÓRIO E MATERIAL DE ENGENHARIA.
PAPEIS DE TODAS AS QUALIDADES. — IMPRESSOS EM GERAL.

PAPELARIA BRASIL

L. J. COSTA & CIA.

Rua da Quitanda, 89

TELS. 43-1769 e 43-6545

End. Electr. "PAPEL" —

RIO DE JANEIRO

ARMAZEM PADRÃO

SECCOS E MOLHADOS
Com moagem própria do
especial CAFÉ →

Bebam Café
PIMPÃO - extra

ARTIGOS DE PRIMEIRA
QUALIDADE
Nacionais e Extranqueiros

JOAQUIM HANSEN

Rua Marechal Deodoro, 11 —

Telefone 2843

Filial: Rua Monte Caseros, 141 - Telefone 2034

PETRÓPOLIS

Atanagildo de Oliveira — Secos e Molhados — Generos de 1.^a — Conser-
vas Nacionais e Extranqueiras — Av. 7 de Setembro, 432 — Juiz
de Fóra — Minas.

Casa União — Valentim Colsera & Irmão — Armazem Secos e Molhados
— Bebidas Nacionais e estrangeiras. — Rua Alfeld, 2 — Fone 124
— Juiz de Fora.

Casa Couri — Armarinho, Fazendas, Perfumarias, etc. — Filipe Couri
Jabour — Rua Marechal Deodoro, 109 — Juiz de Fóra.

Bazar São João — N. Abrahão & Irmão — Rei dos Barateiros — Se-
das e Modas — Rua Marechal Deodoro, 15 — Juiz de Fóra.

Loja Síria — João Mokdeci & Irmãos — a Rainha dos tecidos finas —
Rua Marechal Deodoro, 71 — Juiz de Fora — Minas.

A DEFESA NACIONAL é do Exército

Trabalhar para ela é trabalhar
PARA O EXÉRCITO

MANDEM SUAS
COLABORAÇÕES

Redação e Administração:
QUARTEL GENERAL DO EXÉRCITO
Rio de Janeiro — Telefone: 43-0563

EXPEDIENTE

Diariamente das 14 às 18 horas.
O Gerente é encontrado diariamente das 14 às 17 horas.

SECÇÃO DE INFORMAÇÕES

"A Defesa Nacional" mantém uma secção de informações destinada a atender aos Srs. Socios e Assinantes que servem fóra da guarnição do Rio-de-Janeiro.

- a) Fornecer-lhes todas as informações solicitadas sobre interesses pessoais ou militares.
- b) Fazer, mediante encomenda, a aquisição de objetos na praça do Rio-de-Janeiro.

SECÇÃO DE PUBLICIDADE

Diretor: Cel. Orozimbo Martins Pereira
Diariamente — das 9 às 12 horas e das 14 às 16 horas.

CORRESPONDENCIA

Toda a correspondência relativa à Gerência deve ser remetida para a Caixa Postal 32, Ministério da Guerra. As colaborações deverão ser entregadas ao Ten.-Cel. Lima Figueirêdo, Caixa Postal, Ministério da Guerra.

P R E Ç O S

Officiais e sub-tenentes	{	ano	30\$000
		semestre	15\$000
Sargentos.....	{	ano	25\$000
		semestre	14\$000

Os assinantes avulsos, caso desejem que a revista siga registrada, os assinantes do estrangeiro, devem pagar mais 2\$400 por semestre.

Os officiaes que desejarem ser socios de "A Defesa Nacional", deverão pagar uma joia de 50\$000 de uma só vez ou em diferentes prestações durante um ano comercial.

Colaboram neste número

Cel. Ademair Brito
Cel. João Baptista Magalhães
Ten.-Cel. Paulo Mac Cord
Major Olímpio Mourão Filho
Major Xavier Leal
Major Alberto Ribeiro Paz
Cap. José Horácio Garcia
Cap. Affonso Cenatieri Filho
Cap. Eng. Newton F. Ferreira
Cap. Alcyz D'Avila Mello
Cap. Geraldo Alves Dias
Cap. Felicissimo de Azevedo Aveline
Cap. Valmir de Araripe Ramos
1.º Ten. Umberto Peregrino
1.º Ten. L. E. Mário Martins de Freitas
1.º Ten. Julio Cesar de Saint Edmond
1.º Ten. Octavio Alves Velho
Tenente Dr. Guilherme Auler



4\$000